



SIP 2023.1

caderno de resumos



**seminário interdisciplinar
de pesquisa
2023.1**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DLA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES (PPGL)**

Reitor

Alessandro Fernandes de Santana

Vice-Reitor

Maurício Santana Moreau

Diretor do DLA

Fernando José Reis de Oliveira

Coordenador do PPGL

Rogério Luid Modesto dos Santos

Vice-coordenador do PPGL

Isaías Francisco de Carvalho

Secretária do PPGL

Jaíne Andrade Pereira

Docente Métodos e Práticas de Pesquisa II

Vânia Lúcia Menezes Torga

Comissão Organizadora

Erika Jane Ribeiro (Linha A)

Prof. Dr. Isaías Francisco de Carvalho (docente presidente da comissão)

José Pedro de Carvalho Neto (Linha B)

Juma Manuel (Linha A)



APRESENTAÇÃO

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) é uma atividade de participação obrigatória curricular do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC), prevista em seu regimento interno, e é pré-requisito para a realização do Exame de Qualificação das dissertações e teses em andamento.

A aprovação no SIP não se dá por nota, mas pelo conceito “Aprovação em Atividade”, condicionada unicamente à participação de discentes e à apresentação das atividades solicitadas pela comissão organizadora.

Atualmente, o SIP é realizado no primeiro semestre, reunindo as pesquisas desenvolvidas por pessoas doutorandas, e, no segundo semestre, com os trabalhos de pessoas mestrandas. Esses são momentos em que é possível compartilhar e discutir as pesquisas em desenvolvimento por discentes do PPGL-UESC.

Desde 2016, as programações e os resumos do SIP são disponibilizados na página do programa, contribuindo, desse modo, para uma relação de transparência com a comunidade e um aumento da visibilidade do conhecimento produzido pelo corpo discente e docente, com impacto positivo para os mecanismos de avaliação externa do PPGL/UESC.

Neste semestre, as discussões e apresentações serão realizadas em três encontros e de modo remoto, via Google Meet, em 18 e 19 de julho de 2023, sendo o primeiro dia para as linhas de pesquisa A (manhã) e B (tarde), e o segundo dia para a linha C (manhã).

Comissão Organizadora SIP 2023.1

sippgluesc@gmail.com

SUMÁRIO

LINHA A.....	19
COMUNIDADE DE LEITORES DA EJA: O LETRAMENTO LITERÁRIO E DIGITAL MEDIADOS PELA LEITURA DE CONTOS E HIPERCONTOS.....	8
Berenice da Silva Justino.....	8
Raquel da Silva Ortega (orientadora).....	8
PROVOCAÇÕES DA ESCRITA AFROFEMINISTA: AUTOINSCRIÇÃO E SUBVERSÃO EM NEGRAS CRÔNICAS	16
Elizane Souza dos Santos Henriques	16
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador).....	16
INTERPOETICAÇÕES DAS ESCRITAS CAATINGUEIRAS: ENTRE-VEREDAS ÚMIDAS	25
Erika Jane Ribeiro.....	25
Alexandre Fernandes (orientador).....	25
¿DE QUIÉNES SON LAS VOCES DE LA LITERATURA FEMENINA QUE CONOZCO?.....	35
Gleid Ângela dos Anjos Costa.....	35
Raquel da Silva Ortega (orientadora).....	35
ESTÉTICA DA RURALIDADE E DISSIDÊNCIA EPISTÊMICA EM XITALA MATI, DE ALDINO MUIANGA E MAKÁ NA SANZALA, DE UANHENGA XITU.....	43
Juma Manuel.....	43
Profa. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues (orientadora).....	43
TRANSFEMINISMO INTERSECCIONAL E AQUILOMBAMENTOS: VOZES ‘TRANSVESTIS’ NEGRAS EM MOVIMENTOS CULTURAIS DE RUA	51
Marcelo de Jesus de Oliveira.....	51
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador).....	51
PRODUÇÃO INTELLECTUAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS: VOZ NEGRA NA LITERATURA DO SÉCULO XIX.....	59
Thaís Oliveira Andrade	59
Paula Regina Siega (orientadora).....	59

LINHA B 67

**ARGUMENTAÇÃO PRÁTICA NO ENSINO MÉDIO EM PESQUISA-
AÇÃO: DESENVOLVENDO A DELIBERAÇÃO EM EVENTOS DE
(MULTI)LETRAMENTOS 68**

Bougleux Bomjardim da Silva Carmo 68

Isabel Cristina Michelan de Azevedo (orientadora) 68

**ARGUMENTAÇÃO DELIBERATIVA EM ASSEMBLEIAS GERAIS DE
MORADORES DO ASSENTAMENTO FREI VANTUY: UMA PROPOSTA
DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS
CAPACIDADES ARGUMENTATIVAS 80**

Elionai Mendes da Silva 80

Eduardo Lopes Piris (orientador) 80

**USOS E CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS DE COLOCAÇÃO – PÔR,
COLOCAR E BOTAR – EM TWEETS: UMA ABORDAGEM
SOCIOCONSTRUCIONISTA..... 90**

Iolanda Ferreira dos Santos 90

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack (orientadora) 90

**ENTRE BORDAS E BORDADOS: A ESCRITA NO FÉMININ DE
DERRIDA 99**

José Pedro de Carvalho Neto 99

Élida Paulina Ferreira (orientadora) 99

**SOU SURDO(A) E NÃO SABIA: EMOÇÕES DA DESCOBERTA,
AQUISIÇÃO DE LINGUAGENS..... 108**

Luzia Gonçalves Oliveira Silva 108

Rodrigo Camargo Aragão (orientador) 108

Wolney Gomes Almeida (co-orientador) 108

**GLOBALIZAÇÃO, POLÍTICA LINGUÍSTICA E LINGUAGEM; NEXOS
ENTRE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E RACISMO
LINGUÍSTICO 116**

Nicolas de Oliveira Santos 116

Gabriel Nascimento dos Santos (orientador) 116

**ARGUMENTAÇÃO, RETÓRICA E DISCURSO JURÍDICO: UMA
ANÁLISE DA ADI 3446 DO STF 123**

Wagner Freitas Silva¹ 123

Isabel Cristina Michelan de Azevedo – (orientadora) 123

LINHA C129

A COMPOSIÇÃO AUTORAL NO TWITTER: UMA ANÁLISE DO "EU" PRESIDENCIAL NO PERFIL @JAIRBOLSONARO130

Ciro Antonio das Mercês Carvalho 130

Maurício Beck (orientador)..... 130

ESCRITAS AUTO-BIO-GRÁFICAS FEMININAS NO ESPAÇO BIOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO138

Girlândia Gesteira Santos 138

Vânia Lúcia Torga (orientadora) 138

AFROEMPODERAMENTO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO IF BAIANO ACERCA DO GENI 148

Italanei Oliveira Fernandes 148

Ricardo Oliveira Freitas(orientador) 148

CORPO DO/NO CINEMA E A ADAPÇÃO EM CINE HOLLIÚDY.....155

Louise Emilie Nascimento Marques Pinto 155

Valéria Amim (orientadora) 155

Marlúcia Mendes da Costa (co-orientadora)..... 155

INTERMIDIALIDADE E INSTAPOESIA DE RESISTÊNCIA NOS PERFIS @DANIELMINCHONI E @POETASEUZÉ163

Roberta Santos Miranda 163

Marlúcia Mendes da Rocha (orientadora) 163

MEMÓRIA, LITERATURA E JORNALISMO: REVISITANDO O ATIVISMO HOMOSSEXUAL DE AGUINALDO SILVA NO CONTEXTO DO REGIME MILITAR (1964-1988) 171

Tiago Calazans Simões..... 171

Valéria Amim (orientadora) 171

ESTÉTICA FEMINISTA E PRÁTICAS SUBVERSIVAS NA ARTE: OS GRAFITES DE MARIA GALINDO179

Yamil Escaffi..... 179

Profa. Dra. Valeria Amim (orientadora)..... 179



A

**literatura
e interfaces**

COMUNIDADE DE LEITORES DA EJA: O LETRAMENTO LITERÁRIO E DIGITAL MEDIADOS PELA LEITURA DE CONTOS E HIPERCONTOS

Berenice da Silva Justino¹
Raquel da Silva Ortega (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

As experiências e abordagens em pesquisas sobre a leitura literária e sua relação com a sala de aula vêm se constituindo como objetos de estudo na graduação e pós-graduação por muitos estudiosos no Brasil. Alguns desses estudos têm focalizado, sobretudo, o letramento literário, mediados pela leitura de textos impressos com o foco na formação de leitores. Logo, o nosso estudo busca enveredar por uma perspectiva ainda pouco estudada, ou seja, queremos oferecer uma experiência de leitura de textos literários para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em diferentes suportes de texto – impresso e digital³. Desta forma, iremos ampliar os níveis de letramento literário por meio da leitura de contos impressos, como também, apresentaremos outras possibilidades de leitura em tela digital, com a leitura de hipercontos, visando ampliar as experiências leitoras desses sujeitos, favorecendo, assim, o letramento digital.

Pretendemos, com essa pesquisa, realizar o registro das vozes dos alunos da EJA, a partir da observação das interações desses sujeitos nos círculos de leitura, proposta sugerida por Rildo Cosson (2021), baseada em suas experiências em sala de aula e dos seus estudos sobre a temática. Nosso interesse é observar como esses alunos leem, compartilham e mobilizam essas experiências de leitura nos diferentes suportes textuais.

É essa prática de ler e discutir os textos que constitui qualquer aula de literatura, ou seja, [...] um momento em que se promove uma interação com os textos literários. Uma interação que leva o aluno a conhecer e até fazer do texto uma referência em sua vida [...]” (COSSON, 2021, p. 115).

Consideramos essa experiência como um ponto de partida para a formação de uma comunidade de leitores, pois ampliam suas leituras em diferentes suportes, a partir das escolhas

¹berenicejustino@yahoo.com.br

²rsortega@uesc.br

³ Utilizaremos a obra *Teoria do conto*, de Nádia Battela Gotlib (1990, p. 09) para discutir sobre alguns pontos que caracterizam o gênero. Disponível em: <file:///C:/Users/puxinana/Downloads/Nadia%20Battela%20Gotlib%20-%20Teoria%20do%20Conto.pdf>. Acesso em 06 de junh. de 2023. Segundo Marcos Celírio dos Santos (2014, p.02), em seu artigo: *Entre contos e hipercontos: uma proposta de trabalho integrado para o desenvolvimento dos multiletramentos*, discutiremos que no projeto que “o gênero hiperconto, configura-se como uma versão do conto canônico para o ambiente digital”. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/286.pdf>. Acesso em 06 de junh. de 2023.

das obras, uma das etapas do projeto, e do compartilhamento dessas leituras nos círculos de leitura, que fará parte de todas as etapas da pesquisa, e contará com a participação ativa da pesquisadora, pois se envolverá no processo de discussões dos textos, com intervenções, ao discutir e propor para além das indicações das leituras, segunda etapa da pesquisa, mas propor outras formas de comunidades de leitores que ultrapassam os muros da escola – um clube de leitura virtual.

Pretendemos, com essa pesquisa, responder às seguintes questões: Como os textos literários impressos e digitais podem mediar o letramento dos alunos da EJA? Como os leitores da EJA do 8^a/9^a interagem entre si nos círculos de leitura com os contos e *hipercontos*? Como acontece o percurso de leitura com os textos literários impressos e digitais, analisando quais as estratégias de seleção e antecipação? Diante desses questionamentos, a pesquisa parte da hipótese de que é possível ampliar os níveis de letramento dos alunos da EJA mediados pela leitura literária nos suportes impressos e digitais (contos e *hipercontos*).

Como aporte teórico, discutiremos questões relacionadas à leitura, interação, letramento e formação do leitor literário em círculos de leitura no contexto da Educação de Jovens e Adultos e sobre o letramento digital, baseado nos pressupostos de Castrillón (2011), Cosson (2021), Kleiman (1995), Machado (2002), Soares (2002), Xavier (2002), Arroyo (2022), Silva (2005), entre outros estudiosos.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Fomentar interações com a leitura literária mediados por textos impressos e digitais em círculos de leitura com alunos da EJA a fim de formar comunidades de leitores.

Objetivos específicos

- Verificar como se dá a interação dos leitores da EJA durante os momentos de compartilhamento das leituras literárias dos contos e *hipercontos* nos círculos de leitura.
- Comparar as práticas de leitura literária no digital (*hipercontos*) com as práticas de leitura literária nos textos impressos (contos).
- Analisar como acontece o percurso de leitura com os textos literários na

tela digital, quais as estratégias de seleção dos caminhos de leitura dos *hipercontos* e as inferências durante a produção de significados dos textos lidos.

JUSTIFICATIVAS

Pensando em oportunizar a ampliação dos níveis de letramento literário e digital para o público da modalidade da EJA, essa pesquisa justifica-se pelo interesse em proporcionar uma experiência de leitura literária em suportes impressos e digitais em círculos de leitura, visando, principalmente, à formação de leitores. A escolha do público da EJA deve-se ao fato de que, na maioria das vezes, por se tratar de sujeitos adultos e trabalhadores, não dispõem de tempo para o estudo, e, conseqüentemente, para o acesso à leitura literária, tanto nos suportes impressos como nos digitais. Com essa pesquisa, pretendemos realizar uma devolutiva social, possibilitando o direito à literatura, por meio desses dois letramentos que são fundamentais para o sujeito enquanto cidadão, visto que os estudantes da EJA são historicamente marginalizados, esquecidos socialmente, pois existem poucas políticas públicas que se voltam para esse público.

Para Castrillón (2011, p. 08), “[...] ao confirmar a liberdade como um direito inalienável, a leitura se faz indispensável para alimentar esta mesma liberdade”. Segundo a autora, é pela leitura que nosso pensamento crítico e criativo se configura e é através dela, que o sujeito se torna um ser de relações, isto é, de interação consigo mesmo e com o Outro.

APARATO TEÓRICO

Muitos estudos já foram realizados visando a investigar as interrelações entre a literatura e a leitura no contexto escolar e, em tempos não muito distantes, percebemos que os olhares se voltaram para essa leitura literária no contexto digital. Silva (2005) discute que existe a presença de dois discursos: o da escola sobre a leitura e o da leitura sobre a escola e que parece que não há nenhuma sintonia entre eles, na medida em que se observam um descompasso entre as práticas de leitura que circulam na escola e as discussões fora dela.

É fato que as conexões entre leitura e literatura existem, porém, essas relações precisam ser ainda mais enfatizadas, reavaliadas e ampliadas, visto que outros contextos vêm cobrando da escola que outras práticas de leitura sejam inseridas de acordo com as práticas sociais da contemporaneidade. Precisamos nos deter a olhar para dentro e para

além dos muros escolares, visto que a leitura literária em outros suportes ainda parece uma novidade para uma parcela significativa de alunos excluídos, a exemplo de alunos da EJA, que muitas das vezes, por inúmeros motivos, como as condições de trabalho, evadem da escola, ou são apenas “passageiros” dela, visto que, “esses jovens-adultos, submetidos a trabalhos tão instáveis, não são senhores de seus tempos [...]” (ARROYO, 2022, p. 63), e, por isso, não conseguem a permanência regular na escola e sofrem também o apagamento de suas vozes enquanto leitores.

Segundo Kleiman (1996, p. 24), “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto”. Diante dessas discussões, baseadas nos estudos de Cosson (2021), sobre círculos de leitura e os diálogos que esses círculos proporcionam, nos propomos a realizar uma experiência de letramento com textos literários impressos e digitais com o público da EJA. Para o autor, círculos de leitura “é uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem juntamente uma interpretação do texto lido [...]” (COSSON, 2021, p. 09). Assim, a leitura literária não deve ser apenas uma prática escolar, mas um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor em interagir com o autor e com o próprio texto, procurando produzir sentidos, vivenciar experiências e compreender a realidade.

Ainda, segundo o autor,

Na escola, um círculo de leitura é uma estratégia [...] de letramento literário porque, além de estreitar laços sociais, reforça identidades e solidariedade entre os participantes, [...], possibilitando no compartilhamento da obra lida por um grupo de alunos a ampliação das interpretações individuais (COSSON, 2021, p. 09).

Essa leitura pode e deve ser iniciada na escola, afinal, “a leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem saímos de casa; é a exploração de experiências as mais variadas, quando não podemos viver realmente” (MACHADO, 2002, p. 25).

Sobre a leitura em ambientes digitais, Xavier (2002, p. 02) discute que a tecnologia nos levou a necessidade de “mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais (imagens, desenhos gráficos) na tela digital”. Nesse contexto, o usuário precisa compreender que não se trata de uma simples busca, mas é necessário saber o que procura no “vasto mundo virtual”. É com essa mesma atitude aberta, receptiva, que o leitor deve percorrer o espaço dado pela internet à literatura, pois, nas páginas da *web*, crescem, a cada dia, os endereços que levam a *sites* literários.

Soares (2002, p. 151) afirma que “A tela como espaço de leitura e de escrita traz

não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento”. Isto é, a literatura contemporânea sugere a existência de múltiplas possibilidades como opção para se trabalhar o código, a heterogeneidade temática como elementos que o aluno poderá reconhecer para ampliar suas estratégias interpretativas diante de textos impressos e em telas digitais.

METODOLOGIA

Nosso percurso metodológico será a pesquisa ação- participante. Segundo Gil (2002), assim como a pesquisa- ação, a pesquisa participante caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Ela busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade.

Os colaboradores da pesquisa serão aproximadamente 20 estudantes do 8º e 9º da modalidade EJA, com faixa etária entre 16 e 50 anos, sendo estudantes da zona urbana e rural. Eles irão participar dos dois semestres da pesquisa, a qual realizaremos na escola pública do município de São Sebastião de Lagoa de Roça-PB.

Como instrumentos para coleta de dados, serão utilizados um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, o qual pretendemos aplicar de duas formas: uma impressa, com perguntas abertas, e outra de forma digital, utilizando o formulário do *google forms*. Solicitaremos aos colaboradores da escola (direção e coordenação da EJA) o registro dos documentos oficiais sobre matrícula, evasão e permanência dos alunos dos anos de 2019, início do período da pandemia, até o momento da realização da pesquisa (2023) para análise do contexto atual. Será utilizado, ainda, um diário de anotações durante todo o processo de análise e observações do material colhido.

Criaremos um grupo de *WhatsApp* que será aberto apenas no momento da experiência com a leitura dos textos digitais para registros das impressões das leituras dos alunos. A pesquisadora terá papel duplo de observadora e participante da pesquisa, pois será mediadora de todo processo de discussões dos círculos de leitura, por isso, faremos uso da observação-participante, tanto durante a participação dos alunos nas discussões do grupo de *WhatsApp*, *corpus* da análise das ferramentas, como, também, nos momentos de interação durante os compartilhamentos das leituras nos círculos de leitura.

A pesquisa acontecerá durante aproximadamente 04 (quatro) meses, sendo 01 (um) encontro por semana (2 horas cada encontro), totalizando, aproximadamente, 20 encontros. Iniciaremos, no primeiro semestre (04 encontros), com as turmas do 8^a ano, faremos a primeira etapa do projeto. No segundo semestre, seguiremos com a segunda e terceira etapa com o 9^a ano (ciclo final da turma anterior).

No processo inicial da primeira etapa da pesquisa, iremos organizar períodos para apresentar o projeto ao público alvo e a aplicação dos questionários impresso e digital e um momento de motivação. Em outro encontro, levaremos alguns livros pré-selecionados de contos, da biblioteca da escola para sala de aula, propondo a escolha livre das primeiras leituras e realização do compartilhamento no círculo de leitura. Em outro momento, selecionaremos contos impressos que atendem ao universo de expectativa do público alvo de acordo com as preferências de leituras, que será previamente consultado no questionário aplicado aos alunos. Para não focarmos apenas nas temáticas e textos que atendem aos gostos dos alunos e ampliarmos essas leituras, levaremos, na segunda etapa da pesquisa, sugestões de leituras de contos, com diferentes temáticas sociais, tais como: violência, racismo, entre outras, para leitura e discussão nos círculos de leitura, a fim de observar a recepção e a interação na discussão desses textos.

Os textos escolhidos serão de autoria brasileira e de autoria africana. Com esses textos, analisaremos se os estudantes percebem as aproximações das temáticas, as linguagens e reconhecem as subalternidades envolvidas. Os textos escolhidos são: *Baleia*, de Graciliano Ramos; *Nós matamos o cão tinhoso*, de Luíz Bernardo Honwana; *Nós choramos pelo cão tinhoso*, de Ondjaki; *O mundo de Dalton*, de Thaise Santana; *O drama de vavó Tutúri*, de Jofre Rocha e *Totonha*, de Marcelino Freire, entre outros que poderão surgir.

Para o terceiro momento (3^a etapa) de interação dos alunos da EJA, a fim de ampliarmos o letramento literário mediados pela leitura em rede de *hipercontos*, sugerimos alguns textos disponíveis no site <http://literaturadigital.com.br/?pg=25014>. Os títulos são: “*Um estudo em vermelho*” (uma história, 8 finais, descubra qual seria o seu), de Marcelo Spalding; “*Assalto ao banco*”; “*Um barulho no porão*” e “*A(s) história(s) de Arthur*”; “*Desacertos da vida*”; e “*Os amigos e os inimigos*”, de autoria de Marcos Celírio dos Santos. Essa experiência também será compartilhada nos círculos de leitura, pois eles compartilharão as leituras, os caminhos escolhidos, suas seleções e estratégias enquanto leitores em tela digital de hipertextos.

DISCUSSÃO

Essa pesquisa baseia-se no plano dos significados, das relações e das interações, pois entende-se que todo o processo de leitura literária, no impresso e na tela digital, demanda toda uma preparação, metodologia e que acontecerá com o envolvimento de todos os sujeitos dessa experiência, pesquisadora e alunos, por isso, ambos são foco dessa pesquisa, pois eles vêm modificando suas práticas, ao saírem do espaço físico da sala de aula para interagirem de forma colaborativa no espaço digital, sendo leitores/navegadores.

Na etapa interativa da pesquisa, iremos observar, nos círculos de leitura, as práticas leitoras nas abordagens da leitura literária e os efeitos dessas práticas diante dos textos impressos e dos textos que se utilizam da tecnologia digital. Esperamos que essa experiência tenha efeito de estímulo e de promoção de leitores ativos com as ferramentas digitais e que amplie os diferentes letramentos – literário e digital. Iremos analisar, juntamente com os participantes da pesquisa, as dificuldades e a superação que encontramos durante o processo da pesquisa. Essas discussões sobre as experiências são possibilidades práticas para se conhecer o que tornou a experiência atrativa, questionadora e o que consideraram novo na forma de abordagem literária, o que foi mais relevante e o que poderá permanecer.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. (2017).
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed. 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e Letramento literário** 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSSON, R. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOTLIB, Nádía Battela (1990). **A Teoria do conto**. Disponível em: <file:///C:/Users/puxinana/Downloads/Nadia%20Battela%20Gotlib%20-%20Teoria%20do%20Conto.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2023.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 1996. Campinas: Pontes.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SANTOS, M. C. dos (2014) **Entre contos e hipercontos**: uma proposta de trabalho integrado para o desenvolvimento dos multiletramentos. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiel/wp-content/uploads/2014/11/286.pdf>. Acesso em 06 de junho de 2023.

SANTOS, M. C. dos. (Hipercontos). Disponível em: <http://literaturadigital.com.br/?pg=25014>. Acesso em: 06 de junho de 2023.

XAVIER, A. C. dos S. **O hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação. Tese de Doutorado em Linguística, IEL, UNICAMP, Campinas. 2002.

Palavras-chave:

Letramento literário. Letramento digital. Círculos de leitura.

PROVOCAÇÕES DA ESCRITA AFROFEMINISTA: AUTOINSCRIÇÃO E SUBVERSÃO EM *NEGRAS CRÔNICAS*

Elizane Souza dos Santos Henriques¹
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A atualização/valorização do saber voltado à identidade negra é basilar para reconhece-se as mudanças de paradigmas resultantes das resistências negras e africanas, desde o período colonial português à contemporaneidade. Inegavelmente, o duplo domínio escravocrata-colonial lusitano, reverberado nas novas formas de colonialidades, deixou marcas irreversíveis e questões emblemáticas que precisam ser problematizadas teoricamente.

Em contexto brasileiro, evidenciam-se os estigmas nas identidades deslegitimadas, notadamente, de negras/os, e, do mesmo modo, a invisibilização da produção estético-literária negro-brasileira e das narrativas afrofeministas, que visam representar esse segmento populacional. Nesse sentido, o pórtico deste projeto trata de reconhecer o diálogo entre as produções ficcionais e as ocorrências histórico-culturais implicadas aos/às negros/as, a partir das heranças escravagista, colonial e patriarcal, haja vista o entrecruzamento da história com a ficção (PESAVENTO, 2003).

Destaca-se, apesar da experiência colonial, que a identidade negra não se destituiu de suas subjetividades. Com efeito, vislumbra-se como exemplar a autoinscrição identitária e a subversão dos estigmas pejorativos, ambos em máxima na obra *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019), autoria de vinte e cinco escritoras negras brasileiras. Para além da denúncia do racismo, dentre as trinta crônicas, várias contrapõem os estigmas pejorativos desde a formulação dos títulos das narrativas, em uma dimensão de protagonismo; são destaques: “Pretinhas”; “Poderosas”; “A menina sem cor”; “Colo de mãe negra é acalanto de luta” e “Povos da noite”.

Guardadas as suas particularidades, as narrativas da obra escolhida se vinculam estritamente à oralidade e à escrita, evocam, pois, um referente de mundo para produzir realidades. Neste esboço, permite-se formular a seguinte questão de pesquisa: Como se institui a autoinscrição identitária na obra escolhida para o estudo, considerando os

¹ santoselizane74@gmail.com. Bolsista CAPES.

² pauloroberto3031@uol.com.br

elementos estético-literários utilizados para a subversão do reducionismo ontológico infligido à pertença negra?

Para essa verificação, atenta-se aos objetivos apresentados a seguir:

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar a autoinscrição sócio-política e identitária representada nas narrativas da obra *Negras Crônicas: escurecendo os fatos* (2019), sobretudo, os recursos estético-literários, utilizados nessas obras para subverter o reducionismo ontológico infligido à pertença negra, considerando as relações intrínsecas ao gênero crônica e, contribuindo na valorização e visibilidade da literatura em estudo.

Objetivos específicos

- Elucidar as particularidades da crônica negro-brasileira e afrofeminista: em sua respectiva trajetória, dentro da literatura brasileira, considerando o entrelaçar da ficção com a história e a memória, para contextualizar a história da literatura em que a obra selecionada para o estudo se insere.
- Examinar os aspectos biográficos das autoras para mensurar o contexto de produção da obra e definir as temáticas correlatas das narrativas para identificar possibilidades de análise;
- Problematizar a noção de *autoinscrição identitária* e sócio-política; apresentando as categorias conceituais a serem mobilizadas: racismo estrutural, memória traumática, autoinscrição identitária e lugar de fala para contextualização teórico-crítica;
- Analisar os dados coletados ao longo da pesquisa e mobilizá-los no cotejo das narrativas de temáticas similares, identificando conjuntamente as formas de subversão do reducionismo infligido à pertença negra, e a configuração da *autoinscrição identitária* nessas narrativas.

JUSTIFICATIVAS

A seleção do tema para este projeto se imbrica com os trilhos do meu percurso acadêmico e cultural. Desde a graduação ao realizar análises e adaptações de obras literárias para o formato radiofônico — inclusive em meu trabalho de conclusão de curso. Aliado a isso, algumas vivências multiculturais em Luanda (Angola), alertaram-me à reflexão sobre a identidade negra. Por seguinte, a partir das obras e dos textos críticos recomendados pelo PPGL/UESC, nos editais de seleção, aprofundei-me no estudo das narrativas ficcionais a fim de pleitear a vaga de mestrado. Em 2017, ingressei no grupo de pesquisa GP-Afro, que me fornece aprendizados significativos sobre as relações existentes e que possam existir entre a literatura, a história e a cultura. Entre 2018 e 2020, durante o curso integral de mestrado no PPGL/UESC, desenvolvi pesquisa comparada em torno da produção literária angolana e da afro-brasileira. Esta última corroborou a minha opção pelo estudo da literatura negro-brasileira e das narrativas afrofeministas.

Acredito que o estudo dessas produções literárias é uma das estratégias pertinentes para legitimá-las, contribuindo com o arcabouço teórico já existente. Nesse viés, a relevância da investigação que proponho, repercute para a área de conhecimento, em virtude da originalidade do tema, por se tratar de obra contemporânea e pouco estudada, e pelo cotejo de narrativas de um mesmo gênero literário, dentro da obra escolhida. Vale destacar, ainda, a atualidade teórica do método comparativo prospectivo empregado no âmbito dos estudos literários, que possibilita evidenciar as similaridades e as distâncias entre textos narrativos sem enquadrá-los em hierarquia inferiorizante.

A linha de pesquisa Literatura e Interfaces abre espaço para este projeto, na medida em que contempla pesquisas que evidenciam o diálogo entre as narrativas literárias, a História e as relações étnico-raciais, transitando pela problematização da hegemonia epistêmica. Do mesmo modo, o estudo que proponho está em consonância com a natureza teórico-metodológica do PPGL, por abordar produções literárias em perspectiva crítica, privilegiando o domínio reflexivo sobre a representação. Por conseguinte, adere-se aos trabalhos desenvolvidos, atualmente, pelo orientador devido ao enfoque do entrecruzamento da história com a ficção, observando as marcas colonialistas e os regimes racializados, ao consumir que “para além de refutar [o] olhar [colonizador], é preciso que partamos de outros pontos” (RIBEIRO, 2017, p.35).

O arcabouço teórico de base, para a execução do estudo que proponho, compõe a sessão seguinte.

APARATO TEÓRICO

Para alicerçar a pesquisa pretendida, destacaremos as relações entre ficção literária, história e memória, a partir de Le Goff (1924); mobilizaremos os conceitos de literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) e de escrita afrofeminista (HENRIQUES, 2020), apresentando especificidades do gênero crônica nessas formas de escrita; e recorreremos aos pressupostos teórico-críticos pós-coloniais, decoloniais e feministas, em exposições de Mbembe (2001), Maldonado-Torres (2018), e Almeida (2018). As categorias conceituais mobilizadas serão: racismo estrutural, memória traumática e autoinscrição.

Inicialmente, destacamos que Literatura, Memória e História partilham do ofício de narrar a vida – ainda que de formas distintas. Conforme Le Goff (1924), a seriedade da memória é revelada não somente pela reconstrução do passado, mas também por “servir [ao] presente e [ao] futuro” (p. 411), entrelaçando essa tripla dimensão temporal. Enquanto a literatura diferencia-se da história nas questões metodológicas e nos recursos para narrar a vida, aproxima-se da memória, pois, no processo da criação artística – e da rememoração, a experiência individual (ou grupal) pode ser recontada ou transmutada, e, assim, dá-se a conhecer. Por sua vez, a memória, para além das funções psíquicas também traz à tona o jogo das relações de poder, que determina o que deve ser lembrado ou silenciado (LE GOFF, 1924).

Nessa contenda, vários grupos sociais são invadidos em seu direito de narrar e de ter a escuta ativa de suas memórias. De maneira que a produção estético-literária empreendida por intelectuais negras/os tanto quanto os sujeitos representados nessa escrita são historicamente silenciados. Assim, faz-se necessária a afirmação identitária constante, para o desmonte da falácia biologizante, que tenta aprisionar negras/os em estigmas negativos, sobretudo, os repercutidos pelo racismo. Este enquanto estrutura se instalou na sociedade, e está inscrito como um componente sistêmico, e, com tal característica, tornou-se de difícil combate, pois persegue as dinâmicas sociais para além do plano individual, definindo qual grupo exerce o poder (ALMEIDA, 2018). Associadas a condições duvidosas de saber, de existências, de poder e de beleza, em muitos casos, as pessoas negras são impulsionadas desde a infância a desacreditarem de si. Essa subjugação que traz prejuízos psicossociais de conturbada reversão, uma vez que o inconsciente não pode ser reconstruído. É inegável a desvalorização da estética negra como trabalho paulatino do racismo.

Para abordar o gênero literário almejado para este projeto, tomamos como ponto de partida as considerações postuladas por Candido (2003), segundo o qual a crônica surgiu a partir do: “[...] ‘folhetim’, [...] um artigo de rodapé [em jornais impressos] sobre as questões do dia a dia, [...], entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje” (p. 90). Entretanto, historicamente a crônica é um gênero de escrita majoritariamente branca e dominado por homens no cânone literário brasileiro.

Distintamente, neste projeto o gênero será estudando dentro das vertentes literárias negro-brasileira (CUTI, 2010) e afrofeminista (HENRIQUES, 2020). Desta forma, confirmamos a presença de escritoras negras, acrescentando-as ao viés de resistência dessa produção severamente silenciada, mas que persiste. São narrativas onde ascende-se o espaço para personagens, escritores/as e leitores/as negros/as, sendo “[a escrita] uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica” (MALDONADO-TORRES, 2018, p.47), desempenhada pela modernidade.

Nesse paralelo, a crônica negro-brasileira (assim como a afrofeminista) abarca elementos que lhe são fundamentais, tais como: a oralidade, o humor, a crítica social e o hibridismo do gênero, dentre outros. Na narrativa afrofeminista – escrita por autoras negras, a crônica evidencia as questões de raça e de gênero, além de amplificar discussões de várias formas de opressão. Para além de denunciar, essa escrita provoca ao leitor atento inquietações sobre tais questões. Em ambas formas de escrita literárias, sobressai a consciência de existir enquanto negro/a, possibilitando ao invisibilizado reivindicar o direito à fala e utilizar-se do poder advindo dela para interferir nas relações civis.

Nesse entendimento, acrescenta-se aqui a noção de *autoinscrição*, conforme Mbembe (2001), no combate do mito da homogeneização dos povos africanos como parte de uma única identidade e raça, pois: “[...] elas não podem ser reduzidas a uma ordem puramente biológica baseada no sangue, na raça ou na geografia. Nem podem se reduzir à tradição, [...] (p. 28). Ao passo que não se nega a lacuna existente entre saber dessas lutas e a dissolução das problemáticas geradas pelo sistema escravocrata colonial, de alguma forma, provoca-se a investigação de um caminho possível: [...] apenas as diversas (e muitas vezes interconectadas) práticas através das quais os africanos estilizam sua conduta podem dar conta da densidade da qual o presente africano é feito. (MBEMBE, 2001, p. 29). Essa densidade contempla os sentidos da autoinscrição e da autonomia, o tecido da vida na contramão da subjugação externa.

Na obra *Negras Crônicas*, a voz cronista assume-se desde o relatar e o comentar dos fatos à aproximação da linguagem ao leitor, como em: “Ei, não pode ficar pedindo aqui na frente não, vai embora daqui” (BARROS, 2019, p. 21). De alguma maneira, não se nega a abertura desse gênero a hibridez textual. A obra literária escolhida para este projeto de tese retrata o atravessamento do pós-colonial, denuncia o racismo estrutural sendo marca do sistema escravocrata-colonial lusitano e aponta a memória traumática como efeito do processo de subjugação racial.

METODOLOGIA

De natureza teórica e bibliográfica, a pesquisa adotará o método comparativo em abordagem prospectiva, empreenderá “[...] um comparatismo da solidariedade, da cooperação, onde o outro não figure como objeto, mas como sujeito” (ABDALA JR., 2012, p. 53). Nesse propósito, serão efetuadas as seguintes tarefas, em blocos:

- Triagem e fichamento de textos críticos para a definição do quadro teórico a partir de pesquisa em plataformas oficiais, tais como: Diretório de Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, Google Acadêmico, Google Livros, Acervo Digital de Teses e Dissertações da UESC, livros físicos;
- Aprofundamento no estudo dos conceitos: racismo estrutural, memória traumática e autoinscrição identitária, eleitos para análise do corpus através da leitura e averiguação da sua importância para a análise pretendida;
- Por meio do aporte teórico selecionado no bloco A, será elaborado um resumo descritivo e analítico das terminologias que buscam definir a proposta da escrita literária negra no Brasil, explicando algumas das expressões em evidência e justificando a escolha dos termos que serão utilizados ao longo da tese;
- Contextualização historiográfica da literatura negro-brasileira e afrofeminista, dentro da literatura brasileira, ressaltando as aproximações e distanciamentos entre a literatura, a história e a memória e as implicações dessas relações na narrativa negra contemporânea;
- Elaboração de tabela com os dados elementares das narrativas da obra literária escolhida a fim de encontrar aproximações temáticas com os conceitos teóricos estudados, agrupando-as em blocos que serão guias de

análises comparadas que estarão na tese. Na tabela, os elementos apresentados serão: título, página, temáticas (central e temática subjacente), nome da autora, personagens principais e coadjuvantes importantes, tipo de narração, espaços representados, sentimentos e desejos das personagens, movimentos das personagens na trama; aspectos históricos, simbólicos ou de memória, demarcação de trechos e/ou elementos de subversão nas narrativas.

- Apresentação do corpus de pesquisa, de aspectos biográficos das autoras, e do contexto de produção da obra, através da descrição crítica dos seguintes elementos: conteúdo temático das 30 narrativas, esboço do percurso social-político-curricular das 24 escritoras, delineando por fim, o período histórico e geopolítico em que a obra foi publicada;
- Problematização da noção de autoinscrição a partir dos instrumentos teóricos do pós-colonial, decolonial e feminista anticolonial; desenvolvimento da análise 1, sendo o cotejo do primeiro bloco de narrativas com temáticas correlatas, considerando a relação entre a ficção, a história, e a memória;
- Análise 2, sendo o cotejo de narrativas da obra com a utilização do método comparativo em abordagem prospectiva, identificando através da exposição de fragmentos das narrativas os recursos estético-literários utilizados na obra para subverter o reducionismo infligido à pertença negra, e explicitando como essa utilização configura em autoinscrição identitária e em a subversão;
- Interpretação dos resultados obtidos durante as análises, retomando pontos principais dos conceitos teóricos abordados, e averiguando o sucesso (ou não) no alcance dos objetivos;

DISCUSSÃO

Na antologia escolhida para análise, sobressai a denúncia das problemáticas do racismo a partir do ponto de vista de quem sofreu-sofre os seus efeitos, como ilustram as crônicas: “Chuva branca”, narrativa póstuma que destaca, em primeira pessoa, as lembranças de uma criança que sofria com perseguições na escola; “Carta de Recomendação”, em que o estereótipo de “não-gente” é evidenciado, pois a mulher preta que “serve café” nunca tem indisposição para o trabalho, além de ser “muito discreta e silenciosa”; e em “Brincadeira”,

na qual os estigmas pejorativos delineiam a vida da personagem: “fui tomando pavor de ir à escola, fui tomando ódio da minha pele, dos meus traços, do meu cabelo!” (MACHADO, 2019, p. 65).

Trata-se, principalmente, de evidenciar como essa produção, exprime olhares negros diversos, rasuram o cânone, e fomentam a quebra dos estigmas negativos, alinham-se, pois, ao macroprojeto político e epistêmico empreendido pelos estudos pós-coloniais, decoloniais e feministas, na revisão das histórias narradas pelo eurocentrismo. A conscientização histórico-política, a (re)apresentação da identidade negra, ou ainda, a *autoinscrição identitária*, são pontos de partida possíveis no combate às colonialidades, situando a atualização/valorização do saber ligado a essa forma de existir no mundo. Assim, reúne-se, neste projeto, escritoras pouco conhecidas, que aliam esforços à (re)apresentação da identidade negra, constituindo expressiva fortuna literária, bem como provocando a valorização da literatura negro-brasileira (bem como a afrofeminista) e de seus/suas autores/ras, movimentam-se à insubmissão da hegemonia.

Ademais, as contribuições em previsão convergem para o repensar das colonialidades, ao ampliar as discussões por meio da apresentação de trabalhos em eventos científicos, da publicação de artigos em periódicos e da publicação da tese em formato de livro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, Prefácio. p. 89-99.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; trad. Bernardo Leitão, Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 269-284.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de autoinscrição. **Estudos afro-asiáticos**, ano 23, n. 1, 2001, p. 171-209. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2001000100007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 1 mai. 2021.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Ana Carolina Oliveira. *et al.* **Negras Crônicas**: escurecendo os fatos. Rio de Janeiro: Editora Villardi, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista PSIC. CLIN.**, Rio de Janeiro, vol.20, N.1, P.65 – 82, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

Palavras-chave:

Literatura. História. Memória. Identidades negras. Literatura Afrofeminista.

INTERPOETICAÇÕES DAS ESCRITAS CAATINGUEIRAS: ENTRE-VEREDAS ÚMIDAS

Erika Jane Ribeiro¹
Alexandre Fernandes (orientador)²

APRESENTAÇÃO

“Grita minha voz de mulher./ Mulher caatinga braba/ Mulher pé de Juazeiro/ Útero-sangue-dor.” (VOZES-MULHERES, 2021, p. 86) É essa palavra cortante que interessa às escritas poéticas que buscam reconfigurar lugares de poder sacralizados pelo cânone literário e escudados pelas epistemologias dominantes; é também com ela que traçaremos o entrecruzamento das veredas que nos permitirão adentrar pelas re/dobras das escritas caatingueiras, produzidas por mulheres dos Semiáridos baianos, a partir das obras coletivas *LiterÁridas* (2021) e *Úmidas* (2022).

Para que esta caminhada produza uma constância de sentidos e gozos poéticos, além de epistemológicos, possíveis de partilhas, apresentamos algumas das perspectivas discursivas adotadas para demarcar politicamente as análises e posições suscitadas por esta pesquisa, que se constrói por meio de caminhos poéticos-políticos e epistemológicos dissidentes, em torno da escrita de mulheres semiáridas. Não se trata de abandonar categorias e conceitos, mas sim torná-los lugar de disputa política permanente (BUTLER, 1998).

Mobilizaremos as ideias de entre-veredas, Semiáridos baianos e invaginação (DERRIDA, 2019) a favor da imersão na umidade e resistência das escritas caatingueiras. Adotamos a denominação Semiáridos baianos, especificamente para este estudo, visto que os territórios semiáridos brasileiros são plurais e extravasam os limites dos conceitos unos e demarcações geográficas. Nesta perspectiva, não nos interessa a ideia canônica de veredas, como um rumo certo a ser seguido, mas sim deslizarmos pela possibilidade desse entre-lugar, buscando ressimbolizar o signo clássico das veredas com/entre as mulheres que escrevem no entre de si, entre-cada, entre-nós. Daí porque acolhermos a invaginação como desdobramento de complementariedades que interconectam partes do texto dentro de si mesmo, permitindo que sentidos se construam através do entrecruzamento e mistura das umidades escritas.

¹ ejribeiro@uesc.br .

² alexfernandes@ifba.edu.br

No rastro das vozes caatingueiras, percebemos que há outros contextos de escrita, ainda mais marginalizados, distantes do Sul-Sudeste e das capitais, onde escritoras se reúnem em coletivos, como estratégia de enfrentamento aos dogmas literários, em regra, fonofalocêntricos (DERRIDA, 2008). Como exemplo de produções germinadas desses agrupamentos literários, apresentamos o *corpus* desta pesquisa: o ajuntamento poético *LiterÁridas* (2021), que reúne escrituras de 29 mulheres e um coletivo de mulheres, oriundas de interiores da Bahia, e apresenta autorias e construções literárias para além daquelas já legitimadas; a plaquete coletiva *Úmidas* (2022), que traz em seus poemas a umidade e o deslizamento da língua dançando sobre os corpos livres.

Desse modo, interessa-nos construir reflexões literárias, sociopolíticas em confluência com as vozes e corpos poéticos dessas autoras e o chão árido onde suas escritas se derramam úmidas, numa perspectiva de alteridade: que pense com essas mulheres, e não por elas; que fale com elas, e não por elas. Ademais, tais análises levarão a reflexões sobre como essas mulheres semiáridas produzem resistências e dissidências, a partir de suas criações literárias e artísticas feitas pelos entrecaminhos da Caatinga. Para tanto, cabe-nos indagar: como mulheres poetisas dos semiáridos baianos produzem escritas com potência política que confrontam as imposições do sistema cisheteropatriarcal?

É o palavrear de mulheres, traçando rotas próprias e rasurando passagens unas, que abrirá caminhos para novos entrelaçamentos epistemológicos e políticos, por meio da reinvenção de limitadas concepções sobre si e suas histórias.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar a produção de escritas caatingueiras nas obras *LiterÁridas*, *Úmidas* e seus desdobramentos e invaginações, de modo a evidenciar a potência sociopolítica das criações literárias coletivas.

Objetivos específicos

- Identificar rastros de pertencimento presentes em textos de *LiterÁridas* e *Úmidas*, evidenciando como essas escritas podem ressignificar representações dos chãos e vivências caatingueiras;

- Compreender os entrecruzamentos estabelecidos a partir dos processos criativos de mulheres semiáridas, destacando aspectos interseccionais e dissidentes;
- Investigar movimentos epistemológicos capazes de rasurar paradigmas cisheteropatriarcais, sobre o corpo que escreve, a partir das escritas e experiências das mulheres semiáridas;
- Analisar invaginações e dobras produzidas em *Úmidas* e *LiterÁridas*, evidenciando como elas confrontam os padrões cisheteropatriarcais.

JUSTIFICATIVAS

Há na Literatura e na Crítica Literária linhas que buscam demarcar espaços e subalternias, separando em pares supostamente opostos sujeitos, temáticas, estilos, escritas, de modo a garantir a manutenção do cânone e a consequente exclusão dos corpos e *corpus* dissidentes. Corpos falantes que ultrapassam barreiras de dualidade (PRECIADO, 2014) e gritam, subvertem a tranquilidade das crenças estereotipadas e gozam para umedecer a aridez dos chãos, ainda que insistam em silenciá-los e domar seu aguaceiro de saberes e potências. E esse corpo-político-poético que fala, engolindo e regurgitando o falo, também se assume corpo gozoso que escreve sobre seus desejos e umidades, sem outorgas patriarcais.

Ao longo da história da literatura, essa marcação retilínea e excludente, poucas mulheres tiveram suas escritas sobre seus prazeres independentes propagadas na cena literária legitimada, sendo, inclusive, enfeitadas do banquete canônico ou tendo suas produções gozosas rechaçadas, a exemplo de Gilka Machado (1893), Cassandra Rios (1932) e Hilda Hilst (1930). Por isso, “As mulheres reivindicam a construção de uma nova linguagem, que revele a marca específica do olhar e da experiência cultural e historicamente constituída de si mesmas.” (RAGO, 2012, p. 55).

A pesquisa que aqui nos move é também a força motriz da minha criação poética com outras mulheres e, pelas constantes interpoeticacões, busca provocar o confronto aos padrões que deslegitimam experiências pessoais, sobretudo de mulheres que produzem de modo independente e distante dos polos editoriais e acadêmicos. O termo

interpoeticação³ designa a interconexão dessas mulheres através de suas vivências e escritas teimantes, buscando provocar fissuras no cânone excludente e exclusivo da elite colonial (INTERPOETICAÇÃO, 2021).

Assim, esta pesquisa parte também dos cruzamentos das nossas escritas e atuação política-social, em oposição aos discursos hegemônicos, continuamente re/validados pelos dispositivos do fonofalocentrismo. Aqui, a poeta-pesquisadora-caatingueira se mistura às outras poetisas-tantas-caatingueiras, numa perspectiva ativa de comermos o silêncio e a negação, imposta pelo sistema patricolonial que nos quer presas e apartadas dos espaços de produção e debates literários e epistemológicos, para assim nos tornarmos predadoras dessa tal marginalização. Pois é o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito (KILOMBA, 2019, p. 69).

APARATO TEÓRICO

A teoria da literatura está assentada em normas, conceitos e conexões históricas que delimitam e situam, em posições estratégicas de poder e/ou subordinação, as produções literárias, enquanto fortalece o cânone e exclui produções que se oponham ou contrariem a lógica teórica hegemônica. Num outro trilhar, Derrida (2014) mostra que é possível questionar a natureza e essencialidade da Literatura, e conseqüentemente do texto literário, através da sua inter-relação com o mundo, evidenciando assim a alteridade que permite desconstruir as verdades absolutas em torno dele, reforçadas tanto pela teoria da literatura como pela crítica literária hegemônica.

Partindo dessa interconexão da Literatura com o leitor e o mundo, ancora-se a reflexão sobre as dimensões mais subjetivas dos sujeitos, os modos como sentem, pensam, criam; os espaços onde suas existências e vozes são legitimadas ou anuladas, posto que também é na subjetividade que os saberes germinam até que, partindo do **eu**, encontrem os saberes dos demais sujeitos e se transmutem naquilo que Viveiros de Castro (2015) apresenta como alteridade perspectiva.

Nesse processo coletivo de interpoeticações contínuas, é a transmutação/incorporação como meio de reformulação do conhecimento que mais importa, e não a exploração e apropriação dos saberes, de modo que aprendamos com

³ Termo utilizado por Pók Ribeiro, pela primeira vez, durante apresentação do Encontro literário de mulheres poetisas de vários Territórios de Identidade da Bahia, InterpoéticAS, transmitida pelo canal InterpoéticAS, no Youtube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oB4PkvUa8rk&t=36s>

aqueles/as que não são referendados/as, enquanto sujeitos intelectuais e culturalmente produtivos. Por isso, é fundamental que mulheres escrevam sobre si mesmas e outras mulheres, a fim de romperem com as múltiplas opressões engendradas pelo sistema cisheteropatriarcal anulador, como afirma Cixous (2017, p. 129):

A mulher deve escrever-se: deve escrever sobre as mulheres e trazer as mulheres para a escrita, da qual elas têm sido destituídas tão violentamente o quanto são afastadas de seus corpos — pelas mesmas razões, e mesma ordem, com o mesmo objetivo fatal. A mulher deve se colocar dentro do texto— como no mundo e na história — por seu próprio movimento.

Todo esse processo de emancipação e de tomada do poder criativo sobre si mesmas é também uma reconfiguração dos lugares sociais e de fala (RIBEIRO, 2017), onde a hegemonia branco-colonial é contestada (MOMBAÇA, 2021), sobretudo quando a escrita escancara a tirania do domínio fonofalocêntrico ao mesmo tempo em que expõe a sua prescindibilidade ao gozo feminino, apesar da culpa como dispositivo controlador de suas expressões. Marina Colasanti (1990, p. 45) reflete sobre a ação da culpa entre as mulheres:

E em culpa, aflitas, nos perguntamos, será que estou fazendo bem? [...] Olho a mulher ao lado. Que me olha. De frente ou enviesadas, em infundável cadeia, nos olhamos todas, mulheres, procurando uma na outra a possibilidade do acerto, a solução alcançada. E todas, cada uma no seu canto de vida, nos achamos individualmente responsáveis, se não pelo erro, pela sensação de erro.

Aqui neste fragmento, assim como nos ajuntamentos de mulheres que produzem obras coletivas nos Semiáridos baianos, é pela resistência à negação do lugar, da voz, do corpo, e pelo enfrentamento às imposições dos dispositivos culpabilizantes que essas mulheres se reconhecem sujeitas da/de palavra e, em partilha, confrontam silenciamentos, deslocando os não-lugares, trazendo seus corpos e gozos para o deleite das e pelas beiras. “Nessas escritas do corpo [...] estão (re)escritas também a história da literatura, das mulheres na literatura e das vozes de mulheres na literatura erótica.” (BORGES, 2018, p.855).

Esse movimentar-se nas beiras em re/dobras constantes, de modo que a borda não revela esse outro além, antes, representa e remarca o interior da clausura que ela própria contorna, destruindo o efeito de estrutura (DERRIDA, 1986). É nesse re/caminhar constante entre as dobras dos textos literários que brotam os rastros de pertencimento (hooks, 2022), pela demarcação da presença através das escrituras-raízes que reivindicam o lugar de existir, para além dos limites locais e universais.

METODOLOGIA

Considerando-se a insubmissão dos corpos e escritas sobre as quais esta pesquisa se debruça, as entre-veredas metodológicas escolhidas buscam abrir caminhos a grito [não o grito da intimidação, mas o do avivamento, o que guia caminhantes Caatinga adentro]. Essa perspectiva metodológica busca “[...] o confronto de forças ligadas entre si por dominação e submetimento.” (SOUZA, 2011, p. 96), também embaralha trilhas continuamente validadas pelas epistemologias dominantes, sem deixar “[...] de ser desleal ao cânone acadêmico” (MOMBAÇA, 2016, p. 344), mas também estabelecendo negociações importantes com as tradicionais normatizações e métodos de produção do conhecimento.

Assim, por pautar-se na investigação em torno das escritas caatingueiras, esta pesquisa de caráter qualitativo caminhará a partir de uma abordagem interseccional de cunho bibliográfico de duas obras literárias independentes — *Úmidas* (2022) e *LiterÁridas* (2021) — e seus transbordamentos, primando pela evidência das potencialidades sociopolíticas das escritas coletivas que afrontam imposições cisheteropatriarcais. Esta perspectiva interseccional permitirá, por meio de estudo e leitura interpretativa, a identificação dos rastros de pertencimento, bem como de ressignificação das representações dos chãos e vivências caatingueiras, presentes nos textos que compõem as obras, tendo em vista que

A interseccionalidade conecta dois lados de produção de conhecimento, a saber, a produção intelectual de indivíduos com menos poder, que estão fora do ensino superior, da mídia de instituições similares de produção de conhecimento, e o conhecimento que emana primariamente de instituições cujo propósito é criar saber legitimado. (COLLINS, 2017, p. 7).

Em virtude dos entrecruzamentos entre estudos literários e as produções literárias caatingueiras, adotamos esta abordagem interseccional como prática metodológica insubordinada, “[...] indisciplinada e maliciosa [...]” (MOMBAÇA, 2016, p. 344) que desloca conceitos e categorias enraizadas no pensamento cisheteropatriarcal, racializado e centrado nos territórios legitimados. Essa intersecção de caminhos permitirá, por meio de busca em anais, revistas e jornais de eventos acadêmicos e culturais, o reconhecimento e aproximação com movimentos epistemológicos que partam das experiências e escritas das mulheres semiáridas, rasurando⁴ paradigmas cisheteropatriarcais sobre o corpo que

⁴ A rasura, aqui, consiste em colocar sob suspeição a hegemonia e absolutismo dos paradigmas cisheteropatriarcais. Não se trata de apagá-los completamente para assim criar novos paradigmas, mas questionar seu predomínio compulsório.

escreve e “[...] hackeando os tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados.” (MOMBAÇA, 2016, p. 345).

Assim, a compreensão dos entrelaçamentos estabelecidos a partir dos processos criativos de mulheres semiáridas e o evidenciamento dos elementos interseccionais e dissidentes que permeiam a construção das obras *Úmidas* e *LiterÁridas* se dará também pela adoção de novas epistemologias, acolhendo-se fontes não canônicas de produção teórica; sejam as compartilhadas em suportes digitais, anais e revistas acadêmicas excluídas das listas de qualificação, sejam através das partilhas orais, pois

Quando falamos de novas epistemologias, de outras epistemologias, no fundo tratamos de política de conhecimento. Sob um viés de epistemologia subalterna, essa política tem a ver com um descentramento, uma disputa, que desloca a autoridade discursiva sobre o que é e o que não é conhecimento. (RUFINO, 2021, p.21).

A partir do descentramento apresentado por Rufino (2021) e da análise das invaginações e dobras produzidas em *Úmidas* e *LiterÁridas*, transbordando os limites úmidos e áridos dos próprios textos, esta pesquisa busca refletir com as escritoras e suas escrituras (BARTHES, 2004), construir com elas, e não a partir delas, transformando o discurso abusivo do sujeito-objeto a ser estudado e que separa a pesquisadora, “dotada de saber acadêmico” das mulheres que escrevem nos suspiros da lida. É caminhar coletivamente entre saberes e escritas não catalogados pelo cânone colonial, desafiando “a lei do gênero” (DERRIDA, 2019), e não somente pelos modelos concebidos e referendados por epistemologias dominantes.

DISCUSSÃO

É no interior dos textos presentes em *LiterÁridas* e *Úmidas* que se constroem os seus sentidos e, a partir deles, que as análises se farão possíveis. Neles, as bordas úmidas das escrituras e escritoras se misturam à aridez do chão e formam invaginações. Assim, aprofundar as análises sobre os processos produtivos destas obras e seus des[do]bras nos permite reconhecer processos sociopolíticos importantes que ressignificam representações dos Semiáridos e dos sujeitos que neles produzem subjetividades, marcadas pelas estereotípias da escassez, miséria e aridez das terras e mental (SILVA, 2010). Nas dobras de *LiterÁridas*, a poeta agrocaatingueira SertãoSol (2021, p. 11) amalgama palavras, sentidos, desafia as leis da ortografia, misturando relato, dizer de si e resistência:

Até a trevo, falo sobre minha sorte
 Que não ganhei, conquistei
 Por esse tempo antes da morte
 Assim acredito.
 Me olho no espelho... Respiro
 E vejo uma mulher através daquele mero objeto velho.
 Sou do sertão! Como, não poderia me adaptar?

São múltiplas as possibilidades de escutar e interpretar essa mulher que é do Sertão e se reconhece nele em sua poética questionadora misturada ao próprio nome, denotando um pertencimento, antes de tudo, político-cultural fluido e contaminado pelos atravessamentos de raça, classe, gênero e territorialidade. Barthes (2004, p. 62) nos ajuda a pensar sobre o papel aglutinador do sujeito que escreve diante da profusão de sentidos e lugares políticos que a escrita permite construir, visto que “[...] seu único poder está em mesclar as escritas, de as contrariar umas às outras, de modo a nunca se apoiar em apenas uma delas.”;

Ao trilharmos pelos entre-caminhos das escritas semiáridas, acompanhamos também o umedecer de suas palavras a partir dos processos criativos coletivos e da resistência constante, através da tomada do poder de dizer sobre si e seu gozo. Em *Úmidas* (MADANÇA; RIBEIRO; SERTÃO SOL, 2022, p. 7), são os “[...] corpos que falam e gozam em poesia transcendental”.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORGES, Luciana. Transas e tramas do corpo nas malhas da ficção: a escrita erótica de autoria feminina. In: SALGADO, Maria Teresa *et alii*. **Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos**. Oficina Raquel: 2018. p. 829-991.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, Campinas n. 11, 1998, p. 11-42.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

COLASANTI, Marina. **Mulher daqui pra frente**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1981.

COLLINS, Patrícia Hill. Entrevista com Patricia Hill Collins. [Entrevista concedida a] Nadya Araújo Guimarães e Louisa Acciari. **Tempo Social**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 287-323, abr. 2021.

DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. **Revista Tempo, Espaço, Linguagem**, [S. l.], v.

10, n. 2, p. 250-281, jun. 2019.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Parages**. Paris: Galilée, 1986.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

INTERPOÉTICAS. Mediação: Pók Ribeiro. Participação: Mariana Guimarães e Sertãosol. [S. l.: s. n.], 2021, 1 vídeo (65 min). Publicado pelo canal InterpoéticAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oB4PkvUa8rk&t=36s> . Acesso em: 10 abr. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MADANÇA, Ádila ; RIBEIRO, Pók; SERTÃOSOL. **Úmidas**. 1. Belo Horizonte: Margem, 2022.

MADANÇA, Ádila; RIBEIRO, Erika Jane; VIRÓRIA LUISA (org.) **LiterÁridas**. 1. ed. São Paulo: Editora Brilho Coletivo, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 17, v. 1, n. 28, p. 341-354, set. 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**: Descobrimo historicamente o gênero. 2012. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/179824/Margareth%20Rago%20Gênero%20e%20História.pdf>. Acesso em 10 nov.2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019

SILVA, José de Souza. **Aridez Mental**, problema maior: contextualizar a educação para construir o dia depois do desenvolvimento, no semiárido brasileiro. Seminário Nacional sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido Brasileiro. Campina Grande- EMPRAPA/INSA, 2010. p.1-47 Disponível em: <https://docplayer.com.br/112797-Aridez-mental-problema-maior-contextualizar-a-educacao-para-construir-o-dia-depois-do-desenvolvimento-no-semi-arido-brasileiro->

[1.html](#). Acesso em: 10 abr. 2023.

SERTÃOSOL, Vitória Luisa. Para além do reflexo. *In*: MADANÇA, Ádila; RIBEIRO, Erika Jane; VIRÓRIA LUISA (org.) **LiterÁridas**. 1. ed. São Paulo: Editora Brilho Coletivo, 2021. p.11.

SOUZA, Pedro de. Gritos e sussurros: rasgos vocais em discurso. *In*: RODRIGUES, Prenome *et al.* (org.). **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni. Campinas: RG Editores, 2011. p. 87-106.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VOZES MULHERES. Caatinga Braba. *In*: MADANÇA, Ádila; RIBEIRO, Erika Jane; VIRÓRIA LUISA (org.) **LiterÁridas**. 1. ed. São Paulo: Editora Brilho Coletivo, 2021. p.86

Palavras-chave:

Escritas caatingueiras. Epistemologias dissidentes. Invaginações.
Escrita de mulheres.

¿DE QUIÉNES SON LAS VOCES DE LA LITERATURA FEMENINA QUE CONOZCO?

Gleid Ângela dos Anjos Costa¹
Raquel da Silva Ortega (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O surgimento dos estudos contra hegemônicos, a partir de movimentos de desconstruções ontológicas, epistêmicas e culturais, encabeçaram novas formas de revisão das construções de conhecimento de mundo, de reconstrução de identidades e saberes, em vista à reflexão de como os conhecimentos foram/são construídos ao longo do tempo. As expressões artísticas, nesse sentido, garantem vias de representação dessas novas necessidades e realinhamentos históricos, impetrados especialmente, nas análises do contexto colonial e capitalista. Nessa panorâmica, a literatura constitui-se campo de fruição e de construções de ideais e buscas de renovações epistêmicas que fundem com o prazer literário.

Por esse viés, este projeto de tese de doutorado propõe uma abordagem decolonial para o ensino de literatura, com foco nas representações trazidas pela literatura feminina de língua espanhola no contexto do ensino brasileiro. Busca refletir o cânone ocidental dominante e valorizar as vozes marginalizadas na sala de aula, promovendo a diversidade cultural e questionando as estruturas de poder. Assim, objetivamos investigar a presença da literatura feminina hispanoamericana sob a ótica da teoria decolonial e sua importância para a educação básica. Para isso, buscamos essa reflexão a partir do seguinte questionamento: Quais representações são trazidas pela literatura feminina de língua espanhola numa perspectiva decolonial?

Em suma, *¿De quiénes son las voces de la literatura que conozco?* do título deste resumo, incita a exortação da busca pela identidade e da representatividade camuflada pelos efeitos do colonialismo. Os “suleamentos” são necessários pois indicam novos rumos com vistas para o sul, para “sulear” saberes outros, como nos ensina Paulo Freire. Em outras palavras, esse *sulear* pode garantir que espaços sejam construídos e trilhados por novas/velhas escritas, a exemplo da construída por mulheres, especialmente hispano

¹ gaacosta.ppgl@uesc.br

² rsortega@uesc.br

e latinoamericanas, cujas narrativas outras, enriquecem os pensamentos outros e culturas outras!

A partir disso, espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o desenvolvimento de uma abordagem decolonial que amplie a visibilidade e valorização das vozes femininas de língua espanhola no ensino público brasileiro. Além disso, pretende-se estimular discussões e reflexões sobre a importância da diversidade cultural e da descolonização do currículo, visando a formação de seres críticos capazes de compreender e valorizar a pluralidade de vozes e de perspectivas literárias.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Objetiva-se investigar a presença da literatura feminina hispanoamericana sob a ótica da teoria decolonial e sua importância para a educação básica.

Objetivos específicos

Os passos que nos levarão ao objetivo principal consiste em, inicialmente, delinear os preceitos da teoria decolonial, refletir sobre o espaço do espanhol e da literatura feminina dentro das aulas de língua espanhola no ensino básico e sugerir caminhos epistemológicos que possam:

- Analisar criticamente o cânone ocidental e suas provisões no ensino de literatura.
- Discutir a relevância das teorias decoloniais e sua aplicação no campo da educação.
- Discutir uma abordagem decolonial para o ensino de literatura que promova a diversidade cultural e valoriza as vozes subalternas que levem a:
 - Compreender o contexto histórico-social em que as obras foram escritas;
 - Delinear memórias e princípios históricos da escrita feminina;
 - Caracterizar e analisar elementos literários que dialogam com a cultura dos países hispanoamericanos;
 - Refletir como a literatura pode ser produto documental de revisão/reflexão a partir de quem a produz.

JUSTIFICATIVA

O ensino de literatura desempenha um papel fundamental na formação humana, pois não apenas promove o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, mas também molda sua compreensão do mundo e sua identidade cultural. No entanto, muitas vezes o ensino de literatura é dominado por um cânone ocidental que exclui perspectivas e vozes que são marginalizadas, reforçando assim as estruturas de poder e hierarquia cultural.

Nesse contexto, a literatura feminina de língua espanhola surge como um campo fértil para questionar e desafiar essa hegemonia literária, trazendo representações e experiências diversas que estão ausentes no ensino de literatura espanhola no contexto brasileiro. Essas obras literárias oferecem narrativas de resistência, empoderamento e ressignificação da identidade feminina em contextos sociais, históricos e culturais específicos.

Uma perspectiva decolonial se faz necessária para abordar essa problemática, pois propõe uma desconstrução das estruturas coloniais e a valorização de diferentes formas de conhecimento e expressão cultural. Ao adotar uma abordagem decolonial no ensino de literatura, é possível ampliar a diversidade de textos e autores, proporcionando aos estudantes uma experiência mais rica e inclusiva, que reconheça identidades, pluralidade de vozes e de perspectivas que estavam fora do centro.

Portanto, este trabalho de pesquisa justifica-se pela necessidade de descolonizar o ensino de literatura no contexto brasileiro, ampliando o repertório literário dos estudantes e promovendo a valorização da literatura feminina de língua espanhola. Espera-se que essa abordagem contribua para a formação de pensamentos críticos a respeito do outro e de si, e para compreender e apreciar a diversidade cultural, além de questionar e transformar as estruturas de poder presentes na sociedade.

APARATO TEÓRICO

Para a concepção do aporte teórico nos baseamos nas concepções críticas que revisam o cânone literário, especialmente de narrativas femininas, e também nos pressupostos teóricos das perspectivas decoloniais em intersecção com a Educação, que, neste caso, estão configurados pela epistemologia do saber e da pedagogia decolonial.

Para subsidiar a pesquisa, mobilizaremos, dentre outros, os princípios decoloniais com as discussões de Katarine Walsh (2007); o pensamento decolonial de Walter D. Mignolo (2007), sobre o Giro decolonial, de Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (2007). Para a colonialidade do poder, do ser e do saber, nos apoiamos nos

autores Ortiz Ocaña, Arias López e Pedrozo Conedo (2018) e, na pedagogia decolonial, Mota Neto e Streck (2019). Nos preceitos de literatura e literatura feminina utilizaremos, principalmente, as discussões de autoras como: Eliana Lourenço de Lima Reis (1999), Lúcia Castelo Branco, Linda Nicholson, Nelly Novaes Coelho (1993), Cecília Magalhães (2008), Lélia Gonzalez (2020), Oyèrónké Oyěwùmí (2021) e Djamila Ribeiro (2021).

A partir disso, pensamos um aporte teórico que amplie as visões sobre literatura contra-hegemônica que discuta saberes culturais, ancestrais e localizados por meio de discursos literários e políticos que debatam questões como racialização, colonização e exploração capitalista na opressão de grupos historicamente marginalizados.

Nesse sentido, faz-se mister corroborar que muitas dessas teorias serão revisadas, ampliadas e analisadas, pré e criticamente, para avaliar suas contribuições no entendimento de eventos, como a revisão da formação do cânone literário, que fez surgir estudos contra hegemônicos e que vem revisando perspectivas, a exemplo dos impactos da experiência colonial e suas formas de poder. Desde então vem sendo debatidas e delineadas novas formas de construção do saber, do ser e do viver, em vista à reflexão de como o conhecimento é construído e por quem e quem molda personalidades a favor de uma cultura única, que pode desconsiderar pluralidades e tradições culturais, especialmente de povos descolonizados. Esses movimentos fizeram com que nascesse um jeito particular de narrar a história. Através de textos literários que transcendem o ficcional, que moldam realidades revisitadas e buscas de genealogias perdidas.

Sobre esse alinhamento entre literatura e história, Sandra Pesavento (2000, p.22) afirma que o “historiador pode analisar as ideias gerais que dominam uma época. O romancista deve encarná-las nas personagens”. Essa autora nos ensina que tanto a literatura como a história se aliam na construção do mundo. O texto literário, nesse sentido, pode auxiliar o historiador dando “indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhado, da gestualidade e das ações sociais” (PESAVENTO, 2000., p.08) de um determinado tempo e contexto político e social para a compreensão da história.

Os estudos decoloniais procuram esse realinhamento histórico erguido sob o alibi do pensamento colonial e capitalista que formavam a base dominadora e o centro político-econômico de poder. Em resposta a esse pensamento, o termo decolonialidade representa muito mais que um giro epistêmico, cultural e identitário, mas uma nova forma de pensar novos-velhos mundos margeados pelas minorias centros de uma maioria. Nesse sentido, o estudo bibliográfico que será desenvolvido nos auxiliará na compreensão de noções

como colonialismo, decolonidade e descolonização, tendo em vista que vão além de vocábulos que se assemelham, mas que carregam elementos ideológicos que fazem emanar a necessária e urgente pedagogia decolonial. Assim, o pensamento decolonial vem de encontro à revisão das estruturas de poder para repensar os espaços dominados pelo projeto cultural europeu construído sob exploração das colônias.

Sobre a decolonialidade, Catherine Walsh (2018) observa pontos cruciais para seu entendimento. A começar, por exemplo, do mito da fundação da modernidade cujo pensamento europeu se construiu sob a ideia de razão única, erguida a partir da violência colonial. Por esse viés, os desdobramentos do fim do colonialismo deram margem à representação de poder trazendo no bojo os modos de como as relações intersubjetivas, de trabalho e conhecimento organizam-se nas perspectivas econômicas e de raça. Assim firma a colonialidade como importante ponto no entendimento da lógica moderna.

Decorrente disso, emergiu a pedagogia decolonial como força motriz para o desprendimento de ideais contra-hegemônicos que enrijeceram os avanços dos povos colonizados. A pedagogia decolonial carece uma releitura do mundo para reinventar a sociedade contra o discurso único de raça e cultura. Além disso, vai ao encontro do enfrentamento de sistemas de manutenção da colonialidade que transformam a práxis política como inviabilizadora de sujeitos, o que os mantém ainda como subalternizados (WALSH, 2018).

Atualmente, diversas escritoras cada vez mais vem se preocupando em recriar essas visões de mundo. Suas narrativas fluem para além da estética da criação, mas para reflexão da sociedade. Por isso mesmo que Nascimento (2018), ao falar sobre *cuirlobismo*, termo de sua criação e que remete ao debate sobre corpo negro e gênero, esclarece:

[...] por isso a recontação é imprescindível: pra que não morram essas raízes, [...] pra que tenhamos subsídios históricos da dissidência sexual negra na diáspora, pra que a gente se livre da mirada heteronormativizante que a colonialidade impôs a nossas trajetórias/existências/simbologias pré-atlânticas como tentativa de planificar e tornar rasas, homogêneas, narrativas, sexualidades, práticas, povos (NASCIMENTO, 2018).

As palavras desta pesquisadora nos levam à reflexão dos apagamentos, dos silenciamentos de vozes que resistem e re-existem para narrar as suas histórias, a posse de suas histórias contadas a partir de suas vivências. Quem escreve a história? A estudiosa parece dialogar muito com a essência de escritoras que se refletem à epistemologias do saber, uma vez que ao imprimir, a partir da criação do novo léxico

“cuirlobismo” a necessidade particular, de pertencimento de uma identidade não imposta por outrem, alheio às raízes históricas e tradicionais de uma sociedade que não foi burlada por outra.

Nascimento (2018) evoca ainda a reabertura das feridas, da dor, da procura de curar a partir da transformação dos dissabores em marcas de memórias vividas. Essa autora nos leva a reflexão de uma literatura contemporânea de mulheres negras num projeto não somente de “resistência – mas de sonho, de afeto, de semente”², assim como germina na narração de escritas femininas.

Diante disso, há a certeza da relevância desses estudos literários e sociais para a educação, desempenhando um papel primordial na virada do giro decolonial e na implementação de teorias outras, pedagogias outras e currículos outros. Afinal, estamos diante de projetos de superações históricas e de uma política educacional a ser (re)construída. São tempos outros, sejamos outros!

METODOLOGIA

A pesquisa está estruturada por meio de uma abordagem qualitativa a qual, a partir de uma revisão bibliográfica crítica do cânone ocidental e das teorias decoloniais, visamos analisar, por meio de escritoras hispanoamericanas, como a literatura feminina de língua espanhola pode contribuir para uma proposta decolonial no ensino de literatura brasileiro. A partir de uma revisão bibliográfica crítica do cânone ocidental e das teorias decoloniais, o estudo visa analisar como a literatura feminina de língua espanhola pode contribuir para uma abordagem decolonial no ensino de literatura brasileiro.

Para isso, utilizaremos como *corpus* obras de autoria feminina no contexto hispano-americano das autoras Teresa de La Parra (Venezuela) com o romance *Ifigénia*, Teresa Cárdenas (Cuba) com *Cartas para mi mamá*, Guadalupe Nettel (México) com *El corpo que nací* e Gioconda Belli (Nicarágua) com a obra *El país de las mujeres*. São escritoras consideradas decoloniais cujas obras demarcam vozes de uma literatura emergente e suas propostas epistemológicas do poder da escrita feminina hispanoamericana.

Esse *corpus* foi escolhido por, primeiramente, serem mulheres hispanoamericanas que, a partir de suas obras propõem um pensamento decolonial que valoriza as mulheres e busca espaço para expandir a diversidade por meio da literatura, segundo, por não estarem presentes no cenário canônico das grandes literaturas estudadas no Brasil e, terceiro, por transmutar o corpo da pesquisadora enquanto mulher e professora. É mister salientar que as imagens, textos e trechos estudados/analísados, além de compor no

anexo, iremos colocá-los no formato de *QRCode*, para vivência de espaços virtuais que possibilitem o contato com a literatura de uma forma sinestésica e contemplativa.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com este estudo a ampliação dos debates acerca desta discussão, para que ocorra a promoção e a valorização da literatura feminina de língua espanhola em território como o Brasil, cuja política linguística atualmente encontra-se regredindo tendo em vista a retirada do Espanhol do currículo da Educação básica. Além disso, que essa abordagem contribua para a formação de pensamentos críticos, decoloniais, na revisão dos saberes em vista a capacidade de compreender e apreciar a diversidade cultural, além de questionar e transformar as estruturas de poder presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BELLI, Gioconda. **El país de las mujeres**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2010.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global (2007)** – Prólogo, cap. 1 e cap. 3.

CÁRDENAS, T. **Cartas a mi mamá**. Toronto: Groundwood Group, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. A presença da mulher na literatura contemporânea. In: **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

LA PARRA, Teresa. **Ifigénia**. São Paulo: Carambaia, 2016.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

Magalhães, Cecília A. **A literatura hispano-americana no ensino de língua espanhola no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**.

Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo literário**. São Paulo: N-1 edições, 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>. Acesso: Out, 2021.

NETTEL, Guadalupe. **El cuerpo en que nací**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis. V.8.n.2, 2000.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Wanderson flor do nascimento. 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Isabel; PEDROZO CONEDO, Zaira Esther. ¿Qué es la colonialidad? In: ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Isabel; PEDROZO CONEDO, Zaira Esther. **Decolonialidad de la educación: emergencia urgencia de una pedagogía decolonial**. Santa Marta, Colômbia: Universidad del Magdalena, 2018. p. 18-36.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

RIBEIRO, Djamila Ribeiro. **Cartas para minha avó**. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós - colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka**. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1999.

SACRAMENTO, S. M. P. do. **Mulher e Literatura: do Cânone ao não cânone**. Revista Da Anpoll, 1(33), 2012.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, n. 83, p. 1-11, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874>. Acesso em: 25 out. 2022.

Palavras-chave:

Literatura feminina hispano-americana. Decolonialidade. Ensino de Espanhol

ESTÉTICA DA RURALIDADE E DISSIDÊNCIA EPISTÊMICA EM *XITALA MATI*, DE ALDINO MUIANGA E *MAKA NA SANZALA*, DE UANHENGA XITU

Juma Manuel¹

Profa. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa procura interpretar a importância do mundo rural, enquanto meio de resistência à dominação epistêmica de cariz eurocêntrico, bem como compreender a potência dos aspectos culturais ínsitos nos contos de Aldino Muianga e de Uanhenga Xitu, a partir das marcas de moçambicanidade e angolidade que (re)apresentam, mostrando até que ponto, com base em temáticas de cariz social e cultural, as narrativas *Xitala Mati* (1987) e *Maka na Sanzala* (1979) recriam valores estéticos que configuram o imaginário cultural de Moçambique e de Angola. Nesse sentido, a análise a ser encetada pretende demonstrar que, apesar das diferenças contextuais em que as obras selecionadas como *corpus* desta pesquisa foram produzidas, elas problematizam as tensões que marcam o cotidiano dos seus respectivos povos, convocando, assim, o interesse pela apreensão de valores estéticos e culturais das sociedades moçambicana e angolana.

Para responder aos objectivos do trabalho, o estudo é desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica e análise literária, atendendo, fundamentalmente, às contribuições teóricas de NOA (2003, 2006, 2013), MAPERA (2013, 2018), CHAVES (2005), LEITE (1998, 2005, 2019), MATA (2006), LARANJEIRA (1995), MATUSSE (1993), MUDIMBE (2013), BARZOTTO; OLIVEIRA (2020) e MIGNOLO (2017). A partir desse aporte teórico, são problematizadas as referidas narrativas, tendo em conta a forma como são configurados os traços identitários. Portanto, enquanto trabalho de viés desobediente e proponente de uma abordagem desatrelada da epistemologia hegemônica, pelo fato de analisar os contos como aparatos de resistência ao darem visibilidade às práticas e ao modo de vida do subalternizado, esta investigação fundamenta-se na orientação teórico-crítica da linha contracolonial.

¹ jmanuel@uesc.br – Bolsista CAPES.

² iorodrigues@uesc.br

OBJETIVOS

Objetivo geral

Demonstrar a importância das obras literárias *Xitala Mati*, de Aldino Muianga e *Maka na Sanzala*, de Uanhenga Xitu como espaço de resistência cultural e epistêmica ao darem visibilidade e voz ao mundo rural que sustenta originais sentidos da moçambicanidade e da angolanidade, respectivamente.

Objetivos específicos

- revisitar os principais estudos críticos sobre as obras e autores selecionados como *corpus* da pesquisa no âmbito histórico e sociocultural das literaturas de Moçambique e de Angola;
- aprofundar estudos teóricos a respeito das relações entre literatura, história e cultura, com especial enfoque sobre perspectivas críticas anticoloniais;
- reconhecer as implicações centrais entre ruralidade e identidade cultural, a partir do aprofundamento sobre os conceitos/noções de eurocentrismo, dominação epistêmica, epistemicídio e representação identitária (moçambicanidade e angolanidade); e
- analisar quais são e como se apresentam os mecanismos de visibilidade da ruralidade para o fortalecimento de sentidos identitários nas narrativas *Xitala Mati* e *Maka na Sanzala*.

JUSTIFICATIVAS

O estudo das literaturas africanas de língua portuguesa conheceu o seu notável desenvolvimento no século XX. Todavia, não se pode homogeneizar tal fato para pesquisas que tenham como escopo os escritores em análise ou ainda o viés aqui explorado, apesar de haver um reconhecimento notável do lugar desses autores no panorama literário dos seus respectivos países.

Assim, pelo fato de o pensamento anticolonial africano ser ainda um domínio atual, propomo-nos problematizar a hegemonia da cultura eurocentrada a partir de abordagens analíticas ancoradas na estética da ruralidade, dando voz aos silenciamentos da ancestralidade e dos valores culturais das sociedades moçambicana e angolana. Desse modo, esta incursão científica é importante na medida em que permite estabelecer uma

ponte entre o carácter literário e o sociocultural, sendo que, nas obras *Xitala Mati* e *Maka na Sanzala*, os autores representam as vivências dos seus respectivos povos, sobretudo do meio rural, discorrendo sobre o passado e peculiaridades que os aproxima. Mais ainda, nessas narrativas, há valores insubordinados, transgressores e que rompem as barreiras da lógica colonial, ancorados na identificação com a alma e os sentimentos dos povos moçambicano e angolano.

Para além disso, o estudo das marcas de identidade que configuram o imaginário cultural dos dois países africanos de língua portuguesa permitirá a construção dum arcabouço teórico que contribua para incrementar algum valor na edificação do pensamento epistemológico africano.

APARATO TEÓRICO

Neste espaço, tratamos de explorar as diversas colocações teóricas que nos possibilitem reconhecer as implicações centrais entre ruralidade e identidade cultural. No entanto, é assim que em jeito de explicações sobre a relação entre as inscrições coloniais e a ruralidade, Walter Roberto Marschner diz que:

Como um processo de diferenciação social, a modernização significou a relativização de tradições, exigindo constantemente o reformular da identidade [...]. Acentuou-se, sobretudo, a dicotomia e a hierarquização entre cidade e campo, onde a primeira passa a hegemonizar padrões e valores da sociedade moderna [...]. (MARSCHNER, 2015, p. 395).

Para a superação dessa dicotomia, nasce no seio dos inferiorizados uma espécie de “redescoberta do rural” Marschner (2015, p. 395), sendo que, de acordo com o autor que temos vindo a citar, “Essa redescoberta é, em parte, vinculada à crescente autoconsciência da população rural acerca de sua identidade, seus direitos e do seu papel na sociedade como também através da veiculação de novas imagens sobre o rural [...]” (MARSCHNER, 2015, p. 395).

Dissertando em torno da construção histórica de espaço subalterno, Walter Roberto Marschner, socorrendo-se do caso da sociedade brasileira, explica que “O carácter subalterno que a sociedade brasileira atribuiu ao que chama de rural é, entre outros, fruto de uma consciência histórica, articulando representações de espaços de forma a constituir um imaginário hegemónico.” (MARSCHNER, 2015, p. 395-396).

Dessa feita, a luta simbólica de rasura ao imaginário hegemónico, no contexto das literaturas exploradas neste trabalho, vai desembocar numa escrita insurreta e de afirmação cultural por meio da qual se vislumbram valores e saberes ancestrais. Aliás, a ressignificação da ruralidade passa inequivocamente pela defesa dos símbolos, práticas

ritualísticas e modos de vida que questionam o cânone monocultural eurocêntrico. Nessa linha, “o campo ressurgue como um espaço emancipatório, como território fecundo de construção da diversidade, democracia e da solidariedade [...]” (MARSCHNER, 2015, p. 411).

Ora, procurando legitimar uma concepção do mundo rural cujos fundamentos e contornos definem a especificidade de um determinado universo cultural e social, configurando uma ruptura epistemológica, as obras literárias *Xitala Mati* e *Maka na Sanzala* dão “[...] um indicativo crítico de que a vida, num complexo conjunto, é feita mesmo dessas rupturas sistêmicas e donde o sentido é uma árdua construção simbólica do cotidiano.” (KUMMER; LIMA, 2023, p. 12).

Analisando a sociedade ruralizada do México de meados do século XX, a partir da produção literária do escritor mexicano Juan Rulfo, Rodrigo Kummer e Eli Napoleão de Lima consideram que a ruralidade “está envolvida nos processos de poder e que não está isolada das manifestações humanas em geral.” (KUMMER; LIMA, 2023, p. 3). Por isso, “Este elemento se aproxima de um dos aspectos do pensamento decolonial, que é a manifestação tácita das desigualdades sociais herdadas de um sistema predatório.” (KUMMER; LIMA, 2023, p. 29).

Em face dessa barbárie predatória e violenta, os escritores africanos, particularmente Aldino Muianga e Uanhenga Xitu, autores cujas obras estão em análise neste trabalho, embrenham-se em lutas por reconhecimento e legitimação do seu espaço, rasurando, por consequência, um legado de posicionamentos excludentes da empreitada colonial.

Diante desse quadro, faz-se necessário colocar a epistemologia hegemônica em questão, o que implica, parafraseando Patrícia Collins (2019), suspeitar de todas as verdades até então concebidas; colocar em xeque conhecimentos legitimados e questionar os processos que permitiram chegar a tal verdade. Nessa esfera de questionamento de verdades hegemônicas impostas, em *A Invenção de ÁFRICA: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*, Valentin Mudimbe destaca uma descolonização do conhecimento acadêmico africano, porquanto reinventa criticamente o pensamento ocidental que “Durante o século XIX e no primeiro quarto do século XX, os discursos caracterizavam-se normalmente por uma perspectiva funcional e uma intolerância dominante que se encontra nas conclusões filosóficas dos paradigmas de conflito e significado” (MUDIMBE, 2013, p. 46). Desta feita, para Mudimbe, com o problema da verdade, somos confrontados com uma das mais paradoxas formas de desenvolvimento e com a

promoção de alternativas africanas.

Já Walter D. Mignolo, por seu turno, em “Desafios decoloniais hoje”, na senda das proposições acima, concebe o pensamento decolonial como epistemologia alternativa ao pensamento ocidental, explicando que

A descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento decolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica. (MIGNOLO, 2017, p. 15).

Com o artigo “Epistemolôque? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem”, Valéria Giannella analisa pontos importantes relativos à resistência contra a consciência epistemológica hegemônica, convocando à ruptura epistemológica, ou seja, para a autora, é tempo de reconsiderar a visão de mundo imposta pela modernidade durante mais de três séculos. Nesse sentido, para Giannella,

A visão epistemológica que precisamos não será mais marcada pela abordagem normativa típica do paradigma positivista, no qual o caminho para a verdade é apenas um e detido por apenas uma categoria de sujeitos (os cientistas). A epistemologia contemporânea é marcada pelo diálogo entre os caminhos possíveis para a construção do saber ou, sinteticamente, pela ‘ecologia de saberes’ que reflete a ecologia das culturas e dos tempos. (GIANNELLA, 2015, p. 353).

Com efeito, a postura ora esboçada pelos teóricos acima expostos leva-nos à concepção de caminhos para o estabelecimento de uma desobediência epistêmica bastante profícua para a fermentação da escrita transgressora nas literaturas em estudo neste trabalho. Enfim, deste rastreo teórico compreendemos o amparo epistemológico que se alicerça na contramão das tradições epistêmicas e hegemônicas, rasurando, nesse sentido, o domínio arrogante e violento da epistemologia colonial, passando a literatura a ser “uma arma na mão daqueles que sempre tiveram que se render às mais distintas formas de opressão, e, com isso, mais uma vez a tentativa de marginalização das(os) escritoras(es) que buscam humanizar os seus por meio da escrita.” (BARZOTTO; OLIVEIRA, 2020, p. 120); e propondo, em consequência, uma epistemologia pluriversal e postura crítica ao pensamento egóico baseado em extermínio de práticas do conhecimento tradicional em África.

METODOLOGIA

Em primeiro plano, tendo em horizonte os objetivos traçados para o trabalho, privilegiaremos o método bibliográfico. Através desta metodologia, revisaremos as referências crítico-analíticas sobre as obras e os autores em estudo, bem como encontraremos as diversas teorias que suportam os estudos literários e socioculturais, principalmente a vasta bibliografia que dedica especial atenção à pesquisa das questões críticas anticoloniais.

Adicionalmente, em segundo plano, o estudo será concebido com base em análise literária, que nos permitirá fazer a interpretação das narrativas *Xitala Mati* e *Maka na Sanzala*, tendo em conta os matizes de visibilidade da ruralidade para o fortalecimento de sentidos identitários que as narrativas veiculam. Com efeito, conforme referido nas linhas iniciais do resumo, este percurso metodológico estará par e passo com a orientação teórico-crítica da linha contracolonial, o nosso gancho epistemológico nesta empreitada científica.

DISCUSSÃO

Em leitura preliminar, verificamos que *Xitala Mati* e *Maka na Sanzala* expressam uma séria problematização em torno do domínio cognitivo europeu ilusoriamente superior, pelo que, nesse sentido, tematizam valores ancorados na luta contra a violência epistêmica da encenação colonial. Desse modo, atendo-nos a esses contos de Aldino Muianga e de Uanhenga Xitu compreendemos que os mesmos configuram uma abordagem mais ousada no que diz respeito à representação da realidade sociocultural moçambicana e angolana, porquanto abordam de forma arrojada a desalienação do imaginário eurocêntrico, bem como desfazem padrões impostos pelo imperialismo, dando voz e visibilidade às comunidades rurais de Moçambique e Angola.

Para o caso da contística aldiniana, por exemplo, é-nos possível ler, entre outros, elementos que nos remetem a uma ressignificação do universo rural enquanto desígnio de afirmação territorial e identitária. Aliás, conforme reforça o ensaísta moçambicano Francisco Noa, o campo, em Aldino Muianga, “é um espaço que se institui como um repositório de valores e vivências que legitima a condição primeira e derradeira dos seres que representa, isto é, inconsciente coletivo de uma identidade ancorada, em última instância, na ruralidade.” (NOA, 2006, p. 194).

Já Uanhenga Xitu, por meio da sua ficção narrativa, deixa ecoar as vozes do

passado, isto é, convida num sentido apelativo à memória e ao resgate da preservação da ancestralidade e da tradição angolanas. Dessa feita, ao resgatar e manter viva a memória cultural angolana, *Maka na Sanzala* assume uma função de relevo na construção do significado social das comunidades rurais angolanas, porquanto engendra resistência epistêmica ao arquitetar rasuras ao paradigma da colonialidade.

Assim, apoiando-nos nas obras literárias em estudo, podemos vislumbrar um compromisso do qual se demarca, por um lado, uma dimensão cultural ao qual se associa a necessidade de resgate dos valores tradicionais expressos pela ancestralidade; e, por outro, uma escalpelização ao legado colonial, em decorrência do seu ideário atrelado ao apagamento dos valores autóctones africanos. Portanto, é justamente nessa lógica de compreensão da ruralidade enquanto posicionamento contracolonial que sentimos o latejar desse lastro dissidente que tonifica saberes e valores atacadados a tradições preservadas pela memória coletiva e que são visceralmente (re)apresentadas nas narrativas *Xitala Mati*, de Aldino Muianga e *Maka na Sanzala*, de Uanhenga Xitu.

REFERÊNCIAS

BARZOTTO, Leoné Astride; OLIVEIRA, Ueslei Alves de. Da desobediência à decolonialidade em “Luana” e “Tv a cabo”, de Cidinha da Silva. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, p. 117-136, jul./dez. 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia feminista negra. *In: Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 401-432.

FERREIRA, Manuel. **Literatura africana de expressão portuguesa**. Lisboa: ICALP, 1987.

GIANNELLA, Valéria. Epistemoloque? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem. **Revista Terceiro Incluído**, v. 5, n. 1, p. 339-354, 30 jun. 2015.

KUMMER, Rodrigo; LIMA, Eli Napoleão de. Ruralidade trágica em Juan Rulfo: apontamentos entre ficção e realidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 31, n. 1, p. 1-31, 2023.

LEITE, Ana Mafalda. **Modelos críticos e representações da oralidade africana**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2005.

MAPERA, Martins. **Cinzas de Cão** – Ensaios críticos de literatura. Beira: Editorial Fundza, 2018.

MARSCHNER, Walter Roberto. As representações do espaço rural na Literatura

Modernista. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 21, p. 393-414, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.

MUDIMBE, Valentin. **A invenção de África** – Gnose, Filosofia e a Ordem de Conhecimento. Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

MUIANGA, Aldino. **Xitala Mati**. 3ª edição. Maputo: Alcance Editores, 2013.

NOA, Francisco. Do subúrbio colonial ao subúrbio global. **Literaturas Africanas**, v. 1, p. 193-203, 2006.

PINTO, Júlio Roberto & MIGNOLO, Walter. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas**, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015.

XITU, Uanhenga. **Maka na Sanzala**. Lisboa: Edições 70, 1979.

PALAVRAS-CHAVE:

Narrativa, sociedade e cultura. Rasura epistêmica. Literatura de resistência. Moçambicanidade. Angolanidade.

TRANSFEMINISMO INTERSECCIONAL E AQUILOMBAMENTOS: VOZES 'TRANSVESTIS' NEGRAS EM MOVIMENTOS CULTURAIS DE RUA

Marcelo de Jesus de Oliveira¹
Paulo Roberto Alves dos Santos (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A produção de poéticas orais de mulheres transsexuais e travestis no rap e no *slam poetry* tem ascendido nos últimos cinco anos, desde a atuação presunçosa e destemida de MC Mademoiselle (2012), considerada a primeira rapper travesti no cenário nacional do hip-hop. No *slam poetry*, ou batalha de poesia rimada, há também um acréscimo notável de mulheres trans, travestis e não binárias na produção de narrativas orais, capitaneando, inclusive, movimentos próprios para pessoas dissidentes de gênero e sexualidade³. Assim, a presença destas mulheres em movimentos culturais como o rap e o *slam poetry* configura-se não somente como ato de insurgência contra o discurso cis-normativo e patologizante sobre estes corpos, mais também como um ato de popularização da arte, da cultura e da poesia produzida por corpos considerados marginais.

A partir disso, esta pesquisa propõe analisar poéticas orais de mulheres transsexuais e travestis negras em movimentos culturais de rua – hip-hop e *slam poetry* – sob a perspectiva dos estudos decoloniais e de gênero, buscando identificar agendas do transfeminismo interseccional e as práticas de aquilombamentos⁴ (NASCIMENTO, 2021) étnico e de gênero. Para tanto, advogar-se-á movimentos culturais de rua enquanto iniciativas trans/artísticas que intentam o desordenamento do projeto de dominação e opressão contra as classes e os corpos que fogem às normas, confluindo, assim, arte, crítica social e elementos da urbanidade.

¹ pfmarcelopt@gmail.com. Bolsista FAPESB.

² pauloroberto3031@uol.com.br.

³ Há na cidade de São Paulo um grupo de batalha de rimas, Batalha Dominação, cuja protagonistas são mulheres trans, travestis e cisgênero, pessoas não binárias e dissidentes de gênero. Como este, no Brasil, existem vários: Slam Marginália (SP); Slam das Minas (DF), dentre outros.

⁴ Aquilombamento, ou aquilombar-se, refere-se ao ato de, inspirado nos antigos quilombos, constituir um corpo político contra-hegemônico de resistência e de coletividade da população negra brasileira e em diáspora (NASCIMENTO, 2020). Utiliza-se o conceito no plural, portanto, pois nesta pesquisa ambicionamos explorar outras existências possíveis de aquilombamentos, como o trans-aquilombamento.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar poéticas orais de mulheres trans e travestis negras nos movimentos de hip-hop e *slam poetry* sob a perspectiva dos estudos de gênero.

Objetivos específicos

- Identificar como os movimentos de defesa às minorias sociais modificaram a produção e a recepção do capital cultural artístico brasileiro;
- Discutir o processo de legitimação da produção cultural e epistemológica de mulheres trans e travestis;
- Compreender como os movimentos culturais de rua, em especial o hip-hop e o *slam poetry*, se constituem como estratégia de resistência contra-hegemônica para corpos trans ou travestis negros e, conseqüentemente, ressignificam suas experiências com a/cidade;
- Identificar e analisar elementos do transfeminismo interseccional e as práticas de aquilombamentos expressas em poéticas orais de mulheres trans ou travestis negras no rap e no *slam poetry*.

JUSTIFICATIVA

Ao situar esta pesquisa em áreas fronteiriças entre a literatura e as outras artes e elencar como objeto de estudo poéticas orais de mulheres trans e travestis negras em movimentos culturais de rua, aponta-se a possibilidade de transitar entre ambas as linguagens, valorizando e divulgando o trabalho artístico – que também é político e epistemológico – de indivíduos que foram por tanto tempo privadas da fruição e produção da arte. Isto porque, conforme Giovana Heliodoro (2023), estes corpos foram capturados pelas esferas interpretativas do colonialismo como despossuídos de criatividade e sem qualquer outra aptidão que não a venda de sexo, o consumo excessivo de drogas, o roubo e a violência, por isso a recusa em conferir-lhes o acesso à cultura (HELIODORO, 2023)⁵.

Sob outra perspectiva, afirma-se que a produção desta pesquisa é profícua pois

⁵ Cf.: <<https://www.instagram.com/p/CqamreDuVEB/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>>.

buscará inserir no escopo das produções científicas trabalhos artísticos e culturais que despontam de um contexto histórico e social que envolve indivíduos marcadas pela discriminação racial e de gênero, neste caso, em específico, as mulheres negras, transsexuais e/ou travestis.

Deste modo, justifica-se a importância deste trabalho pelo caráter provocativo que apresenta, ao friccionar o sistema de acesso às universidades públicas a fim de que corpos transsexuais e travestis possam ocupá-las em plenitude; ao denunciar a ausência de professoras transexuais ou travestis; ao reivindicar a escuta dessas vozes por meio de suas pesquisas e a ocupação de espaços predominadas por pessoas cisgênero.

APARATO TEÓRICO

As bases teóricas desta pesquisa assentam-se sobre discussões situadas nos estudos decoloniais e de gênero. Por tratar-se de uma investigação que almeja analisar elementos do transfeminismo interseccional, urge a necessidade do acionamento do conceito de interseccionalidade, este que tem sido advogado no âmbito do pensamento feminista e transfeminista negro como um aparelho político para se compreender as opressões que atingem mulheres negras e a forma que elas se interrelacionam (AKORITENE, 2022; GONZALEZ, 2020; NASCIMENTO, 2021; DAVIS, 2016; OLIVEIRA, 2020; CARNEIRO, 2015; hooks, 2019).

Para o aprofundamento de questões referentes à interseccionalidade nesta pesquisa, portanto, recorrerei essencialmente às produções epistêmicas de pesquisadoras travestis do transfeminismo brasileiro, tais como Jaqueline Gomes de Jesus *et. al.* (2014); Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2021); Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018; 2020); Sofia Favero (2020). A escolha desse referencial intenta compreender os fundamentos e as dimensões do movimento transfeminista, bem como depreender como o conceito de interseccionalidade se coloca a serviço da luta feminista diante de uma sociedade fortemente marcada pelo racismo estrutural e o patriarcalismo capitalista.

As poéticas orais de mulheres trans e travestis negras em movimentos culturais de rua são inevitavelmente atravessadas por uma matriz ancestral que demanda o ato de repensar as formas de constituição de movimentos e culturas negras no tempo presente. A partir disso, aponta-se a necessidade de mobilização do conceito de aquilombamento, este que propõe o apoderamento das estratégias de organização política dos antigos quilombos para se pensar mecanismo de inscrição, valorização e permanência da cultura negra em uma sociedade que deseja sua aniquilação (NASCIMENTO, 2021;

NASCIMENTO, 2019; NASCIMENTO, 2018; EVARISTO, 2020).

À vista disso, a noção de aquilombamento é premente para esta pesquisa, uma vez que suas implicações exigem o estabelecimento de relações teóricas com outras epistemologias essenciais para a concretização do objetivo aqui proposto, como a ancestralidade, territorialidade, corporeidade, subjetivação e sistemas de poder. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais sistêmica das experiências de mulheres trans e travestis racializadas e politicamente conscientes, bem como da constituição e organização dos movimentos culturais de rua como um aquilombamento urbano (NASCIMENTO, 2019) de vozes que se rebelam contra o poder hegemônico que as oprimem e inviabilizam suas existências.

Para este trabalho, é pressuroso esquadrihar ainda os efeitos de sentido etmológico, político, cultural e subjetivo das ruas para corpos transsexuais e travestis negros. A rua, conforme explicitado por Sodré (2023), possui em si um potencial mais transformador que a própria epistemologia quando entendida como um espaço propício às observações das grandes diferenças do Estado. Interessa-nos, portanto, a partir de produções que enfocam a experimentação destes corpos com os espaços urbanos, compreender a situação paradoxal que se apresenta: ao passo em que as ruas propiciam insegurança, desumanização, violência e vulnerabilidade à corpos de mulheres trans e travestis (MOIRA, 2021) é também nas ruas que esta população se aquilomba para construção de vida, de subjetividades, arte, cultura e resistência política e contra-hegemônica muito antes da revolta de Stonewall, e principalmente posterior a ela (OLIVEIRA, 2021).

METODOLOGIA

O estudo será executado a partir de procedimentos fundamentalmente bibliográficos e de abordagem qualitativa, cujo objetivos serão interpretativo, analítico e crítico.

A constituição desta pesquisa se fará a partir de duas etapas complementares, sendo a primeira dedicada à busca, seleção, leitura e fichamento de materiais bibliográficos sobre a temática na qual pretende-se versar a pesquisa; e a segunda dedicada à catalogação, transcrição e análise das letras do hip-hop e do *slam poetry* produzidas por mulheres trans e travestis negras brasileiras.

Na primeira etapa, não somente enquanto escolha política, mas para dar conta de atender à especificidade desta pesquisa, optarei por incluir produções que vão além

daquelas cujo a natureza já é expressamente aceita pela academia, isto é, artigos científicos, livros, dissertações e teses. Assim, dados publicizados em blogs pessoais, redes sociais, páginas de internet e afins serão igualmente considerados com o propósito de constituir um arcabouço teórico de maior consistência quanto à autoria de mulheres trans e travestis, bem como de amplificar e divulgar estas vozes epistêmicas.

Na segunda etapa será realizada a busca pelas análises das letras do hip-hop e do *slam poetry*, que se fará, preferencialmente, por plataformas de *streaming*, em especial o *Youtube*. No caso do hip-hop, serão selecionadas poéticas das batalhas – que se configuram enquanto competição de rimas – e raps, que se trata de um gênero musical. Ademais, na composição do *corpus* de análise, ainda que nesta pretendamos tensionar a relação entre a comunidade trans e travestis negras com os movimentos culturais de rua, serão selecionadas poéticas orais gravadas no entorno da rua e em outros cenários, considerando a evolução de ambos os manifestos nesta pesquisa abordados.

DISCUSSÃO

Os movimentos culturais de rua, como o hip-hop e o *slam poetry*, têm se tornado cada vez mais inclusivos em relação a corpos e identidades dissidentes. Nos últimos cinco anos, por exemplo, observa-se uma diversificação no público-participante das batalhas de rimas e na produção de poesias orais em ambos os movimentos (SANTOS; SATHLER, 2023; QUEEN, 2018). Esta fissura em seus padrões originários tem possibilitado a visibilização de nomes como Linn da Quebrada, Jump do Bairro, Bixarte MC; MC Dellacroix; Bibi Abigaiu; Sé da Rua e outras mulheres transsexuais e travestis negras no cenário nacional do rap e do *slam poetry*.

A presença destes corpos nos movimentos de hip-hop e o *slam poetry*, é um importante avanço rumo à democratização da arte e da cultura brasileira, em que tanto o direito à produção quanto à fruição está centrado em um padrão cis-hetero-normativo. No entanto, é imprescindível discutir a configuração das ruas e o direito à cidade para mulheres transsexuais e travestis negras, pois, embora venham conquistando gradativamente espaço na arte e, portanto, maior visibilização social, estar nestes movimentos e na produção de cultura de rua é ainda amedrontador, como pode ser observado na letra de *Em cada esquina* (2021, s/p), de Bixarte MC:

Juro que em cada esquina
 Tenho medo de virar
 Pois na última que virei eles tentaram me matar
 Disse que não me amava
 Não me via na TV
 Que eu era muito TRAVA
 E só queria me comer
 Levantou a mão bateu
 O ferro logo puxou
 Dois tiros foi disparado: PÁ PA
 Mais uma TRAVA que ele matou.
 A polícia inocenta quem arranca coração
 Travesti não está segura nem na igreja nem no busão [...]⁶.

A poética de Bixarte MC (2021) lança luz a sentimentos comuns à população LGBTQIAP+ no Brasil – medo e insegurança –, em especial para mulheres transsexuais e travestis. Os dados levantados pelo dossiê da Associação de Mulheres Travestis e Transsexuais – ANTRA, apontam que pelo 14º ano consecutivo o Brasil tem sido o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo (BENEVIDES, 2023). Corpos transsexuais e travestis, portanto, vivem o dilema de serem invíveis quando se trata da promoção de políticas públicas, educação, cultura e emprego formais, por outro lado, são sempre os mais visíveis e/ou notáveis quando para prática de violência exacerbada, a marginalização e o saciamento da lasciva cis-maculina, via pornografia e sexo.

Assim, compreende-se que as ruas são inegavelmente políticas, pois constituem-se como espaços de disputa, principalmente por resistência, visibilizabilidade e humanização. Ao reflexionar as experiências de mulheres transsexuais e travestis negras nos movimentos sociais de defesa às minorias, Oliveira (2021) afirma que “travesti e mulheres transsexuais negras são habitantes de dois mundos e ao mesmo tempo não pertencem a nenhum deles” (OLIVEIRA, 2021, p. 180). A portulação da autora, portanto, evidencia a importância de reconhecer que corpos que pertencem simultaneamente às categorias de transsexuais, travestis e negros enfrentam uma realidade particularmente complexa, haja vista que são duplamente violentados, pois há uma intercepção de opressões em demanda, dos marcadores étnicos e de gênero que os atravessam.

⁶ Cf.: <<https://www.youtube.com/watch?v=3EehckxB2qU&t=30s>>.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022.
- BENEVIDES, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020.
- FAVEIRO, Sofia. **Crianças trans**. Salvador: Editora Devires, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.
- JESUS, Jaqueline *et al.* **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.
- MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora Ltda, 2016.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. Editora Jandaíra, 2021.
- OLIVEIRA, Apolo *et al.* **Transvivências negras entre afetos e aquilombamentos: contando histórias afro-diapórica**. Salvador: Devires, 2021.
- OLIVEIRA, Megg. **Nem ao centro, nem à margem: corpos que escapam às normas de raça e de gênero**. Salvador: Editora Devires, 2021.
- OLIVEIRA, Megg. **O diabo em forma de gente: (r)esistência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Salvador: Editora Devires, 2020.
- OLIVEIRA, Megg. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 9, p. 161-191, 2018.
- QUEEN, Tiely. Hip-hop fora do armário: quando a cultura hip-hop derruba barreiras da sociedade retrograda. **Revista da ABNP**, v. 10, p. 461-471, 2018.
- SANTOS, Thayllany; SATHLER, Conrado. Narrativas urbanas de MC's trans e

travestis nas seletivas estaduais para o duelo de MC's nacional. **COR LGBTQIA+**, v. 1, n. 4, p. 38-57, 2023.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional**. Editora Vozes, 2023.

Palavras-chave:

Aquilombamentos. Poéticas transvestis. Interseccionalidade.

PRODUÇÃO INTELECTUAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS: VOZ NEGRA NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

Thaís Oliveira Andrade¹
Paula Regina Siega (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

As estratégias adotadas por escritores da historiografia e da crítica literária para negar a contribuição cultural que corpos negros, principalmente mulheres vêm dando ao Brasil acontecem como forma de silenciamento. Um dos casos mais notórios desses corpos que não podiam falar nem escrever na sociedade brasileira é, talvez, o da escritora Maria Firmina dos Reis – mulher, negra, pobre e considerada bastarda.

A escrita, concepção política, literária, abolicionista e afrodescendente de Maria Firmina dos Reis em construir e idealizar uma sociedade sem opressão, por meio da literatura, infelizmente, encontrou várias barreiras baseadas sempre nos enquadramentos de uma sociedade ideologicamente racista, eurocêntrica e patriarcal no Brasil oitocentista. “Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, [...] são exemplos do isolamento estético-literário no quesito subjetividade negro-brasileiro. Esse isolamento impediria, ainda por décadas, no bojo do século XX, o início de uma específica consciência coletiva no campo literário (CUTI, 2010, p. 80).

Na multiplicidade das narrativas firminianas, existem passagens que apontam rupturas que funcionam como propulsoras de contrapositionamentos hegemônicos estabelecidos na sociedade do século XIX. A exemplo, o trecho do conto “*A escrava*”:
“Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. [...] Ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso o estigma da escravidão” (REIS, 2009, p. 242).

A tentativa da escritora em abrir espaços e dar voz aos grupos subalternizados representa a emancipação desses sujeitos e demarca o lugar de fala (RIBEIRO, 2017) de grupos que, por muito tempo, foram colocados à margem da sociedade. Compreendendo que a escritora tenta romper com as imposições ideologicamente contruídas é que nossa pesquisa intenta estudar as narrativas de Maria Firmina dos Reis, produzidas no contexto da sociedade oitocentista, partindo do conceito de “lugar de fala” de Djamila Ribeiro

¹thaisoa04@gmail.com

²prsiega@uesc.br

(2017), pois os estudos centrados nas análises dos lugares de fala colocam em destaque as estruturas sociais que atravessam as experiências coletivas vivenciadas por grupos, se estendendo também aos estudos de Grada Kilomba (2019) que nos convocam a (re)pensar sobre colonialismo, alteridade, racismo, conhecimento, linguagem e suas aplicabilidades interpretativas.

Isto posto, nesta pesquisa visamos compreender: como as obras literárias da autora Maria Firmina dos Reis contribuem para valorização da literatura negro-brasileira e combatem tanto ao silenciamento de grupos subalternizados quanto ao racismo? Para responder a esse questionamento o *corpus* escolhido de análise dos contextos históricos, sociais e questões raciais e de gênero compreende o romance *Úrsula* (1859) e o conto *A escrava* (1887).

Para tal fim, recorreremos, também, aos trabalhos de Djamila Ribeiro (2017) e Grada Kilomba (2019), já que exploram as dimensões de um corpo imerso em um regime capitalista branco colonial, com diferentes forças ativas e reativas em disputa, onde diferentes composições, concepções e desalinhamentos são criados para dar o lugar do ‘outro’. Tais reflexões nos permitem observar mais detidamente alguns pontos relevantes nas narrativas de Maria Firmina dos Reis.

No desenvolvimento do aporte teórico, adotaremos a terminologia literatura negro-brasileira, a partir das postulações do escritor, poeta e dramaturgo Cuti (2010) que defende o uso deste termo. Segundo o autor o termo “afro” constitui-se como elemento regulador e encobre o sentido político dessa literatura que pode significar ou ser entendida como não negra. Já o termo “negro” explicita e se refere às reivindicações dos escritores negros diante da existência do racismo.

Assim como na literatura negro-brasileira, o discurso firminiano por tentar romper com os padrões patriarcais e sexistas existentes na literatura romântica e literária da época, coloca as narrativas como o romance *Úrsula* e o conto *A escrava* como referências para questionar os significados das escritas negro-brasileiras, perante o processo histórico e social que foi e está sendo produzido. Além do mais, objetivamos dialogar sobre o papel da crítica literária hegemônica em determinar os lugares das produções intelectuais femininas negras.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar como a escritora Maria Firmina dos Reis, através de seus escritos, dá voz aos grupos subalternizados e combate o racismo, contribuindo para a valorização da literatura negro-brasileira.

Objetivos Específicos:

- Traçar a trajetória literária da escritora, tentando compreender o lugar que ocupa na historiografia da literatura brasileira, produzidas a partir do século XIX;
- Refletir sobre como a categorização hierarquizada na sociedade faz com que as produções intelectuais e vozes de mulheres negras sejam subjugadas e silenciadas, examinando como os escritos da autorapromovem a diversidade de vozes;
- Analisar como as obras literárias de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* e *A Escrava* rompem com silenciamentos por meio da descrição das relações sociais e contextos históricos do século XIX.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa torna-se relevante, pois este projeto tese valoriza a representação da Literatura como elemento impactante e possibilitador para a construção da memória negro-brasileira, indo além da análise dos elementos literários, acopla-se à perspectiva de pensar a literatura também pela linha social e histórica, apontando concepções, ideias, ideologias que circulavam no século XIX.

A literatura sendo uma representação da sociedade, determina e projeta imagens, discursos e perspectivas. Assim, analisar como as obras literárias escritas por Maria Firmina dos Reis contribuem para a literatura brasileira e reflexionar sobre o confronto aos discursos hegemônicos direcionados aos corpos negros, principalmente de mulheres no Brasil oitocentista, torna-se significativo.

Embora já existam vastos e consistentes estudos acadêmicos sobre Maria Firmina dos Reis e suas obras, direcionadas as questões raciais e de gênero, como as pesquisas de

Jeysiane Furtado da Silva “Nas trilhas Literárias de Maria Firmina dos Reis” (2020), Priscila Vieira de Oliveira “Maria Firmina dos Reis e a Interrogação ao Cânone com o Romance Úrsula” (2021), Thayara Rodrigues Pinheiro “Vozes Femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “Uma Maranhense” (2016), entre outras, esta nossa pesquisa torna-se relevante, pois além de não nos afastarmos dos marcadores de gênero e raça, nos desdobramos na discussão sobre o lugar de fala, invisibilidade e silenciamento sofrido por Maria Firmina dos Reis, partindo das reflexões trazidas por Djamila Ribeiro (2017) e Grada Kilomba (2019).

Além disso, o estudo pode contribuir para a reflexão sobre o apagamento, silenciamento, submissão, lugares e atravessamentos ainda determinados e reservados para as mulheres negras, mães, pesquisadoras, assim como eu, dentro e fora do espaço acadêmico. O interesse pelos estudos femininos e raciais no século XIX se justifica por ser um conjunto de fatores que engloba elementos analíticos vinculados à realidade social da época, cujo objeto de análise, comumente, são as manifestações das vozes femininas, de negros e de negras dentro e na construção da narrativa firminiana.

APARATO TEÓRICO

As escritoras negras, por muito tempo, foram excluídas do cânone literário ou não ganharam visibilidade na historiografia da Literatura Brasileira, refletindo uma sociedade racista e patriarcal que podava os direitos das mulheres, incluindo o de escrever. Segundo Cuti (2010), o preconceito racial e de gênero constituem-se como elementos preponderantes para se realizar uma avaliação prévia de/sobre alguém. Quando não temos dados reais, estabelecidos por fontes fidedignas, sobre outra pessoa ou quando informações são escassas, apela-se para o dispositivo da memória, onde estão acomodados também os preconceitos.

Em sua tese de doutorado Algemira de Mâcedo Mendes (2006) escreve sobre a coragem de Maria Firmina dos Reis em romper com os preconceitos de gênero e raça, internalizados no dispositivo da memória, em escrever sobre a vida dos escravizados e defender os negros em meio a sociedade do século XIX. Segundo Mendes (2006, p. 23-24), a escritora

Aventurou-se a escrever dentro do contexto que a realidade brasileira impunha à época. [...] Apesar de estar inserida em uma sociedade patriarcalista e na maioria das vezes seus escritos apresentarem um estilo ultra-romântico – característica da época que viveu – [...] essa escritora mencionava assuntos negados por escritores de seu tempo e revela uma veia abolicionista, articulada com o contexto das relações

econômicas, sociais e culturais da época.

No que se refere, à escrita da mulher negra, torna-se essencial reflexionarmos sobre as barreiras de raça e gênero que penetravam a escrita literária, que atingiam, principalmente, esses grupos.

A história das mulheres é uma história recente, porque, desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres, desenvolveu-se a sua margem. Ao descreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis (STREY; CABEDA, 2004, p. 25).

Nessa perspectiva, mulheres negras foram silenciadas, invisibilizadas ou sofreram com o processo de branqueamento. As personagens femininas afrodescendentes e os negros foram descritos sob a ótica dos estereótipos do sistema escravista e da sociedade eurocêntrica. Paulatinamente, esses padrões foram mudando, quando mulheres negras começaram a escrever e publicar.

Oliveira (2021) ressalta que Maria Firmina dos Reis foi uma dessas intelectuais, mulher, negra que rompeu com os padrões estabelecidos na sociedade oitocentista, sua obra emerge no século XIX como alternativa e confronto com a realidade da época, aquela que instrumentaliza vozes silenciadas e potencializa a humanidade de sujeitos animalizados e objetificados. “Sua narrativa racional e crítica é cheia de emoções, sentimentos, denúncias e rompimentos de uma lógica construída sob um território escravocrata, sexista e de extermínio cultural e humano (OLIVEIRA, 2021, p. 10).

Desse modo, torna-se necessário a escrita, estudo e análise de textos de mulheres negras, indígenas e de negros de todas as regiões do país para mostrar a substancialidade de rompermos com as narrativas dominantes e não sermos apenas personagens e capítulos em compêndios que ainda pensam a questão racial e de gênero como um recorte.

Além do mais é preciso “divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as nas condições de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e reexistências” (RIBEIRO, 2017, p. 17). As mordanças e repressões colocadas em torno da questão racial e de gênero, no Brasil, vêm sendo quebradas persistentemente por gerações, mas suas estruturas são fortificadas, construídas na base do poder, sendo a literatura uma das bases dessa construção.

Segundo Cuti (2010) a literatura levanta ilusões baseadas em hierarquias congênitas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos que a usa como fonte, direta ou indiretamente. Porém, a literatura precisa ser o antídoto

contra o racismo estrutural nela disposto. Os escritores e escritoras negros/as brasileiros/as se empenharam e se empenham para romper com o fenômeno da censura e discriminação. Visto que “se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder” (CUTI, 2010, p. 12).

Dessa forma, Alves (2019) enfatiza que as narrativas de Maria Firmina dos Reis, os discursos postos nas entrelinhas da sua obra, se armam de uma investida política que reflete as preocupações sociais da autora, permitindo uma abertura no tempo, para tomar atitudes políticas contra as injustiças, utilizando a literatura para descrever a sociedade patriarcal e racista. “A voz que vaza, portanto, deste corpo distinto e múltiplo, marcado pela racialização, ecoa pelos labirintos e encruzilhadas do tempo-espaço, onde passados e presentes se imbricam de forma suplementar” (ALVES, 2019, p. 11).

METODOLOGIA

De acordo com objeto de estudo, a pesquisa será ancorada na abordagem qualitativa partindo do estudo bibliográfico e documental. Para atender aos objetivos da pesquisa apoiaremos-nos nestes métodos que se consolidam através da consulta em dados secundários, isto é, em teorias que sustentem os estudos literários, históricos e socioculturais que contribuam na construção do aporte teórico.

Conseqüentemente, revisaremos e ampliaremos as discussões e conceituações sobre racismo, grupos sulbaternizados, lugar de fala, estendendo os olhares para os estudos de gênero e raça. Os estudos permitirão a análise literária do corpus da pesquisa: o romance *Úrsula* e o conto *A escrava*, possibilitando, assim, a interpretação das narrativas em questão.

DISCUSSÃO

Maria Firmina dos Reis aborda em sua narrativa julgamentos críticos sobre os lugares dos negros escravizados no sistema escravista e preceita uma crítica ferrenha as imposições sobre a vida da mulher em meio ao contexto impositivo, mantido pela ordem patriarcal no século XIX.

A criação enunciativa desta autora constrói uma realidade ficcional que revela a face violenta e abusiva da ordem escravista e do colonialismo, onde as vozes femininas e negras reverberam e tentam romper com os padrões estabelecidos pela sociedade

oitocentista, ressignificando a literatura brasileira, enquanto sistema mantedor de discursos pautados no viés eurocêntrico, masculino, patriarcal e sexista.

Reconhecer e valorizar a presença de escritores/as negros/as na literatura através de suas escritas é compreender o direito de todos a utilizar sua própria voz, para reivindicar um espaço pertencente a todos os sujeitos, independente de raça, cor, sexo ou gênero. Por meio das obras de Maria Firmina dos Reis torna-se perceptível observar a construção de narrativas de denúncias, resistências e rupturas com as opressões.

No prólogo do romance *Úrsula*, a escritora já prevê que sua obra passaria pelo crivo da crítica literária e não se enquadraria nos padrões estabelecidos, quando expõe: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso morfador de outros, e ainda assim o dou a lume (REIS, 2020, p.7). Um dos motivos para o indiferentismo seria sua postura em possibilitar aos personagens negros, negras e mulheres conquistarem lugares de fala, voz e espaço, simbolizando o protagonismo das suas histórias e memórias dos grupos subalternizados.

Desse modo, esta pesquisa é uma forma de contribuir com a valorização do processo de recuperação da literatura construída por afrodescendentes, na quais suas vozes sejam reveberadas, demarcando seus lugares de fala por meio da escrita, como forma de resistência e reexistência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Renata Carmo **As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamilia Ribeiro e Marielle Franco**. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2019.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódio de Racismo Cotidiano**.

Tradução de Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MENDES, Algemira de Mâcedo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beliváquia na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX**. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, Priscila Vieira de. **Maria Firmina dos Reis e a interrogação ao cânone com o romance *Úrsula***. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, 2021.

PINHEIRO, Thayara Rodrigues. **Vozes Femininas em *Úrsula*, de Maria Firmina dos**

Reis, “Uma maranhense”. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Jandira: Principis, 2020.

REIS, Maria Firmina. **A Escrava**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Jessyane Furtado da. **Nas Trilhas Literárias de Maria Firmina dos Reis**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2020.

STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. L.; PREHN, Denise R. (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Palavras-chave:

Silenciamento. Grupos Subalternizados. Rupturas. Lugar de Fala.



B

**lingüística
aplicada**



ARGUMENTAÇÃO PRÁTICA NO ENSINO MÉDIO EM PESQUISA-AÇÃO: DESENVOLVENDO A DELIBERAÇÃO EM EVENTOS DE (MULTI)LETRAMENTOS

Bougleux Bomjardim da Silva Carmo¹
Isabel Cristina Michelin de Azevedo (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Para ler o mundo e as palavras (FREIRE, 1989), é fundamental a compreensão dos dissensos como um pilar da democracia (AMOSSY, 2017), devido à complexificação da sociedade e dos processos educativos. Assim, o ensino da argumentação se torna condição fundamental ao desenvolvimento de uma perspectiva educacional emancipadora (PIRIS, 2020). Daí a importância da pedagogia da argumentatividade, sob o princípio do diálogo (GRÁCIO, 2010) para vivências de práticas democráticas no âmbito escolar.

Isso posto, esta pesquisa centra-se no ensino da argumentação prática em interface com a dimensão retórico-epistêmica que a perpassa (KOCH, 2017). Para tanto, considera-se a importância das reflexões curriculares, partindo da *Base Nacional Comum Curricular* - BNCC (BRASIL, 2018) e do *Documento Curricular Referencial da Bahia* – DCRB (BAHIA, 2022). Decorrente disso, devido às mudanças estruturais recentes no Ensino Médio, convém a construção de estratégias pedagógicas³ em eventos de (multi)letramentos, voltados ao desenvolvimento do *raciocínio prático* em situações deliberativas didáticas presenciais, *on-line* e com uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs.

Neste contexto, baseando-se nas teorias sobre *letramentos críticos* centrados na argumentação, dialoga-se com os trabalhos de Alberigi (2019), Aquino (2018), Azevedo e Moura (2021) e Fernandes (2021). Igualmente, porque eventos de letramento argumentativo envolvem produção, circulação e recepção de gêneros textuais específicos, dialoga-se com as produções de Araújo (2019), Barreto (2021) e Passinho (2018). Porém,

¹ bougleux.carmo@hotmail.com

² icmazevedo@hotmail.com

³ Especialmente direcionadas ao trabalho didático com a persuasão de “um auditório particular [com o objetivo de] decidir favorável ou desfavoravelmente a alguma Proposta de Ação” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2019, p. 110).

essa recente literatura⁴ não trata da argumentação prática, excetuando-se Castro (2021) que apresenta uma proposta de ensino da argumentação prática para turmas de 9º ano do Ensino Fundamental com base em aprofundada pesquisa bibliográfica.

Por isso, é preciso ampliar o escopo de investigação, com fins à adequação de materiais e práticas pedagógicas ao desenvolvimento das *capacidades argumentativas* (LIMA; PIRIS, 2021) como, por exemplo, o *raciocínio abduativo*, enquanto estratégia metacognitiva, os *esquemas argumentativos* para orientação da análise interacional argumentativa e a *dimensão pragmática* da negociação em situação dialogal (RAPANTA, 2018; 2019). Estabelece-se aí, pois, contribuição da presente pesquisa.

Diante disso, considerando a orientação ao fazer/decidir pertinente à argumentação prática (GONÇALVES-SEGUNDO, 2019), a problemática central é a seguinte: *quais elementos - recursos retórico-persuasivos, ancoragens inferenciais, formas de raciocínio etc. - são mobilizados ou sustentam a atividade argumentativa de estudantes do Ensino Médio em situações deliberativas e como a pesquisa-ação pode contribuir ao desenvolvimento do raciocínio prático mais estratégico ou consciente?* Desse questionamento, depreendem-se outros, a saber: De que maneira os documentos oficiais tratam a argumentação prática? Quais seriam as condições adequadas para transposição didáticas da argumentação em perspectiva interacional com foco na racionalidade prática? De que modo as práticas de (multi)letramentos contribuiriam ao processo de interação argumentativa entre discentes do Ensino Médio, visando o desenvolvimento das capacidades argumentativas?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar a atividade argumentativa de estudantes do Ensino Médio de uma unidade de ensino estadual da Bahia em situações pedagógico-deliberativas por meio de pesquisa-ação para intervenção didática e desenvolvimento das capacidades da argumentação prática.

⁴ De início, a revisão da literatura dos últimos cinco anos circunscreveu-se às teses dispostas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Portal de Periódicos da CAPES que tratam da argumentação em diferentes perspectivas. Especificamente sobre argumentação na Educação Básica, têm-se os trabalhos de Arnemann (2020), Holanda (2020), Martins (2019) e Silva Júnior (2019).

Objetivos específicos

- Descrever a abordagem sobre argumentação e seu ensino presentes nos documentos oficiais para construção de plano didático de intervenção;
- Determinar as categorias da argumentação prática, tais como esquemas, formas de raciocínio e layouts para transposição didática;
- Engendrar estratégias didático-pedagógicas em eventos de (multi)letramentos ao Ensino Médio para o trabalho com a argumentação deliberativa e desenvolvimento de raciocínios práticos;
- Refletir sobre o ensino de português em perspectiva emancipadora da argumentatividade pela abordagem empírica da pesquisa e dados de campo.

JUSTIFICATIVAS

A pesquisa se justifica, *a priori*, pela inexistência de trabalhos recentes em nível de doutorado sobre ensino da argumentação prática. Por tal lacuna, advoga-se pela ampliação do escopo de investigação via pesquisa de campo. Para isso, é preciso teorizar os modos como estudantes deliberam em contextos reais e didáticos para melhor compreensão da *atividade argumentativa* e possíveis ajustes no tratamento pedagógico, dada a complexidade de tal atividade que requer o desenvolvimento de diferentes habilidades (LIMA; PIRIS, 2021).

Em segundo, a análise dos documentos oficiais e da prática argumentativa possibilita a realização/avaliação de propostas intervencionistas, empreendidas pelo docente-pesquisador na escola por meio de pesquisa-ação, tipo de pesquisa que alia metodologicamente *teoria-prática* e *ação-reflexão* (TRIPP, 2005). Assim, refinam-se decisões e julgamentos sobre o fazer docente (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008) e se fornecem “novos *insights* sobre o processo de ensino e aprendizagem” (DORNYEI, 2007, p. 16).

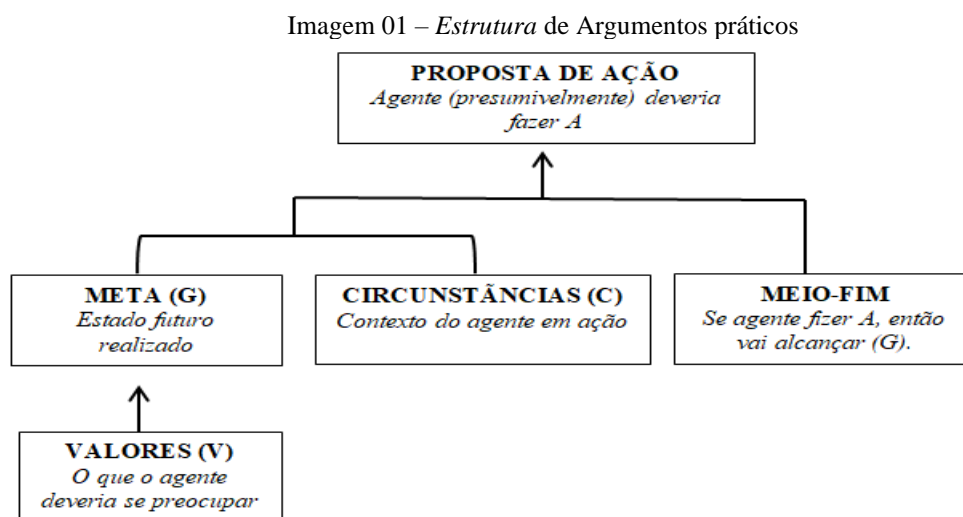
Finalmente, a investigação estimula-se pela necessidade de tratar didaticamente as especificidades do raciocínio prático, estimular práticas de deliberação condizentes com a etapa do Ensino Médio e discutir “os elementos sociais voltados à apreensão do processo argumentativo” (LIMA; PIRIS, 2022, p. 693). Tudo isso diz respeito aos conteúdos de naturezas diversas envolvidos no ensino da argumentação prática.

ARGUMENTAÇÃO, ENSINO E LETRAMENTOS

De antemão, é sabido que as teorias da argumentação partem de múltiplas perspectivas teóricas e campos do conhecimento. Por conseguinte, importa destacar as principais linhas de fundamentação desta pesquisa. *A priori*, sobre a argumentação prática, Fairclough e Fairclough (2012) propõem a ideia de raciocínio prático voltado às situações deliberativas, na quais as razões são aventadas, visando à tomada de decisão por determinada proposta de ação.

Para decidir entre diferentes propostas de ação, os sujeitos recorrem ao raciocínio do tipo *condutivo*, via argumentos plausíveis (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012). Para Gonçalves-Segundo (2019, p. 114), a compreensão da *atividade argumentativa* requer perspectiva multidimensional (aspectos cognitivos, discursivos, contextuais, multimodalidades etc.) e multidisciplinaridade.

Assim, conforme o referido autor, a perspectiva epistêmica das razões se relaciona ao acreditar e o alvo da argumentação é a *Alegação*. Por seu turno, as razões práticas se voltam às ações, tendo como meta a *Proposta de Ação* a partir de uma rede complexa de constituintes para legitimá-la, quais sejam: os *Objetivos*, as *Circunstâncias*, os *Valores*, as *Consequências da ação* e a relação *Meio-Fim*:



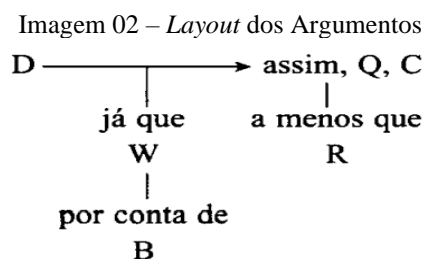
Fonte: Fairclough e Fairclough (2012, p. 45 - adaptado).

No raciocínio prático, diante da necessidade de decidir, convergem-se razões incomensuráveis, ou seja, que não se medem umas pelas outras. Consequentemente, cada parte defende uma determinada ação que tem suas próprias garantias e valores, tornando contraproducente estabelecer *a priori* qual proposta pesaria na balança (KOCH, 2017).

Segundo Koch (2017), é justamente a perspectiva epistêmico-retórica que contribui para sopesar os argumentos com fins ao convencimento por uma proposta de ação específica. Por isso, “restam-nos os recursos da retórica para nos ajudar a decidir, ou [...] ganhar a adesão de outros para uma determinada escolha” (KOCH, 2017, p. 78).

Em segundo lugar, articular tais questões em uma perspectiva interacional, estimula a pensar nos *papéis actanciais* e *layout* dos argumentos. Nessa direção, frente aos discursos e contradiscursos numa dada situação argumentativa de conflito, têm-se os papéis de *Proponente* – responsável pelo ônus da prova -, de *Oponente* e de *Terceiro*, que sustenta o questionamento (PLANTIN, 2008). Na situação de deliberação, a existência de um Terceiro pode contribuir à manutenção dos dois enquadramentos básicos, isto é, os acordos prévios quanto às circunstâncias e objetivos, além dos raciocínios cuja problemática é oriunda de desacordo (GONÇALVES-SEGUNDO, 2019).

Portanto, são elementos que podem interferir na argumentação prática, pois sinalizam a responsabilização pelos discursos (PLANTIN, 2008). Nessa ótica, o Terceiro mantém a abertura, suspensão e exame da *pergunta argumentativa*, materializando o contato entre discursos contraditórios, estabilizando-os e julgando-lhes a pertinência (PLANTIN, 2008). Dito isso, assume-se o *layout* dos argumentos de Toulmin (2001) para efeitos analíticos:



Fonte: Toulmin (2001, p. 150).

Outra linha teórica importante é a Linguística Aplicada (LA), visando o embasamento e adequação pedagógica das categorias pertencentes à argumentação prática no contexto escolar. Considerando os estudos, desde a retórica clássica-aristotélica aos campos contemporâneos da nova retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996), é preciso refletir no horizonte ético, político e didático do procedimento dialético e reposicionar os modos de lidar com o dissenso criticamente, na qual "qualquer argumento que se pretenda avaliar seja delimitado e apreciado de maneira adequada no contexto do diálogo em que ocorre" (WALTON, 2012, p. 08).

Assim, "o fulcro do ensino da argumentação, para além de munir o aluno de competências de leitura, deve ser o de o tornar capaz de interagir com o discurso do outro a partir de um posicionamento que identifica como seu" (GRÁCIO, 2010, p. 384). Para tanto, é preciso estimular ações didáticas para que os discentes lidem com diferentes racionalidades, posto que "é preciso saber reconhecer aqueles pontos críticos em que o diálogo deixa de ser racional ou se afasta de uma linha melhor de argumentação" (WALTON, 2012, p. 33).

Por isso, recorre-se ao pensamento pedagógico freireano que se opõe à reprodução das relações de opressão e poder no universo escolar, adotando, então, a posição de que os sujeitos na educação são seres políticos, plurais e a prática pedagógica é também política no sentido da vida em sociedade e do inacabamento inerente à condição de indivíduo no mundo (FREIRE, 1989). Nessa direção, o ensino de português deve calcar-se em práticas de letramentos críticos que deem condições à autonomia, mobilizando saberes para lidar com as exigências sociais, afetivas e comunicativas da contemporaneidade (KLEIMAN, 2014).

Finalmente, importa o trabalho com letramentos em múltiplas modalidades, gêneros textuais, culturas e discursos, bem como o uso das TDICs. Portanto, a pedagogia dos multiletramentos é fundamental para ancorar didaticamente todo o processo desta pesquisa-ação, uma vez que a contemporaneidade exige o domínio de diferentes linguagens, conexões, suportes, formas de comunicação e a criticidade na interação com tais elementos, conectando a escola às demandas contemporâneas (KALANTZIS; COPE, 2000; ROJO, 2013).

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza *qualitativa*, de cunho *interpretativista*, do tipo *descritivo-indutiva* e na modalidade de *pesquisa de campo* para "contextualizar o que é pesquisado, estabelecendo todas as relações possíveis entre os diferentes elementos [envolvidos]" (LEFFA, 2006, p. 03). Para tanto, empregam-se os procedimentos da *Pesquisa-ação* (THIOLLENT, 2011) pela flexibilidade das intervenções em *ciclos* de planejamento, ação, observação e reflexão (TRIPP, 2005), além da estratégia de *estudo de caso* para descrição aprofundada em situação natural (DÖRNYEI, 2007).

O contexto da pesquisa é o Colégio da Polícia Militar Anísio Teixeira - CPMAT em Teixeira de Freitas (BA), *locus* de atuação docente do pesquisador. Os sujeitos são

discentes das turmas do Ensino Médio, sendo 15 participantes do programa *Mais Estudo*⁵ e 15 do Clube de Linguagens, ambos supervisionados pelo pesquisador e que funcionam em contraturno extracurricularmente. Os colégios militares da Bahia iniciaram a implantação do Novo Ensino Médio em 2018, daí a importância em investigar as práticas argumentativas no contexto das diversas mudanças curriculares, orientações pedagógicas e tempos de aprendizagem.

No contexto da articulação do Mais Estudo e do Clube de Linguagens, os discentes serão responsáveis, por exemplo, por ações de reforço escolar, manutenção de grupos de estudo, aprendizagem por aplicativos didáticos e objetos de aprendizagem (BRASIL, 2018), realização de atividades escritas e orais em gêneros textuais e suportes diversos, além da colaboração na editoração de página em rede social. Tais ações devem instigar participação, envolvimento e, portanto, ações deliberativas, foco da análise e descrição da pesquisa.

Assim, na primeira etapa, faz-se o diagnóstico das habilidades argumentativas relacionadas à competência leitora pelos *descritores*⁶ da Prova Brasil e do Sistema de Avaliação Baiano de Educação, além da análise dos documentos curriculares oficiais.

Na segunda, cabe ao pesquisador a construção das estratégias de intervenção voltadas ao desenvolvimento do raciocínio prático em situações de deliberação. Trata-se de situações-problema (doravante SP), que devem propiciar a *atividade argumentativa prática*, objeto central de análise. Ou seja, momentos nos quais os (as) discentes devem elaborar propostas de ação, defendê-las e executá-las. Para tanto, elabora-se o plano de ação-intervenção pedagógica a partir de projeto didático, contendo sequências didáticas de gêneros SDG (SCHNEWLY; DOLZ, 2004), conforme as sugestões didáticas em Grácio (2010) e Lerner (2007), além dos resultados da primeira etapa.

Na sequência, executa-se a proposta de intervenção, conforme *espiral cíclica* (TRIPP, 2005) de *planejamento, ação, observação e reflexão*, respeitando o calendário escolar e o trabalho com gêneros textuais. As SP se vinculam aos eventos presenciais e *on-line* de (multi) letramentos no contexto das monitorias e ações do Clube de Linguagens, nos quais incidirão as Propostas de Ação. Ademais, realizam-se registros audiovisuais para descrição multimodal, gravações a *posteriori* e, se necessário, microanálise etnográfica (LEFFA, 2006).

⁵ Projeto para estudantes da rede estadual do 9º (EF) ao 4º ano (EM) para atuarem como monitores. Disponível em: <http://estudantes.educacao.ba.gov.br/mais-estudo>. Acesso em: 15 jun. 2023.

⁶ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/3_portugues.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

No quarto momento, descrevem-se a atividade argumentativa dos discentes nas SP da SDG, utilizando os *layouts* e esquemas da argumentação prática (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012) e de Toumin (2001).

Na quinta etapa, importa a avaliação das estratégias constantes no projeto, o balanço das reflexões dos ciclos da pesquisa-ação e do desempenho discente a partir da atitude mediadora (HOFMANN, 2009) com destaque às intervenções exitosas e reconfiguração das experiências não bem-sucedidas. A avaliação mediadora não se configura pela atribuição de notas por parte do docente, mas sim a construção coletiva de percepções e iniciativas ao aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem pelos envolvidos. Em todo caso, o estudo deve seguir as determinações éticas para a pesquisa com humanos (BRASIL, 2016).

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com este trabalho:

- a. A contribuição ao campo da didática da argumentação prática, mediante abordagem empírica das estratégias implementadas e discussão sobre as intervenções realizadas na pesquisa-ação;
- b. A análise curricular aprofundada dos documentos oficiais acerca da argumentação e seus possíveis impactos ao ensino como um todo;
- c. A apresentação de diferentes situações-problema e eventos de (multi) letramento que possam servir de parâmetro para novas intervenções didáticas, tendo em conta as singularidades da pesquisa de campo;
- d. A descrição dos raciocínios desenvolvidos pelos discentes no processo de elaboração, defesa e execução de Propostas de Ação nas SP durante a atividade argumentativa por meio dos *layouts* (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012; GONÇALVES-SEGUNDO, 2019; TOUMIN, 2001) como forma de balizar as reflexões didático-pedagógicas;
- e. A proposição de estratégias, materiais e ações pedagógicas específicas ao desenvolvimento das capacidades argumentativas na perspectiva do raciocínio prático;
- f. A criação de espaços para cultura argumentativa na escola (GRÁCIO, 2010) por meio das monitorias do Mais Estudo e do Clube de Linguagens, consoante a participação ativa no planejamento, nos processos decisórios,

na (auto)avaliação das etapas de interação e pelo protagonismo no processo de ação-reflexão.

A pesquisa almeja a articulação da discussão teórico-epistemológica da argumentação prática com os dados da pesquisa de campo, tendo os sujeitos, de fato, envolvidos em situações reais de comunicação (PIRIS, 2021) e com autonomia para tomar decisões plausíveis, desenvolvendo capacidades argumentativas no interior de uma atmosfera pedagógica democrática, acolhedora e emancipadora.

REFERÊNCIAS

ALBERIGI, Lucia da Conceição Soares. **Dizer a sua palavra e agir sobre o mundo: a argumentação além da sala de aula..** 2019. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Letramentos) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica.** Tradução: Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

AQUINO, Jaciara Limeira de. **Ensino de argumentação em eventos de letramento.** 2018. 214f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

ARAÚJO, Antonio Aprígio Fernandes de. **A argumentação no discurso de sujeitos aluno do Ensino Fundamental: a construção da identidade regional mediada pelo gênero canção nos estilos Música Popular Paraense e Tecnobrega.** 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

ARNEMANN, Aline Rubiane. **Informatividade na sala de aula: o emprego de informações na construção de argumentos.** 2020. 438 p. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande do Sul, Santa Maria, 2020.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan DAMACENO, Taysa Mercia dos S. Souza. Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 07, p. 84-92, 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/6557>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BARRETO, Janaína da Nóbrega. **Ensino de argumentação em livro didático.** 2021. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília – DF, n. 98, p. 44-46, maio 2016. Disponível em:

http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_16.htm. Acesso em: 10 ago. 2020.

CASTRO, Maria Gabriela Rodrigues de. **A argumentação prática no Ensino Básico: uma jornada didática rumo à competência argumentativa**. 2021. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Tradução: Glais Sales Cordeiro e Roxane Rojo. São Paulo; Mercado das Letras, 2004.

DÖRNYEI, Zoltán. **Research methods in applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. **Political Discourse Analysis: a method for advanced students**. Londres; Nova York: Routledge, 2012.

FERNANDES, Francisca Vaneíse Andrade. **Ensino de argumentação em projetos de letramento**. 2021. 171f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação epistêmica: uma releitura do layout de Toulmin em perspectiva multidisciplinar. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 236-266, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/47130>. Acesso em: 20 jun. 2023

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação prática: uma releitura do layout de Fairclough & Fairclough (2012). **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, v. 19, n. 2, p. 109-137, 26 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2498>. Acesso em: 20 jun. 2023

GRÁCIO, Rui A. **Para uma teoria geral da argumentação: Questões teóricas e aplicações didáticas**. 2010. 446f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2010.

HOFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOLANDA, Lêda Maria de Carvalho Ribeiro. **Desenvolvimento da argumentação mediado por recursos transmídia em crianças**. 2020. 134 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. A multiliteracies pedagogy: a pedagogical supplement. *In*: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Org.). **Multiliteracies: literacy**

learning and the design of social futures. London and New York: Routledge, 2000. p. 237-246.

KLEIMAN, Angela del Carmen Bustos Rromero. Letramento na contemporaneidade. Bakhtiniana. **Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, n. 2, p. Port. 72-91, nov. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19986>>. Acesso em: 20 jun. 2023

KOCK, Christian Erik. **Deliberative Rhetoric**: arguing about doing. Windsor: University of Windsor's Digital Press, 2017, p. 68-84.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Digital literacies**: concepts, policies and practices. New York, NY: Peter Lang, 2008.

LEFFA, Vilson J. (org.). **Pesquisa em linguística aplicada**: temas e métodos. Pelotas: Educat, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002

LIMA, Sheyla Fabrícia Alves; PIRIS, Eduardo Lopes. A noção de capacidade argumentativa em diferentes perspectivas de estudo da argumentação. **Fólio - Revista de Letras**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9324>. Acesso em: 20 jun. 2023

MARTINS, Erikson de Carvalho. **O Whatsapp e o desenvolvimento da argumentação escrita**: a produção textual no ensino de língua materna e as tecnologias digitais de informação, comunicação e expressão. 2019. 414 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PASSINHO, Joelton da Silva. **Argumentação e formação do senso crítico**: proposta de trabalho com o gênero anúncio. Orientador: Alcides Fernandes de Lima. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIRIS, Eduardo Lopes. (Im)Posibilidades de enseñanza de la argumentación en la escuela. **Revista Iberoamericana de Argumentación**, Madrid, n. 20, p. 30-56, 2020. Disponível em: https://revistas.uam.es/ria/article/view/ria2020_20_002/12269. Acesso em: 20 jun. 2023

PIRIS, Eduardo Lopes. O ensino de argumentação como prática social de linguagem. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E.L. (Orgs.). **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. Campinas: Pontes, 2021. p. 135-153.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008 [2005], p. 63-87.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. Tradução de Rodrigo

dos Santos Mota; Sébastien Giuliano Giancola; Thaise Almeida dos Santos. Revisão da tradução de Moisés Olímpio Ferreira; Sérgio Israel Levenfous. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudo Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 01, p. 17-37, 2011.

RAPANTA, Chrysi. **Argumentation strategies in the classroom**. Wilmington, Delaware (USA): Vernon Press, 2019.

RAPANTA, Chrysi. Teaching as Abductive Reasoning: The Role of Argumentation. **Informal Logic**, v. 38, n. 2 pp. 293-311, 2018. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/12415856/Teaching_as_Abductive_Reasoning.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023

ROJO, Roxane (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o ensino médio** (v. 2). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. Tradução: Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação E Pesquisa**, n. 31, v. 3, p. 443–466, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH#ModalHowcite> Acesso em: 20 jun. 2023

VITALE, Maria Alejandra; PIRIS, Eduardo Lopes; CARRIZO, Alicia Eugenia Carrizo; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (orgs.). **Estudios sobre discurso y argumentación**. Grácio Editor: Coimbra, 2019.

WALTON, Douglas N. **Lógica informal: manual de argumentação crítica**. Tradução Ana Lúcia R. Franco, Carlos A. L. Salum; revisão da tradução Fernando Santos. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Palavras-chave:

Argumentação prática. Currículo. Ensino. Letramentos. Linguística Aplicada.

ARGUMENTAÇÃO DELIBERATIVA EM ASSEMBLEIAS GERAIS DE MORADORES DO ASSENTAMENTO FREI VANTUY: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES ARGUMENTATIVAS

Elionai Mendes da Silva¹
Eduardo Lopes Piris (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Na vida prática, argumentar é uma atividade essencial, porém custosa em situações de natureza dilemática que exigem refutação, negociação ou sustentação de uma tese ou de ponto de vista acerca de determinado assunto. Isso porque, muitas das vezes, os participantes destas situações não estão dispostos a admitir a existência de opiniões divergentes que os convoquem a apresentar razões justificadas para sustentar ou negociar seu posicionamento, o que pode favorecer ao processo argumentativo em situações cotidianas de argumentação, com vistas a alcançar objetivos práticos. Tais situações podem desencadear-se em diferentes contextos comunicacionais, inclusive no cotidiano de comunidades rurais, como é o caso do Projeto de Assentamento Frei Vantuy, *lócus* deste projeto de pesquisa.

Os resultados de nossa pesquisa de mestrado permitiram observar que propostas de ensino de argumentação pautadas apenas nas perspectivas retórica e linguística da argumentação dificilmente podem contribuir para o desenvolvimento das capacidades argumentativas de estudantes. Em certa medida, suas atividades restringem a concepção da prática argumentativa ao estudo de aspectos constitutivos do discurso argumentado e negligenciam o exercício do próprio ato de argumentar, ou seja, da interação argumentativa, na acepção de Grácio (2016), comprometendo, assim, o aprimoramento das capacidades argumentativas dos estudantes (AZEVEDO, 2013; 2016; 2019; ALVES LIMA, 2022). Consideramos que o desenvolvimento de tais capacidades ocorre em situações de oposição de posições, delimitadas pelas condições de uma situação argumentativa, na qual seja possível observar a presença de dois discursos opostos em

¹ naybaianamendes@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

² elpiris@uesc.br

que os argumentadores sejam convocados a confrontar o discurso do outro.

No intento de contribuir para práticas autênticas que envolvam o ato de argumentar em interações concretas e que favoreçam o aprimoramento das capacidades argumentativas, filiamo-nos a uma perspectiva interacional da argumentação, em que, conforme Plantin (2008, p. 64), uma “situação argumentativa típica é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma pergunta”, ou a um assunto em questão, de modo que “um dos aspectos fundamentais da argumentação é a articulação de dois discursos contraditórios” (PLANTIN, 2008, p. 66).

Esta perspectiva nos fornece subsídios teóricos, práticos e metodológicos para pensarmos em propostas didáticas que contemplem a argumentação como prática social, ou seja, o ato de argumentar inscrito em práticas de letramentos (TINOCO; AQUINO, 2018; AZEVEDO; TINOCO, 2019; AZEVEDO; MOURA, 2021; PIRIS, 2021; PIRIS; CALHAU, 2021). Logo, podemos propor que argumentar é uma atividade complexa, podendo ser caracterizada como discursiva, dialógica, social, dialética, cognitiva e epistêmica (LEITÃO, 2012). Por isso, nos é interessante estudá-la tanto do ponto de vista justificatório quanto comunicativo, logo, anterior e para além dos muros da escola.

Assim, esta pesquisa busca investigar como as capacidades argumentativas são mobilizadas pelos sujeitos durante as assembleias gerais da comunidade do Assentamento Frei Vantuy, Ilhéus, Bahia. Para tanto, consideramos a assembleia como uma prática social caracterizada pela argumentação prática e deliberativa; voltada a um fazer fazer, e não apenas epistêmica, voltada a um fazer saber (KOCK, 2017; GONÇALVES-SEGUNDO, 2019; GÓMEZ, 2018;). Com base nos resultados, elaboraremos um curso de argumentação para aprimorar suas capacidades argumentativas. Diante disso, esta pesquisa é motivada pela seguinte questão: como o nosso conhecimento sobre as capacidades argumentativas pode favorecer o planejamento de ensino da argumentação em contexto de educação não-formal?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Contribuir para o desenvolvimento das capacidades argumentativas de membros associados da Associação agrícola do assentamento Frei Vantuy, com a oferta de um curso livre de argumentação, baseado em pressupostos da Educação Não-formal.

Objetivos específicos

- Analisar as capacidades argumentativas mobilizadas pelos assentados numa primeira amostra colhida de uma assembleia geral ordinária da Associação, considerando a assembleia geral como uma prática de argumentação deliberativa.
- Com base na análise, elaborar e aplicar uma proposta de ensino de argumentação numa concepção emancipatória de educação, com vistas a contribuir para o desenvolvimento das capacidades argumentativas dos participantes da pesquisa.
- Após a aplicação da proposta de ensino, analisar uma segunda amostra colhida de outra assembleia geral ordinária da Associação, para comparar as capacidades argumentativas mobilizadas pelos participantes na primeira e na segunda amostras.
- Com base nos resultados obtidos, aprimorar e formatar a proposta de ensino, para dar continuidade ao curso neste e em outros assentamentos.

JUSTIFICATIVAS

A prática argumentativa em assembleias gerais ordinárias de assentamentos rurais é uma atividade necessária e custosa para o exercício da cidadania daqueles que buscam conviver harmonicamente em um espaço social e democrático, posto que, por vezes, este contexto situacional é concebido como uma arena de disputas por interesses pessoais, individuais e subjetivos, impactando no convívio, na harmonia do coletivo social e no exercício da prática argumentativa emancipatória. Diferente disso, Piris (2021, p. 137) enfatiza que “a argumentação somente se concretiza como prática social de linguagem própria do regime democrático, em que os argumentadores disputam sentidos acerca de uma questão argumentativa, com vistas ao consenso ou ao consenso sobre o dissenso [...]”, sem que um sobreponha seu ponto de vista sobre o ponto de vista do outro.

Em face destes aspectos, percebemos que há uma ausência de estudos envolvendo a prática da argumentação em Assentamentos rurais, sobretudo numa vertente crítico-política e democrática do ato de argumentar. Daí advém o ineditismo e a relevância de desenvolvermos uma proposta que contemple os aspectos crítico, político, autônomo e emancipatório do ensino da argumentação em consonância ao escopo das práticas sociais, no âmbito da esfera acadêmico-científica, com base nos pressupostos da Educação Não-

formal, considerando, precipuamente, as capacidades argumentativas como ponto de partida do planejamento das atividades.

APARATO TEÓRICO

O conceito de capacidades argumentativas vem sendo apresentado em diferentes percepções e disperso em diferentes perspectivas conforme os enfoques pretendidos. Em Alves Lima e Piris (2021), encontramos este conceito nas perspectivas Cognitiva, Metacognitiva, Psicolinguística, Interacionista e a Sociocultural discursiva. Essas perspectivas são importantes para que possamos compreender a complexidade dos processos que envolvem o desenvolvimento de capacidades argumentativas, sobretudo quando mobilizadas em situações específicas. Contudo, nos importa o conceito que vem sendo desenvolvido por Azevedo (2013; 2016; 2019) na perspectiva Sociocultural discursiva porque (i) agrega diferentes campos do saber; (ii) relaciona as capacidades aos atos performativos da situação argumentativa e (iii) apresenta distinções que são fundamentais para tal compreensão como, por exemplo, a diferença de competência e capacidade argumentativa.

Nessa perspectiva, Azevedo (2013; 2016; 2019) reflete sobre o desenvolvimento de capacidades argumentativas de acordo com as situações concretas de interação. Conforme a autora, tal desenvolvimento articula quatro áreas de conhecimento: a retórica, a filosofia, a psicologia e a educação. Das primeiras, toma as proposições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) que constituem a Nova Retórica, em associação aos estudos de Michel Foucault (2004, 2008), no que diz respeito à lógica, à significação das palavras e à constituição dos discursos. Na psicologia, baseia-se na psicologia histórico-cultural, tendo Vygotsky (1987) como sua principal referência; e na educação, parte das considerações de Philippe Meirieu (1998, 2005), para tratar dos modos de conceber e a gerir a linguagem. A partir dessa tríade epistemológica, a autora concebe a noção de capacidade argumentativa como um processo que coloca os discursos em interações, articulando três aspectos indissociáveis: condição humana, ação de linguagem e expressão discursiva.

A combinação desses três constituintes mobiliza tanto aspectos da situação argumentativa (argumentos, contra-argumentos, pontos de vista) quanto a avaliação de posicionamentos ideológicos, em que seja necessário a mobilização de capacidades argumentativas dos sujeitos que se encontrem imersos a situações conflituosas, exigindo

dos participantes atitudes emancipatórias frente a discursos argumentados. Paulo Freire (1997) ressalta que a educação problematizadora é em sua essência um ato político, que liberta os indivíduos por meio da consciência crítica, transformadora e diferencial, a qual emerge da educação como prática da liberdade. Por esse prisma, consideramos a argumentação uma prática social que pode contribuir para libertar os sujeitos das amarras de discursos opressores que circulam na sociedade brasileira, por meio de uma leitura crítico-argumentativa desses discursos.

Numa perspectiva interacional, Plantin (2008) concebe a argumentação a partir de uma situação específica de comunicação e defende a ideia de que a argumentação somente ocorre quando os atores argumentativos se propõem a desenvolver os atos argumentativos de: propor, opor-se e duvidar, que, em nosso entendimento, caracterizam diferentes capacidades argumentativas. Essa situação é compreendida (PLANTIN, 2008) pela justaposição de dois discursos antagônicos, os quais são manifestados por uma pergunta que exige uma resposta ambígua, ou seja, uma mesma questão argumentativa, que suscita, ao menos, duas respostas distintas, dois pontos de vista contraditórios. Assim, a argumentação é uma forma de interação problematizante formada por intervenções orientada por uma questão (PLANTIN, 2002).

Plantin (2008) desenvolve sua concepção teórica por meio do Modelo dialogal da argumentação, inspirando-se nos modelos dialogais. Conforme o autor (PLANTIN, 2008, p. 65), tais modelos eram apresentados tendo por perspectiva a lógica do diálogo como resposta à “insatisfação decorrente dos modelos puramente monológicos da argumentação que surgiu pelo menos desde 1980”. Assim, o autor põe em evidência o aspecto principal da atividade argumentativa que é a análise da articulação de dois discursos divergentes, caracterizando a argumentação como uma atividade interativa, dialogal, dialógica e dilemática, articulando um discurso e um contradiscurso justapostos.

Por sua vez, Grácio (2016) compreende a argumentação a partir de uma perspectiva multidimensional que rompe com a ideia da argumentação como prática imperativa e impositivista. Os estudos desenvolvidos por este pesquisador têm motivação de ordem pedagógica relacionada ao ensino da argumentação acerca das técnicas e certos esquemas argumentativos que ficavam além das expectativas dos alunos, visto que muitos apresentavam dificuldades não de construir, de analisar textos ou discursos argumentados, mas de serem postos à prova em situações concretas de confronto oposicional.

Neste alinhamento, Grácio (2016) diz que a argumentação é um acontecimento de

interação social, localizada “na interação entendida como crítica do discurso de um pelo discurso do outro” (GRÁCIO, 2016, p. 15). Neste quadro, podemos repensar as práticas argumentativas a partir de uma visão holística e descritiva do processo argumentativo a partir de uma dada situação que “implica a polarização num assunto em questão resultante de um díptico argumentativo” (GRÁCIO, 2016, p. 28), que é desencadeado pelos discursos antagônicos em torno de uma questão. De acordo com o autor, a base da argumentação está na interação; e se encontra numa situação de argumentação caracterizada (1) pela existência de uma oposição; (2) pela alternância de turnos de palavras, polarizados num assunto em questão considerando as intervenções dos participantes e (3) por uma possível progressão para além do díptico argumentativo inicial em que é visível a interdependência discursiva. Elementos estes que serão observados nas análises pretendidas.

Diante disso, acreditamos que nossa pesquisa pode oferecer sua contribuição aos estudos sobre a argumentação e o ensino da argumentação, apresentando uma reflexão baseada na concepção emancipadora em interface com diferentes perspectivas teóricas que estudam este objeto de conhecimento enquanto prática social. No caso deste projeto de pesquisa, a prática dessa atividade é possibilitada pela argumentação oral, sendo mobilizada pela e durante a prática da assembleia geral, numa relação interacional e dialogada (PLANTIN, 2008) entre os sujeitos participantes, bem como na interdependência que um argumento mantém com o argumento do outro.

METODOLOGIA

O projeto de pesquisa adota procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica, com contribuições de fontes secundárias (livros, artigos, teses) e documental (GIL, 2008), utilizando de fontes primárias na composição do texto escrito a partir da transcrição dos enunciados gravados, durante as assembleias gerais. Assim, pretendemos realizar um levantamento de referencial teórico que transite pela temática, a qual nos propomos a investigar sobre as teorias da argumentação; sobre o Modelo dialogal de Plantin (2005); da Argumentação na interação de Grácio (2016; 2010); da Pedagogia crítica de Paulo Freire (2022; 1997) em diálogo com as proposições de Gonh (2006) acerca das reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de jovens e adultos em espaços não-formais de educação, que tem dentre as suas finalidades a de capacitar indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2017), envolvendo objetivos de cunho descritivo, interpretativos e proposicionais, posto que pretendemos observar, registrar, descrever e analisar a atividade argumentativa dos participantes, durante as assembleias gerais para, assim, compreender o modo como os mesmos argumentam, e, a partir disso, planejar o ensino e elaborar atividades dedicadas à construção de argumentos conforme as capacidades argumentativas evidenciadas. Trata-se, portanto, de identificar as capacidades mobilizadas em seu processo argumentativo a fim de aprimorá-las e/ou desenvolvê-las.

Quanto à natureza, a pesquisa se caracteriza como do tipo aplicada, pois busca impactar na prática argumentativa de moradores de uma comunidade rural e participantes de assembleias gerais, incidindo sob a resolução de problemas reais (MARCONI; LAKATOS, 2017), relacionados ao uso da linguagem, o que poderá ser possibilitado com o desenvolvimento de capacidades específicas do ato de argumentar, a partir da aplicação de uma proposta em contexto da Educação não-formal, sob o lastro da pedagogia problematizadora e emancipatória.

Com base nos procedimentos técnicos utilizados, trata-se de uma pesquisa-ação, definida por Thiollent (1986, p. 14) como “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Nesta pesquisa, utilizaremos os resultados obtidos para propor ações que possibilitem o melhoramento do problema relacionado à prática argumentativa dos participantes. A mesma terá como *corpus* aspectos operacionais da situação argumentativa, mobilizados pelos membros da Associação agrícola do assentamento Frei Vantuy, durante o exercício da prática argumentativa, bem como as capacidades argumentativas identificadas.

DISCUSSÃO

A concepção de capacidades argumentativas proposta por Azevedo (2013; 2016; 2019) está relacionada a escolha dos conteúdos didáticos para o ensino de argumentação. Por isso, faz-se necessário planejar atividades que coloquem no centro do processo de ensino-aprendizagem um conjunto integrado de capacidades como construir, justificar e expressar um argumento que sustenta ou que refuta uma tese; ou, ainda, que favoreça o estabelecimento da educação emancipatória, relacionando argumentos e pontos de vistas

a posicionamentos ideológicos. Para isto, precisaremos saber quais e como as capacidades argumentativas são mobilizadas pelos participantes, para que possamos elaborar o planejamento de ensino, as aulas, as atividades e os materiais didáticos.

Posto isto, com esta pesquisa, esperamos contribuir para a formação crítica, atuante e participativa de moradores do Projeto de Assentamento Frei Vantuy a partir do aprimoramento de suas capacidades argumentativas de forma que seus participantes possam atuar autônoma, emancipatória e competentemente nas mais variadas situações concretas de argumentação ao desenvolver seus papéis sociais em diferentes práticas de letramentos. Ou seja, um argumentar para a politização dos participantes. Assim sendo, seu ensino em muito contribuirá para o desenvolvimento do pensamento crítico dos membro-sócios, viabilizando a análise crítica dos fatos, durante as exposições nas assembleias, e, conseqüentemente, maior participação na tomada de decisão em grupo.

REFERÊNCIAS

ALVES LIMA, Sheyla Fabrícia. As capacidades argumentativas como objetos de ensino da argumentação. **EID&A- Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, v. 22, n. 2, p. 154 -174, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47369/eidea-22-2-3484>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ALVES LIMA, Sheyla Fabrícia; PIRIS, Eduardo Lopes. A noção de capacidade argumentativa em diferentes perspectivas de estudo da argumentação. **Fólio**, Revista de letras13(2). Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9324> Acesso em 27 jun. 2023.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Desenvolvimento de competências e capacidades de linguagem por meio da escrita de textos de opinião. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.4, p. 35-47, jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/419>. Acesso em: 19 jun. 2023.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Organização de textos dissertativo-argumentativos em prosa: o que se percebe em dez anos de realização do Enem? *In*: FREITAG, Raquel Meister Ko; SILVA, Leilane Ramos da (orgs.). **Linguagem, interação e sociedade**: diálogos sobre o Enem. João Pessoa: CCTA, 2015. pp. 33-50.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Capacidades argumentativas de professores e estudantes da educação básica em discussão. *In*: PIRIS, Eduardo Lopes, FERREIRA, Moisés Olímpio (orgs.). **Discurso e Argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 167-190.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. *Confluencias y distinciones entre las nociones de capacidad y competencia argumentativas*. *In*: VITALE, María Alejandra et al. (orgs.). **Estudios sobre discurso y argumentación**. Coimbra: Grácio Editor, 2019. p.

167-193.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; TINOCO, Glícia Azevedo. Letramento e argumentação no ensino de língua portuguesa. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 18-35, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11383>. Acesso em: 24 mai. 2023.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; MOURA, Márcia Oliveira. Letramento Crítico e retórica associados à construção de pontos de vista em práticas de ensino de argumentação. In: SÁ MARTINS, Ana Patrícia; KERSCH, Dorotea. Frank.; TINOCO, Glícia Azevedo.; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. (orgs.). **Letramentos e argumentAÇÃO**: questões conceituais e de ensino. Campinas: Pontes, 2021. p. 117-142.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 82. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 2022 [1967].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio. **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/>. Acessado em: 19 jun. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo. Cortez, 5. ed. 2003.

GÓMEZ, Julder. O que é argumentação prática? Tradução: Daniel Mazzaro Vilar de Almeida. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 17, p. 172-196, jul./dez.2018. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2285>. Acessado em: 19 jun. 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação prática: uma releitura do layout de Fairclough & Fairclough (2012). **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 19, v. 2, p. 109-137, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-19-v2-2498>

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Argumentação na interação**. Coimbra: Grácio Editor, 2016. PLANTIN, Christian. **A argumentação**. Tradução: Rui Alexandre Grácio e Martina Matozzi. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

KOCK, Christian Erik. *Deliberative Rhetoric: Arguing about Doing*. Windsor: University of Windsor's Digital Press, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.22329/wsia.05.2017>. Acessado em: 10 mai. 2023.

LEITÃO, Selma. O trabalho com argumentação em ambientes de ensino-aprendizagem: um desafio persistente. **Uni-pluri/versidad**, Medellín, v.12, n.3, p. 23-37, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7580372>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva. Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PIRIS, Eduardo Lopes. O ensino de argumentação como prática social de linguagem. In: Gonçalves-Segundo, PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. Campinas: Pontes, 2021. p. 135-153.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

PLANTIN, Christian. *Analyse et critique du discours argumentative*. In KOREN, Roselyne e AMOSSY, Ruth (orgs.). **Après Perelman**: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques?, Paris, L'Harmattan, 2002.

PIRIS, Eduardo Lopes; CALHAU, Soade Pereira Jorge. Ensino de argumentação por meio de assembleia de classe: planejamento de uma prática de linguagem. In: MARTINS, Ana Patrícia Sá; KERSCH, Dorotea Frank; TINOCO, Glícia Isabel e AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (Orgs). **Letramentos e argumentação**: o ensino de línguas como prática social. Campinas, Pontes Editores, 2021. p. 143-165.

TINOCO, Glícia Azevedo; AQUINO, Jaciara Limeira. Debate regrado como evento de letramento. In: ATAÍDE, C. *et al* (orgs.). **Gelne 40 anos**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 161-180. v. 2. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/ywyjdd5inep7zgt/Gelne_40anos.pdf?dl=0. Acesso em: 24 mai. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

VIDON, Luciano Novaes. A prática escolar de ensino de textos dissertativo-argumentativos: pedagogia da dessubjetivação. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 743-755, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/963>.

VIDON, Luciano Novaes. A permanência da dissertação escolar nos exames vestibulares: o caso do ENEM. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes. **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares – vol. 2. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 31-44. Disponível em: www.sediar.com/publications.

Palavras-chave:

Argumentação prática. Capacidades argumentativas. Letramentos. Práticas sociais. Interações argumentativas.

USOS E CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS DE COLOCAÇÃO – PÔR, COLOCAR E BOTAR – EM TWEETS: UMA ABORDAGEM SOCIOCONSTRUCIONISTA

Iolanda Ferreira dos Santos¹
Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Nesta pesquisa, tratamos de construções instanciadas pelos verbos de colocação *pôr*, *colocar* e *botar*, tendo como *corpus* textos escritos (*tweets*) veiculados na rede social *Twitter*, usos que evidenciam a língua em situação concreta de intercomunicação. Eis alguns exemplos: *pôr* o livro na mesa/*pôr* o plano em prática; *colocar* um carro pipa nas ruas/*colocar* a cabeça em ordem; *botar* um crooped/*botar* o papo em dia. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), da Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]) e da abordagem Socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2019), perspectivas que concebem a língua como um instrumento de interação social suscetível a constantes mudanças. Partimos da hipótese de que esses verbos poderão instanciar construções que se alternam/variam quanto a propriedades formais (morfofossintáticas) e funcionais (semântico-pragmáticas).

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar a configuração formal e funcional das construções instanciadas pelos verbos de colocação *pôr*, *colocar* e *botar* - em *tweets*, no intuito de verificar se elas indicam relações de similaridade e dissimilaridade e se evidenciam uma situação de alternância/variação.

¹ iolandaferreiradossantos@gmail.com Bolsista CAPES.

² gskanthack@uesc.br

Objetivos específicos

- Coletar usos das construções instanciadas pelos verbos *pôr*, *colocar* e *botar*;
- Analisar fatores morfossintáticos que influenciam os itens selecionados por cada um dos verbos;
- Verificar fatores semânticos e pragmático-discursivos que influenciam o entorno das construções instanciadas;
- Atestar o impacto da frequência de uso de cada construção no intuito de apontar se os usos evidenciam uma situação de alternância/variação;
- Examinar os graus de esquematicidade e de composicionalidade das construções;
- Observar as relações de similaridade e dissimilaridade das construções;
- Propor uma rede construcional para os padrões instanciados.

JUSTIFICATIVAS

Esta pesquisa visa aprofundar o que se sabe sobre as construções com os verbos de colocação *pôr*, *colocar* e *botar* e contribuir com os estudos descritivos do português brasileiro contemporâneo. Tendo como aparato abordagens que permitem explicar padrões de uso em termos de pareamento formal e funcional, a pesquisa possibilitará a compreensão de propriedades que vão além das estruturas linguísticas. Assim, justificamos a escolha das abordagens adotadas, particularmente a socioconstrucionista, que lida com a variação construcional e que, até então, não foi utilizada para análise dos verbos estudados.

A pesquisa também se justifica pela importância do *corpus* escolhido, visto que os *tweets* representam o uso efetivo da língua, demonstram a subjetividade do falante e se aproximam da modalidade oral, o que pode motivar novos usos linguísticos, revelando, assim, a dinamicidade da língua. Destacamos, por fim, que a nossa investigação contribuirá para o fortalecimento das pesquisas feitas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em especial, para a área da Linguística. Com a descrição e as análises promovidas, pretendemos mostrar a relevância das interfaces sintaxe-semântica-pragmática-discurso para compreensão de fenômenos linguísticos.

APARATO TEÓRICO

O nosso aporte teórico tem como base três perspectivas: A Linguística Funcional Centrada no Uso, a Gramática de Construções e a abordagem Socioconstrucionista. Elas consideram aspectos formais (fonológicos e morfossintáticos) e funcionais (semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos) ao explicar os usos linguísticos. Com a adoção dessas abordagens, poderemos explicar, de forma mais ampla, os usos e construções com os verbos de colocação - *pôr, colocar e botar*.

Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU - é a tendência de estudos mais recente do Funcionalismo que une os postulados da Linguística Funcional de vertente norte-americana com os da Linguística Cognitiva. Essa interface permite o compartilhamento de diversos pressupostos teóricos-metodológicos, como por exemplo, o de que existe uma estreita relação entre as estruturas linguísticas e os usos que os falantes fazem dela em circunstâncias reais de uso, logo, as análises fundamentadas nessas correntes teóricas enfatizam a necessidade de levar em consideração aspectos fonológicos, morfossintáticos, semântico-cognitivos, discursivo-pragmáticos e enunciados decorrentes do discurso natural.

A língua, nessa perspectiva, é concebida como um sistema adaptativo complexo que permite aos indivíduos adaptar as estruturas linguísticas conforme as suas necessidades. Segundo Cunha e Bispo (2013),

[...] ancorada na natureza adaptativo-funcional da linguagem, que se manifesta em fenômenos de variação e mudança, a LFCU descarta a hipótese de que a gramática apresenta regras fixas, que se aplicam em qualquer situação. Ao contrário, assume que os falantes tendem a adaptar sua fala aos diferentes contextos de comunicação, o que significa que as regras mais gerais são ativadas em combinação com eventos específicos de uso. (CUNHA; BISPO, 2013, p. 55)

Tendo em vista essa natureza fluida da língua que nos permite (re)configurar as estruturas linguísticas a partir de regras gerais, a LFCU postula que a gramática é uma representação cognitiva da experiência dos falantes com a língua, sendo assim, pode ser afetada pelos usos linguísticos, o que a caracteriza como uma estrutura em constante mutação (CUNHA; BISPO, 2013). Nesse sentido, são os usos que estão no cerne das análises sob a perspectiva da LFCU, pois, conforme Bybee (2016), elas buscam descrever/explicar os fatos linguísticos considerando fatores diversos.

Gramática de Construções

A Gramática de Construções é uma perspectiva teórica que defende o pressuposto de que a língua é uma rede de construções. Estas, por sua vez, correspondem à um “pareamento convencionalizado de sentido e forma, como esquema simbólico a partir do qual são instanciados todos os componentes da gramática” (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 239). Em outras palavras, uma construção é entendida como uma unidade gramatical básica da língua, que, por sua vez, compõe uma ampla rede de construções específicas, interconectadas por relações hierárquicas.

Conforme Croft (2001), uma construção deve ser analisada em termos de pareamento, considerando a forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e a função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Segundo o autor, os dois eixos estão interligados por um elo de correspondência simbólica. Essa proposta contribui para promoção de um maior rigor nas análises sob a perspectiva construcional, especificamente no entendimento de que essas propriedades se encontram correlacionadas, portanto, são essenciais para explicação/descrição dos padrões construcionais com os verbos de colocação.

Outras propriedades que são essenciais na análise construcional são a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Conforme Rosário e Oliveira (2016), essas propriedades podem ser compreendidas da seguinte forma:

esquematicidade diz respeito a escopo construcional (o grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção); *produtividade* com vitalidade construcional (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional), e *composicionalidade* com alinhamento construcional (em que medida um esquema construcional é criado de maneira previsível ou não a partir de seus componentes). (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 244)

Essas propriedades nos permitem explicar o modo como as construções se relacionam e as suas particularidades envolvidas nos usos, além disso, são essenciais para explicar os processos de mudanças linguísticas. Considerando esse aporte teórico, poderemos desenvolver uma análise mais abrangente das construções de colocação, abarcando, assim, propriedades que dão conta, de modo equivalente, dos usos linguísticos tanto em aspectos formais quanto funcionais.

Abordagem Socioconstrucionista

A abordagem Socioconstrucionista, junção da Sociolinguística Variacionista e da Gramática de Construções, postula que não há sinonímias perfeitas, é o que Goldberg

(1995) chama de princípio de não-sinonímia, pressupondo que, se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente. Machado Vieira (2016) reconhece a importância do princípio de não-sinonímia para explicar estruturas e formas que são variáveis, mas chama a atenção para situações de variação/alternância das funcionalidades das construções. Como Oliveira e Lopes (2019) ressaltam, há contextos de neutralização em que situações de discurso “duas ou mais formas são interpretadas como equivalentes pelo falante, de modo que uma ou outra é passível de ser selecionada para a expressão de uma mesma condição de verdade” (OLIVEIRA; LOPES, 2019, p. 29).

Considerando o princípio da não-sinonímia e buscando o equilíbrio entre as abordagens da Sociolinguística Variacionista e da Gramática de Construções, a perspectiva Socioconstrucionista busca readaptar o conceito de variação, postulando a impossibilidade de haver uma sinonímia perfeita entre construções, mas reconhecendo a possibilidade de existir “formas/padrões alternativos que são acionados, no uso, para cumprir funções semelhantes/alinhadas/comparáveis, não iguais” (MACHADO-VIEIRA; WIEDEMER, 2019; OLIVEIRA; LOPES, 2019). Com esse entendimento, estamos reiterando a ideia de que o nosso conhecimento linguístico é um inventário de padrões lexicais e gramaticais estocados em nossa memória, o que possibilita ao falante atender os seus propósitos sociocomunicativos.

Essa abordagem, juntamente com a Linguística Funcional Centrada no Uso e a Gramática de Construções, pode contribuir para o estudo das construções de colocação, uma vez que apresentam reformulações importantes para análise de fenômenos variáveis, e que, segundo Wiedemer e Machado Vieira (2018), precisam ganhar relevo nos estudos que voltam a atenção para padrões que evidenciam a variação e a mudança.

METODOLOGIA

Com base nas orientações metodológicas da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Gramática de Construções, e da abordagem Socioconstrucionista, referenciais teóricos que nortearão a nossa análise, utilizaremos o “método misto” para analisar as construções instanciadas pelos verbos de colocação *pôr*, *colocar* e *botar*. Cunha Lacerda (2016) explica que esse método corresponde ao entrelaçamento das abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa; em outras palavras, o método misto abrange tanto uma descrição detalhada do objeto de estudo, quanto o levantamento da frequência de uso das

construções no intuito de atestar mudanças/rotinização/convencionalização de padrões linguísticos.

Para a constituição do *corpus*, selecionaremos uma média de 1000 textos escritos (*tweets*), veiculados na rede social *Twitter*. Coletaremos apenas os *tweets* com comentários sem imagens ou vídeos associados; também, não consideraremos os *retweets*, visto que é a republicação do que outra pessoa já publicou. A escolha por essa plataforma *online* se deu por ela apresentar uma diversidade considerável de textos, por se constituir um ambiente virtual que evidencia conexões sociais variadas e, conseqüentemente, demonstrar o uso real da língua, atendendo, assim, a um dos princípios teóricos adotados, que a investigação e a análise de fenômenos linguísticos devem ter como base o uso da língua em situação concreta de intercomunicação (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Na prática, seguiremos as etapas sugeridas por Klavan (2012) para o desenvolvimento da análise multivariada:

- (i) coleta dos dados;
- (ii) triagem;
- (iii) estabelecimento de variáveis e codificação dos dados;
- (iv) interpretação e sistematização dos resultados.

Na primeira etapa, realizaremos a coleta de dados, isto é, a coleta de construtos que contenham construções instanciadas pelos verbos de colocação *pôr*, *colocar* e *botar*. Para realizar essa ação, consideraremos o mês de agosto de 2023, caracterizando, assim, a nossa pesquisa como sincrônica. Nesse mês, realizaremos a coleta diariamente entre 21 a 22 horas do dia, pois acreditamos que até esse horário já tenham sido veiculados diversos *tweets* na rede social, o que nos permitirá ter uma quantidade significativa de construtos para análise das construções com os verbos *pôr*, *colocar* e *botar*. No processo de busca, coletaremos apenas construções em que os verbos estejam no infinitivo, por acreditar que essas formas serão recorrentes/suficientes para o desenvolvimento da análise. Para tanto, pretendemos utilizar o programa RStudio, uma interface gráfica de uma linguagem de programação chamada ‘R’ que nos ajudará a coletar/manipular um grande conjunto de dados.

Na segunda etapa, faremos uma triagem manual com o intuito de analisar cada dado e manter apenas aqueles que dizem respeito ao nosso interesse de estudo. Nesse sentido, buscaremos filtrar somente ocorrências com construções de colocação, isto é, que indiquem a colocação de algo, seja em valores concretos (ex.: colocou o livro na

mesa), seja em valores abstratos (ex.: colocou as contas em dia), especificamente na variedade do português brasileiro.

Na terceira etapa, definiremos as variáveis e codificaremos os dados para o desenvolvimento das análises qualiquantitativas. Como variáveis, a fim de atestar a influência sobre os padrões instanciados pelos verbos, consideraremos fatores de natureza morfossintática, semântica, pragmática e discursiva. Para a definição das variáveis, nos basearemos em Mota (2023), que também desenvolveu um estudo socioconstrucionista, com análise de variáveis que podemos ajustar para a nossa investigação. São elas: natureza dos itens lexicais que são selecionados pelos verbos; tipo de estrutura sintática (transitiva/intransitiva); valores semânticos contraídos em cada padrão (concreto/abstrato); animacidade do referente-sujeito (+ animado ou - animado); contextos discursivos (cotidiano, esporte, lazer, política, educação etc). Com as variáveis definidas, codificaremos os dados para realizar a interpretação formal e funcional das construções coletadas.

Na etapa da interpretação, consideraremos, primeiro, a frequência de uso de cada verbo e de cada construção instanciada. Para isso, realizaremos o levantamento quantitativo, por meio do qual atestaremos se os usos evidenciam uma situação de alternância/variação. Depois, promoveremos a análise qualitativa considerando cada uma das variáveis estabelecidas. Por fim, ainda de modo qualitativo, analisaremos os graus de esquematicidade (+abstrata; - abstrata) e de composicionalidade (+ fechada; - fechada) o que poderá nos mostrar as relações de similaridade e dissimilaridade das construções.

Na etapa final, sistematizaremos os resultados por meio de tabelas, gráficos e, para demonstrar a configuração das construções instanciadas pelos verbos de colocação, proporemos uma rede construcional, seguindo os moldes da teoria adotada.

DISCUSSÃO

Em uma sondagem inicial no nosso *corpus* de análise, notamos uma grande produtividade de uso dos verbos de colocação *colocar*, e *botar*, tanto com sentidos concretos quanto com sentidos abstratos. Já, quanto ao verbo *pôr*, não notamos a mesma regularidade. Ao fazer o levantamento efetivo, talvez tenhamos que observar o verbo não apenas em sua forma infinitiva, mas também em sua forma finita.

Esperamos confirmar a existência de diferentes padrões construcionais envolvendo os usos dos verbos de colocação *pôr*, *colocar*, e *botar*, assim como, constatar

a alternância/variação desses padrões, tanto em termos formais quanto funcionais.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010]. 383p.

CROFT, W. W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B. Pressupostos teóricos metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, Natal/RN, vol. 15, Número Especial, 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; BISPO, Edvaldo Balduino.; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M. (Org); FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language, Oxford: Oxford University Press, 2006.

KLAVAN, Jane. **Evidence in linguistics**: corpus-linguistic and experimental methods for studying grammatical synonymy. Institute of Estonian and General Linguistics - University of Tartu, 2012, 286p.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 83-101, 2016. Disponível em: <http://www.lettas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, 2016, p. 152-170.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. (Orgs.). **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Edgard Blücher, 2019, v. 1, p. 85-120.

MOTA, Nahendi Almeida. **Construções intensificadoras com lexemas de cor em tweets sob uma abordagem socioconstrucionista**. 2023. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Programa de Pós-

Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

OLIVEIRA, M. R. de; LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. **Odisseia**, Natal, RN, v. 4. Esp., p. 22-40. Jul-dez. 2019.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e a abordagem construcional da gramática. **ALFA**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

WIEDEMER, M. L; MACHADO-VIEIRA, M. S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. **Caderno Seminal Digital Especial**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, v. 30, n 30, 81-132, jan/dez. 2018.

Palavras-chave:

Gramática de Construções. Abordagem Socioconstrucionista. Verbos de colocação

ENTRE BORDAS E BORDADOS: A ESCRITA NO FÉMININ DE DERRIDA

José Pedro de Carvalho Neto¹
Élida Paulina Ferreira (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste projeto de pesquisa é investigar, na obra do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida, como se constitui sua *escrita no féminin* (no feminino, não feminina ou de mulher, não feminista). Além disso, pretende compreender como essa *escrita no féminin* abala o fonofalocentrismo (centramento na voz e na sua ligação supostamente natural com a verdade do homem de matriz greco-europeia), ao mesmo tempo em que assina/contra-assina as “diferenças” “sexuais” dos corpos (sexuais e escriturais) com os quais se relaciona.

A tradição filosófica ocidental, pelo menos de Platão a Saussure, rebaixou a escrita, por considerá-la usurpadora da fala, assim pondo em risco a verdade da fala e do falo (DERRIDA, 1973). Por sua vez, ao inverter e deslocar os binômios que formam o edifício metafísico, dual, oposicional e hierarquizante, Derrida (1973) demonstrou que a fala já era uma forma de escrita, pois a tradição naturalizou o fato de que ela era mediação. Todavia, pensada desde a desconstrução, e confrontando as determinações metafísicas do logocentrismo, a fala, e tanto mais a escrita, resta como excesso de mediação.

Nesse sentido, fala e escrita estão desierarquizadas e uma passa pela outra. Há, assim, voz na escrita e escrita na voz. Esse pensamento da passagem de uma a outra, de mistura e indecidibilidade, tem relação íntima com as experiências da língua, da identidade e do pertencimento a uma cultura. Estar entre as bordas de dois continentes e duas culturas distintas sem dúvida impactou seu pensamento e sua filosofia.

Sendo assim, suas experiências singulares marcam o corpo da língua (a francesa, que, embora não seja sua, pois não é sua língua mãe, mas sim recebida do colonizador, é a única que tem) e vice-versa (CARVALHO, 2018; DERRIDA, 2001b). No entanto, sua paixão por essa língua — que é sua, mas não lhe pertence — fez com que Derrida (2001b) a inventasse. Sua escrita, nessa língua, se abre à alteridade, numa hospitalidade sem condições (DERRIDA, 2003), deseja o corpo a corpo com o outro (DERRIDA, 2011), se

¹ carvallhoneto@gmail.com Bolsista FAPESB.

² epferreira@uesc.com.br

põe ao risco de ser lida como um poema (DERRIDA, 2001a), escapa do binarismo e demanda tradução (DERRIDA, 1973, 2003c).

Trata-se de uma escrita que fala sempre mais de uma língua. Uma escrita em que, no corpo a corpo (sexual e escritural), há mistura das vozes, dos seus sexos e gêneros, o que provoca indecidibilidades e disseminação dos sentidos. Dito isto, a escrita de Jacques Derrida é entendida aqui por suas bordas de indecidibilidade, *intraduzibilidade*, poeticidade, disseminação e de estar *no féminin*; elementos que abalam o fonologocentrismo. Este trabalho, portanto, juntará todas essas as bordas do *corpus* de Derrida, com a promessa de relevar que sua *escrita no féminin*, não se enquadrando em uma lógica do *logos*, ainda assim, a partir dela, e de suas vozes em diferença, inclusive nas diferenças sexuais, a faz estremecer.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar, na obra de Jacques Derrida, como se constitui sua *escrita no féminin* e como ela abala o fonofalocentrismo, ao mesmo tempo em que assina/contra-assina as “diferenças” “sexuais” dos corpos/*corpus* com os quais *conversa*.

Objetivos específicos

- Discutir como a escrita (poética, aporética, inventiva, indecidível) de Derrida opera numa lógica da *différance* ao exceder as normas fonofalocêntricas, assim disseminando os sentidos e demandando sempre outro lugar.
- Refletir sobre o corpo a corpo da/na escrita idiomática singular derridiana a partir da noção de hospitalidade, tal como percebida pelo filósofo.
- Analisar como o entrecruzamento entre as múltiplas vozes das diferenças sexuais e as indecidibilidades de gênero (filosófico, literário, autobiográfico) constituem a *escrita no féminin* de Derrida.

JUSTIFICATIVAS

Há muitas pesquisas relevantes que enfocam a relação da filosofia de Derrida com a literatura (NASCIMENTO, 2014, 2015); as questões de gênero, ética e feministas (RODRIGUES, 2010; CARVALHO, 2018); a escrita poética de Derrida

(MAGALHÃES, 2020); a hospitalidade (CARGNOLINI, 2014), e sobretudo a tradução (FERREIRA, 2003). No entanto, a interface entre os gêneros textuais e “sexuais”, escrita poética e disseminativa, hospitalidade e tradução aqui proposta é ainda incipiente e tem como promessa abrir um campo de pesquisas, no contexto da desconstrução, que problematize o trânsito transgressor não fonofalocêntrico das experiências no corpo/*corpus* de Derrida.

Vale ressaltar que a tese de Andreia Carvalho (2018) vai na direção da proposta em questão, embora ela tenha sido desenvolvida em um programa de filosofia. A pesquisadora deteve-se a pensar na relação entre a filosofia de Derrida e a escrita poético-pensante de Hélène Cixous. Aqui, também, a relação entre a escrita poética, disseminativa e não fonofalocêntrica de Derrida com a escrita poético-pensante e no feminino de Cixous (1994, 2022) será fundamental para avançar na tese de uma *escrita no feminino de Derrida*. Estudar a relação entre esse dois *corpus* “marginais” que escrevem com o corpo, entregues ao movimento da alteridade, abre — esta é a promessa — um campo de pesquisa alargado, no âmbito dos estudos derridianos, em especial nos departamentos de Letras, na bordadura entre escrita, desconstrução e diferenças sexuais (e todas os seus transbordamentos).

Como matriz teórica, portanto, as discussões deste trabalho poderão transbordar para outras áreas do conhecimento, contribuindo para pensar situações semelhantes entre o corpo e o *corpus* de pessoas autoras historicamente minorizadas — a exemplo de mulheres, indígenas, imigrantes, pessoas negras, pessoas com deficiência e LGBTQIAPN+. Dessa maneira, será possível ampliar as reflexões sobre a singularidade da escrita de Derrida, filósofo que tem papel fundamental na desconstrução da lógica binomial e que contribuiu para libertar todos esses corpos rebaixados pela lógica etnofonofalocêntrica, mas que não mais se subordinam a ela. Consequentemente, o estudo possibilitará o entendimento da heterogeneidade dos sujeitos e de seus discursos.

Também, um estudo que desafia e problematiza o fonofalocentrismo traz para a cena da escrita (de Derrida) um corpo a corpo com o outro violentado, seja esse corpo o feminino, a tradução, a poesia ou os animais. Além disso, repensar a lógica do *logos* é também repensar a noção de humanidade. Nesse sentido, o diálogo aberto por Derrida com a tradição filosófica que lê revela sua hospitalidade para com esse outro de si, colonial, que no (per-/dis-)curso da história ocidental produziu violências de todos os gêneros (raciais, linguísticas, epistemológicas, éticas, ambientais).

APARATO TEÓRICO

Designadamente com corpo de homem, Derrida assinou textos como filósofo (da diferença, da desconstrução). Seu *corpus*, no entanto, não se enquadra com facilidade como textos-macho. A sua escrita desafia as leis dos corpos/*corpus* e seus gêneros, participando sem deles participar (DERRIDA, 2011), e desse modo se dá a ler na *différance* e na dança com as diferenças sexuais.

É, portanto, na cena da escrita, no corpo a corpo com o texto do outro, que Derrida (1973) encena seu projeto de desconstruir a metafísica ocidental. Seu *corpus* se de-marca e des-loca num movimento que não se divide do seu corpo³. Porque entre bordas, bordada e transbordante, a escrita de Derrida jorra, poética, múltiplos sentidos. Ela acontece nessa língua que não é sua e que, se lhe restou interdita, precisou ser inventada (DERRIDA, 2001b). Por isso, esse francês imposto pelo colonizador tem o seu anseio de pureza ameaçado pela escrita de Derrida. Tal qual esse francês do outro é oferecido a ele como uma promessa, também a tradução é uma promessa de dizer o mesmo na língua do outro. Assim, a escrita derridiana sempre desafia a tradução a fazer o impossível (DERRIDA, 2006).

Ela demanda sempre *a leitura do outro*. Ler o texto do outro trata-se de acolher a leitura do outro na leitura própria, fazer sobreviver o texto do outro no texto próprio e no que é próprio dele. Relevar o texto do outro é dizer também da tarefa e da lei da escrita do filósofo-tradutor. Mas, para isso, essa escrita/tradução precisa ser (po)ética. Ao se abrir para o outro, a escrita de Derrida se abre também para uma hospitalidade sem impor condições a(o) que(m) chega (DERRIDA, 2003). Sem desejo de reconhecimento de origem, apenas se entrega à dança dos *corpus* e das línguas do outro, traduzindo-os e transformando-os. Sendo assim, a lei (sem lei) da sua escrita carrega o texto e a leitura do outro. Se há trânsito na forma e se sua escrita sempre porta o outro, torna-se problemática a estanque separação de forma/conteúdo, filosofia/literatura, original/tradução, masculino/feminino, prosa/poesia, corpo/*corpus* — haverá, sempre, mistura e indecidibilidade.

Por exemplo, em *O monolinguismo do outro*, obra autobiográfico-filosófica, Derrida (2001b) fala de seu amor interdito pela língua (francesa). O texto se apresenta como uma espécie de diálogo Socrático, em que há duas vozes em conversa. Trata-se de

³ Derrida (2001b) foi interditado de se apropriar tanto das línguas nativas da Argélia, onde nasceu, quanto do francês do colonizador, a França. No entanto, por esse francês interditado, nutria uma paixão que transbordava na sua escrita entre bordas filosófico-literárias, franco-argelinas (DERRIDA, 2001b).

“[...] um simulacro de confronto entre dois pensamentos distintos que parecem habitar a mesma pessoa, [no qual Derrida] afirma que tem apenas uma língua e esta não lhe pertence; ao que o seu outro aponta de imediato a ‘incoerência’, a ‘inconsistência’ dessa afirmação.” (MAGALHÃES, 2009, p. 2), No decorrer do texto, perde-se a cabeça e o pé, e as vozes se misturam, surgindo assim um incalculável de vozes narradoras de si, de si como outro.

Como, então, caracterizar essas vozes? Haverá uma voz masculina e outra feminina? Será que a voz do *logos*, masculina?, é a voz que refuta a voz, *no féminin*?, que se deixa enlouquecer pela língua (francesa) apaixonadamente? Se a escrita de Derrida é *no féminin*, como pode ela também ser logocêntrica? Não obedecendo pois a uma ordem do *logos*, do calculável, sua escrita transborda as diferenças: dos gêneros, das vozes, dos sexos.

A escrita de Derrida é uma dança da transformação, sua coreografia põe em jogo o roçar dos corpos/*corpus*. Seu corpo de homem, seu falo *circonfessado* e sua fala se transformam, se travestem em escrita. Há, pois, nesses jogos de escrita, a lei e sua transgressão. É aí que, como que mulher, o filósofo faz seu estilo e seus gêneros. Derrida, transformista, transforma, dá forma à textualidade, ao gênero, seja ele textual ou sexual, que desconstrói, mas deixando sempre, de sobra, a sua assinatura poética, enigmática, in/traduzível, no limite.

Sua *escrita no féminin* é como a sedução da mulher, ela “[...] opera à distância, a distância é o elemento de seu poder” (DERRIDA, 2013, p. 31). Ela diz: *vem!, sim, vem me ler, traduzir* — assim a-traindo a tradução. Atração entre línguas que é também entre sexos. Para Derrida, cabe dizer, (1992, p. 172, tradução minha). “[...] a tradução entre línguas ou entre sexos é quase a mesma coisa: ao mesmo tempo muito fácil, rigorosamente impossível, entregue ao acaso.”

Além disso, ainda resta a complexa questão da voz. Como abordar as vozes dos corpos/*corpus* [faladas/*escritas*] em/de Derrida? Também, como aproximar a questão da escrita, e suas vozes, à questão do feminino? Derrida (1992, p. 172, tradução minha) diz: “A voz pode ludibriar o ‘corpo’ que lhe é emprestado, pode ‘ventriloquizá-lo’ como se fosse tão somente intérprete ou porta-voz de outra voz, da voz de outrem, mesmo de uma polifonia inumerável e incalculável. Uma voz pode dar à luz, vede, outro corpo.”

Nessa declaração, Derrida (1992) aproxima voz e diferença sexual. E continua:

“É talvez porque ali onde há voz, o sexo indecide-se.”⁴ (DERRIDA, 1992, p. 172). Nesse sentido, Derrida (1992) nos dá margem a pensar que a voz passa pelo corpo/*corpus*, mas não se limita a ele. Ao se desprender dele, ela se lança ao acaso de uma leitura, sempre única, sempre singular, do corpo que deverá lhe acolher na sua incondicionalidade. Nesse caso, qual será então o sexo da voz?

Carvalho (2018, p. 365, grifos da autora) diz que “[...] a voz, permanecendo sem referência topológica e sem lugar assinalável, abre a *chance* para pensar uma outra *diferença sexual*”, uma que se esquia da lógica dual, oposicional e hierarquizante. De um lado, não está somente em jogo a histórica divisão masculino x feminino. Do outro, há também a relação entre o masculino e ele mesmo, como seus outros, e o feminino e ele mesmo, como seus outros. Sendo assim, revelam-se os outros não fonofalocêntricos como um feminino indecidível que faz parte da “diferença sexual” e como esta indecidibilidade “[...] testemunha o registo *imediate e incondicionalmente afirmativo* que caracteriza a relação ao outro como relação à língua *do* outro.” (CARVALHO, 2018, p. 285, grifos da autora).

Mais do que essa pluralidade dos sexos e dessa abertura incondicional do(s) outro(s) não fonofalocêntricos às diferenças, resta ainda pensar a “verdade” da diferença sexual. Estando a diferença sexual em *différance*, sem que ambas jamais se encontrem (DERRIDA, 2019; BERGER, 2005), “[...] a diferença sexual resta ser interpretada, decifrada, descriptada, lida e não vista. Legível, portanto invisível, objeto de testemunho e não de prova” (DERRIDA, 1994, p. 75, tradução minha). Eis aí o desafio de escrever uma tese sobre Derrida e sua *escrita no feminino*.

METODOLOGIA

Este projeto adotará a abordagem qualitativa, de natureza interpretativista, e terá como procedimentos as pesquisas bibliográfica e documental, uma vez que os textos que compõem o *corpus* serão também compreendidos como documentos de análise. O *corpus* desta pesquisa será composto, inicialmente, por obras que tenham afinidade com o tema proposto, a saber: *Cartão Postal; Coreografias; Da Hospitalidade; Dissemination; Esporas, Feu la cendre; Fourmis; Gêneros, gêneses, genealogias e o gênio; Glas; Khôra; Parages; Véus... à vela*.

⁴ Tradução de Andreia Carvalho (2018).

Uma característica do *corpus* de Derrida é que a(s) temática(s) que ele discute não se concentra(m) em determinado trabalho, mas se encontra(m) disseminada(s) em suas obras. Sendo assim, neste trabalho, ler-se-á Derrida em Derrida, com/contra Derrida, mas não sem contar com as contra-assinaturas de outras(os) pensadoras(es). Para tanto, serão bem-vindos os trabalhos de: Carvalho (2018), Berger (2005), Rodrigues (2010), Cixous (1994, 2022), Cragnolini (2014), Preciado (2017) e Haddock-Lobo (2007).

A pesquisa, dividida em três partes, adotará o procedimento bibliográfico, e consistirá na leitura, fichamento, análise e discussão das obras de Jacques Derrida (lidas nos originais, mas também nas traduções para as línguas portuguesa e inglesa), enfocando, sempre, a interseção entre as temáticas sobre a indecidibilidade dos gêneros textuais, diferença sexual, escrita poética, disseminativa e *no féminin*, hospitalidade, além da perspectiva de tradução/desconstrução do filósofo.

Na primeira parte, investigarei, com (e no *corpus* de) *Derrida*, os indícios de uma *escrita no féminin* (inventiva, aporética, poética, disseminativa, indecidível) a partir da desconstrução do fonofalocentrismo. Na segunda parte, abordarei a *escrita no féminin* no movimento de diferenças e *différance* das vozes sexuais e aquelas presentes nos gêneros textuais trabalhados por Derrida. Por fim, colocarei à prova como essa *escrita no féminin* se dá no corpo a corpo da/na escrita idiomática singular de Derrida, num gesto de hospitalidade.

DISCUSSÃO

A *escrita* de Derrida é o tema e a tese deste trabalho. De caráter indecidível, intraduzível e disseminante, ela apela a um desejo de tradução, uma (im)possibilidade de calcular o incalculável. A minha tese é a de que o corpo/*corpus* de Derrida é de passagem — ao mesmo tempo em que pede dá passagem a outros corpos/*corpus*, de diferentes gêneros/sexos. Esta é sua diferença sexual, singular, aberta às múltiplas diferenças. E sua escrita — sem condições, *no féminin*, po(ética), prometida e por vir.

REFERÊNCIAS

BERGER, Anne-Emmanuelle. Sexing differences. **Differences: a journal of cultural studies**, v. 16, n. 3, p. 52-67, 2005.

CARVALHO, Andreia Margarida Pires. **Aporias de uma «escrita no feminino»**. Derrida – Cixous. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CIXOUS, Hélène. Contes de la différence sexuelle. *In*: NEGRON, Mara (ed.). **Lectures de la différence sexuelle**. Paris: Des Femmes, 1994. p. 31-68.

CRAGNOLINI, Mónica. Hospitalidade (com o) Animal. *In*: SAID, Roberto; SÁ, Luiz Fernando Ferreira (org.). **Jacques Derrida**. Entreatos de leitura e literatura. Tradução de Roberto Said. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. p. 131-146.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. Revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Carneiros**: o diálogo ininterrupto entre dois infinitos, o poema. Tradução, notas e posfácio Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Che cos'è la poesia?** Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar. *Inimigo Rumor*, [S. l.], n. 10, p. 113-116, 2001a.

DERRIDA, Jacques. “Coreografias”: entrevista com Jacques Derrida. [Entrevista cedida a] Christie V. McDonald. Tradução de Carla Rodrigues e Tatiana Grenha. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n150638/38954>. Acesso em: 23 jan. 2023.

DERRIDA, Jacques. **Esporas**. Os estilos de Nietzsche. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

DERRIDA, Jacques. Fourmis. *In*: NEGRON, Mara (ed.). **Lectures de la différence sexuelle**. Paris: Des Femmes, 1994. p. 69-102.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Ianini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001b.

DERRIDA, Jacques. Sobreviver/Diário de Borda. *In*: FERREIRA, Élide Paulina. **Jacques Derrida e o récit da tradução**: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos. 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003c. p. 16-85.

DERRIDA, Jacques. The law of genre. *In*: LEAVEY, J. P. (Ed.). **Parages**. Translated by Tom Conley *et al.* Stanford: Stanford University Press, 2011. p. 217-249.

DERRIDA, Jacques. Voice II. *In*: DERRIDA, Jacques. **Points de suspension**. Entretiens. Paris: Editions Galilée, 1992. p. 167-181.

FERREIRA, Élide Paulina. **Jacques Derrida e o récit da tradução: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos.** 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003c. p. 16-85.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Considerações sobre “posições” de Derrida. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 21, p. 66-77, jul. 2007. Disponível em: http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_21_05_rafael_haddock_lobo.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

MAGALHÃES, Danielle. Jacques Derrida: O verso de tudo que eu escrevo. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 12-26, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/9234>. Acesso em: 26 dez. 2022.

MAGALHÃES, Milena. Os véus da escrita autobiográfica em Jacques Derrida. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-12, ago. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3379/3305>. Acesso em: 12 dez. 2022.

NASCIMENTO, Evando. Depois de Derrida: literatura, filosofia e pensamento. *In: SAID, Roberto; SÁ, Luiz Fernando Ferreira (org.). Jacques Derrida. Entreatos de leitura e literatura.* Tradução de Roberto Said. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. p. 43-58.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução.** 3. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo, n-1 edições, 2017.

RODRIGUES, Carla. **Rastros do feminino: sobre ética e política em Jacques Derrida.** 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Palavras-chave:

Desconstrução; Diferença Sexual; Gêneros; Indecidibilidade; Fonofalocentrismo.

SOU SURDO(A) E NÃO SABIA: EMOÇÕES DA DESCOBERTA, AQUISIÇÃO DE LINGUAGENS

Luzia Gonçalves Oliveira Silva¹

Rodrigo Camargo Aragão (orientador)²

Wolney Gomes Almeida (co-orientador)³

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa terá como objeto de estudo o desenvolvimento de ações que podem fortalecer o Atendimento Educacional Especializado-AEE na Sala de Apoio à Surdez do Centro Psicopedagógico da Educação Inclusiva-CEPEI, da cidade de Itabuna-Bahia. Através de Pesquisa-ação (THIOLENT, 1986), procurarei documentar o que acontece no trânsito entre o uso de Sinais Caseiros e a aquisição de Língua Brasileira de Sinais. Além disso, tenho como meta compreender os problemas que interferem e acarretam a infrequência e abandono das atividades no AEE.

O nascimento da proposta deriva de minha experiência como professora do Serviço Itinerante, Professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE e professora formadora da área da Surdez. Como docente, nesses diversos espaços, conheci estudantes Surdos usuários de Sinais Caseiros, nas mais variadas faixas etárias, sem um mínimo de ideia que eram Surdos, e, ao mesmo tempo, precisando dar conta do currículo escolar, da aprendizagem da Libras e do uso social da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Se por um lado, esses alunos manifestavam ora euforia, ora solidão, ora desconforto, curiosidade, e outros ajuntamentos durante o fazer docente, por outro, estavam os professores angustiados por não saber lidar com tanta particularidades e eu, no papel de orientadora, aprendendo em tempo real a montar estratégias em favor da aprendizagem desses alunos em meio a tantos processos. Confesso que algumas ações nasceram da tentativa de ensaio e erro diante de tão complexa realidade, mas, sempre buscando refletir, o que fazer que pudesse tocar esses alunos para se sentirem bem e com vontade de se engajar nas atividades propostas.

Surge assim, o interesse para estudar a fundo o que fazemos, como fazemos, quando e como discutimos linguagem com os atores que participam desse processo, além

¹ luziaq1@hotmail.com

² aragaorc@gmail.com

³ wolney_22@yahoo.com.br

das estratégias utilizadas que ajuda a minimizar esse processo tão sofrido que é se dar conta do apagamento de tantas etapas importantes do viver e do estar no mundo. A base teórica desta pesquisa ampara-se em estudiosos que reconhecem o entrelaçamento entre emoção e linguagem como Aragão (2007; 2008; 2019); Rezende (2014; 2020); além da contribuição dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa FORTE (Formação, Tecnologias e Emoções), trazendo discussões sobre emoções e ensino de línguas, emoções e a formação inicial de licenciandos (Silva 2020); emoção e multiletramentos (Lemos 2017); articulando as temáticas à Biologia do Conhecer de Humberto Maturana (2002); Maturana e Verden-Zoller (2004) e Maturana e Varela (1995).

Este recorte acadêmico, em nível de doutoramento, procura argumentar sobre:

- O que faço para fortalecer e aperfeiçoar o AEE na área de LIBRAS com os estudantes Surdos do município de Itabuna acolhidos no CEPEI?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar e desenvolver as ações que fortaleça e aperfeiçoe o Atendimento Educacional Especializado-AEE na Sala de Apoio à Surdez do Centro Psicopedagógico da Educação Inclusiva-CEPEI, da cidade de Itabuna-Bahia.

Objetivos específicos

- Conhecer o que ocorre entre a expressão de Línguas de Sinais Caseiro e a aquisição tardia de Libras no CEPEI;
- Desenhar um fluxo sistêmico que possa fortalecer relações entre escola, Sistema Municipal de Educação-SME e atores da área de Libras;
- Produzir material didático à luz da literatura revisada.
- Delinear como os resultados da pesquisa contribuirão para uma proposta de ação articulada entre os atores que trabalham com o AEE.

JUSTIFICATIVAS

Discutir o fazer linguajeiro que ocorre, no trânsito entre Sinais Caseiros e a aquisição de Libras para Surdos, em descoberta de sua condição é algo que merece muita atenção. Entendemos que seu processo de aquisição da linguagem ainda não foi tomada

como objeto de estudo em uma abordagem sistêmica alicerçada na Biologia do Amor de Humberto Maturana. Verificando o banco de teses e dissertações da CAPES e, posteriormente, as demais plataformas de livre acesso como o google acadêmicos e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), não identificamos nenhuma proposta que se aproxime da nossa abordagem, por isso, consideramos o assunto relevante para as comunidades Surdas, a comunidade acadêmica, para a Linguística Aplicada e para educação.

APARATO TEÓRICO

Os estudos sobre linguagem, na abordagem de Maturana, ganham destaque por não restringir a instrumento de comunicação, mas compreendê-la como fenômeno que acontece nas relações e pertence ao domínio das coordenações de ações. A importância de utilizar uma base teórica, à luz da biologia do conhecer, defendida por Maturana, buscando o descobrir-se Ser-Surdo e os outros fluxos de uso da linguagem, tendo como foco as emoções, que constituem o sujeito em todas as experiências de vida é o alicerce desta pesquisa.

Os estudos de Quadros e Cruz (2011, p.25), destacam, a maioria das crianças surdas filhas de pais ouvintes desconhecem a Libras e nunca tiveram contato com outros Surdos. Esta situação, acarreta sérios prejuízos ao processo de aquisição da linguagem, ao mesmo tempo que provoca uma solidão linguística em casa, na escola, afetando assim *input* linguístico. Sacks (1998, p. 50), compartilha a história de Joseph e a prisão sem muros que ele vivia por falta de janelas apropriadas de aprendizagem. Assim, apresento o seguinte trecho:

[...]Joseph ansiava por comunicar-se, mas não conseguia. [...] só podia servir-se de gestos e pantomima, além de uma notável habilidade para desenhar. Eu me perguntava sempre: o que teria acontecido com ele? Ele percebia que alguma coisa estava “acontecendo” entre nós, mas não conseguia entender o que era – até então, não tinha quase noção alguma da comunicação simbólica[...] (SACKS 1998, p.50).

Infelizmente, nossa sociedade patriarcal interpreta a diferença como falta e a ausência da audição é vista como impossibilidade. Medicaliza a surdez para tratar o “problema”, impõe uma forma de fazer para oprimir outras alternativas; os insere nas salas de aula sem as devidas possibilidades de aprendizagem, restringindo as políticas públicas de inclusão ao acesso e ao mesmo tempo negando seus direitos linguísticos.

Adriano (2010, p. 16) nos alerta que, embora os Surdos usuários de Sinais Caseiros- SC não usem os “sinais oficializados, suas experiências visuais, suas produções

e forma de assimilar o mundo, apontava-os como pertencentes a uma cultura essencialmente visual” [...]. Nos estudos de Maturana (2002), é importante destacar o que o autor pensa sobre comportamento linguístico:

O comportamento linguístico é um comportamento num domínio consensual. Quando o comportamento linguístico acontece recursivamente num domínio consensual de segunda ordem, de tal forma que os componentes do comportamento consensual são recursivamente combinados na geração de novos componentes do domínio consensual, uma língua é estabelecida. A riqueza atingida por uma língua ao longo de sua história, portanto, depende necessariamente tanto da diversidade de comportamentos que podem ser gerados e distinguidos pelos organismos que participam do domínio consensual, quanto da realização histórica efetiva de tais comportamentos e distinções (MATURANA, 2002, p. 151).

As fissuras que permeiam a vida dos surdos usuários de sinais caseiros os colocam como minoria. O uso apenas dos sinais domésticos, fruto de um combinado afetivo e cultural entre os familiares, é visto como falta de linguagem, ou barreira para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais- Libras. No entanto, mesmo sem fazer uso de uma língua oficial, a criança surda vive um fluxo emocional com seus cuidadores que vai gerando um cenário básico que o faz operar, em um determinado domínio de conduta. Tendo em vista a nossa condição de seres sociais, a convivência com os familiares e com outras pessoas, através dos gestos caseiros, torna-se importante abertura e, por isso, precisa ser valorizada, ao mesmo tempo que se faz necessário oportunizar outras experiências, novas redes de engajamentos para que o sujeito se permita ser tocado por um novo conhecer.

O processo de escolarização dos Surdos, em processo de aquisição tardia da linguagem, é muito doloroso. A forma de ensino-aprendizagem é de predomínio oral e, ler e escrever no português, é conflituoso para eles, pois, precisam aprender sua língua natural, não foram estimulados a registrar suas ideias, e a cultura da escola, com tempos estabelecidos, técnicas baseadas em metodologias oralistas acaba provocando sentimentos negativos, fazendo-os sentirem-se inseguros e incapazes para aprender a Língua Escrita.

As características aqui destacadas nos levam aos estudos de Aragão (2019) sobre a *conversaõ autodepreciativa* diminuindo a si mesmo, entrando em um entrelaçamento do emocional com prejuízos na qualidade de sua aprendizagem.

Infelizmente, ainda é reduzido o número de estudos que alinhem emoção e linguagem. Já bem nos diz Aragão (2007, p. 07): é por meio “da linguagem como atividade recorrente, recursiva que se aprende na convivência com outros e que se entrelaça às nossas emoções e proporcionam o desenrolar da autoconsciência, do

aprendizado e da reflexão sobre nossos afazeres humanos”.

Quadros (2006, p.43), pensando na aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos, sugere estratégias de ensino, na perspectiva do letramento, exemplificando o uso de, “um diário de notícias, jornal da turma ou da escola, que circule entre as crianças, a escola e as famílias, no qual se explore diferentes tipos de textos baseados nos jornais (artigos, entrevistas, cartas, propagandas, anúncios, avisos, editais, receitas, humor, sinopses de filmes ou novelas,)”.

A mesma autora (2008, p.27), acrescenta, que o bilinguismo tem sido uma importante política de ensino, que torna acessível à criança Surda a Língua de Sinais como língua natural e o ensino da língua escrita, respeitando sua condição linguística. Mesmo os estudos de Quadros elucidando as possibilidades de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa escrita, ainda são escassas as alternativas didáticas para as práticas de ensino-aprendizagem das pessoas surdas que não se deram conta da Surdez, acreditando estar na linguagem quando imitam o falar como ouvintes.

Visando construir uma pesquisa alicerçada nas práticas da Biologia do Amar, refletindo outros fluxos de uso da linguagem das pessoas surdas em descoberta da surdez, busca-se documentar ações de linguagens com os alunos do Atendimento Educacional Especializado- AEE, na área da Língua Brasileira de Sinais-Libras, no Centro Psicopedagógico da Educação Inclusiva, analisando suas crenças sobre línguas e provocando a experiência formativa, ousando lançar uma proposta de educação sistêmica em favor da educação de Surdo na cidade de Itabuna.

METODOLOGIA

Este estudo fará uso da Pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) e de uma abordagem à luz da etnografia (ANDRÉ 2005; FINO 2011; LAPASSADE 2005), promovendo constantes revisões no foco da investigação, os instrumentos serão reformulados com vistas à descoberta de novos conceitos, novas relações e compreensão da realidade.

Esta pesquisa será realizada no Centro Psicopedagógico da Educação Inclusiva-CEPEI, uma instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Itabuna, atendendo alunos com deficiências sensoriais, física, múltipla deficiência, transtornos de aprendizagem e síndromes neurológicas. Os sujeitos da pesquisa serão estudantes Surdos atendidos no centro em processo de aquisição da Libras, usuários de sinais caseiros e surdos fluentes em Libras. Importa destacar que, por estar envolvidos nessa rede de ensino, o familiar

que acompanha estudantes surdos, bem como, os profissionais especialistas que atendem os alunos serão convidados a fazer parte da pesquisa.

Por envolver pessoas, o projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UESC. Após aprovação, realizar-se-á o convite para participação voluntária de todos os procedimentos de geração de documentos, assinando, pois, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os instrumentos utilizados para a coleta corresponderá a: desenho descritivo; a autoimagem individual; entrevistas individuais, explorando a autoimagem construída; gravação das vivências realizadas; atividades lúdicas com jogos; oficinas de linguagens com dinâmicas interativas; produção de cenários com miniaturas; diários-visuais; roteiro adaptado da pesquisa de Aragão (2007), referente à tarefa do estudo; observações participantes; artefatos culturais como fotografias, além das notas das conversas informais com os participantes.

DISCUSSÃO

Considerando os contributos de (MATURANA, 2002; MATURANA e VARELA, 1995, MATURANA e VERDEN-ZOLLER; ARAGÃO, 2007, 2008, 2019), sustento que a linguagem é um domínio de ação que é mobilizado por um determinado emocionar.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais Caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos [dissertação]. Florianópolis- SC, 2010.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmázo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12^a ed. Campinas, S.P: Papyrus, 2005.
- ARAGÃO, Rodrigo. **São as histórias que nos dizem mais**: emoções, reflexão e ação em sala de aula. [Tese de doutorado] Belo Horizonte, 2007.
https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6YPR88/1/rodrigo_aragao_tese.pdf
- ARAGÃO, Rodrigo. **Emoções e pesquisa narrativa**: transformando experiências de aprendizagem. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 295-320, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982008000200003>. Acesso em: 30 mai. 2018.
- FINO, C. N. **Etnografia da Educação**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMA 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 46^a Ed. 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KELLER, Helen. **A história da minha vida**. 1ª Ed: José Olimpo, 2008.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Tradução de Lucie Didio- Brasília: Líder Livro Editora, 2005.

LEMOS, Laís Souza. **Ensino/aprendizagem de inglês no ensino médio com WhatsApp: emoções, multiletramento e possibilidades** [Dissertação]. – Ilhéus, BA: UESC, 2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 3ª reimpressão. Belo horizonte: Ed UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Tradução de José Pereira Santos. São Paulo: editorial Psy II, 1995.

REZENDE, T. C. M. “**Somos a resistência**”: emoções de professoras/es (de inglês) de escolas públicas. 2020. TESE. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_14082_TESE%20PPGEL%20THALITA%20REZENDE%202020.pdf

REZENDE, T. C. M. **Autoestudo sobre emoções de uma professora de Inglês em uma escola pública** [Dissertação]. Viçosa, Minas Gerais, 2014.

SILVA, Francielle Ferreira. **Emoções na Formação Inicial de Professores de Espanhol**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Letras (Linguagem e Representações)) - Universidade Estadual de Santa Cruz, 2020
<http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201810100D.pdf>

QUADROS, Ronice Muller de. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Estudos de surdos: aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rabello. **Língua de sinais - instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Laura Teixeira Motta. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Walkyria Magno e; SILVA, Wagner Rodrigues; CAMPOS, Diego Muñoz (Org.) Desafios da Formação de Professores na Linguística Aplicada. In. ARAGÃO, Rodrigo Camargo. **Linguajar e emocionar e os tempos de crises na formação de professores de língua**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

Palavras-chave:

Biologia do Amar. Linguagens. Sinais Caseiros. Ser-Surdo.

GLOBALIZAÇÃO, POLÍTICA LINGUÍSTICA E LINGUAGEM; NEXOS ENTRE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E RACISMO LINGUÍSTICO

Nicolas de Oliveira Santos¹

Gabriel Nascimento dos Santos (orientador)²

APRESENTAÇÃO

Os processos ligados à globalização, intimamente conectados à colonização moderna e sua característica divisão do trabalho baseada na racialização dos corpos, fundamentam as formas políticas pelas quais sua condição totalitária se mantenha. Desta forma, desta condição colonial define-se o que Frantz Fanon (2020) chamou de zona do não-ser, a qual, sob o olhar branco e particular acerca do mundo, estabelece o racismo como base para a condição capitalista.

Dado o fato de que é a partir desta face da exploração colonial, perpetuada tanto pelo genocídio quanto pelo epistemicídio, esta se reproduz na história moderna, no acervo de privilégios outorgados a corpos brancos e de restrições e depravações outorgadas a corpos negros e colonizadas. Um exemplo é a face linguística do racismo, à qual esta ligada a relações linguísticas de poder, denotando que a própria linguagem é permeada pelas formas de pensar advindas do colonialismo.

Assim, promovendo a racialização e subalternização das comunidades historicamente colonizadas e escravizadas, o racismo epistêmico e linguístico, que despreza formas sociais e localizadas de dar sentido ao mundo, se apresenta, forte e pontualmente, junto a políticas linguísticas nacionais. Desde os primeiros registros acerca da imposição da língua portuguesa, do apagamento e morte da diversidade linguística dos povos nativos das Américas, do tráfico transatlântico de povos africanos para o Brasil às propostas contemporâneas de internacionalização da Educação, tais políticas reproduzem uma série de intenções que estão conectadas a manutenção do privilégio branco num mundo colonial globalizado de maneira totalitária.

Isto posto, minha tese é de que, uma vez que notemos como o racismo linguístico e epistêmico se reproduz junto a estas políticas linguísticas, em que dimensões ele se situa, e sob quais maquinações este se perpetua no curso da história, podemos pensar

¹ Nicolas.nicknos@gmail.com Bolsista CAPES.

² gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br

formas de situar práticas educacionais relativas ao ensino de línguas que prezem pela justiça social e pela diversidade, como as propostas feitas pela educação antirracista..

De que maneira as políticas voltadas ao ensino de línguas, ou que tratem direta ou indiretamente acerca de aspectos linguísticos, reproduzem o racismo linguístico e epistêmico histórico inerente à condição colonial?

Como o ensino de línguas estrangeiras pode contribuir para o combate do racismo reproduzido por tais políticas que edificam suas práticas educacionais?.

Meus objetivos como esse trabalho são identificar as diferentes dimensões sob as quais o racismo epistêmico e linguístico se perpetuam em diferentes políticas educacionais e linguísticas, buscando descrevê-las em suas formas e características, bem como analisar como essas atuam na manutenção de uma condição globalitária e hegemônica do capitalismo moderno ocidental.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar as diferentes dimensões sob as quais o racismo epistêmico e linguístico se perpetuam em diferentes políticas educacionais e linguísticas, buscando descrevê-las em suas formas e características, bem como analisar como essas atuam na manutenção de uma condição globalitária e hegemônica do capitalismo moderno ocidental.

Objetivos específicos

- Especificar as dimensões sob as quais o racismo linguístico e epistêmico podem ser representadas na análise de políticas linguísticas, voltadas a dimensões linguísticas, migratórias, e de qualidade educacional. As políticas analisadas podem ser como o Idioma sem Fronteiras;
- Demonstrar a possibilidade de revisar as premissas voltadas ao ensino de línguas estrangeiras, buscando correlacionar os apontamentos anteriores com uma proposta de educação linguística antirracista por meio de um curso de línguas (que pode ser desenvolvido junto ao grupo de Pesquisa RAEL).
- Desenvolver e avaliar os frutos das interações geradas neste contexto, examino as perspectivas exprimidas pelos alunos do curso por meio de entrevistas qualitativas.

JUSTIFICATIVAS

Línguas globais exercem poderes numa sociedade multilíngue, os quais levam a marginalização de determinados grupos que não acessam tais repertórios comunicativos. Tal status pode representar tanto uma ferramenta para participação global, quanto um símbolo do imperialismo e da ocupação cultural (SHOHAMY, 2007).

Nesta perspectiva, a Educação Antirracista é tomada como perspectiva educacional crítica, pois desvela debates relativos à justiça social e equidade racial (FERREIRA, 2012). É de extrema importância promover condições educacionais que se remetam a etnicidade e raça, e, ao pensarmos língua como interação situada em um contexto social, podemos relacionar os aspectos linguísticos às injustiças sociais, as quais regularmente se materializam na língua (NASCIMENTO, 2019). Língua e raça estão conectadas aos poderes coloniais, e “a língua não é desempenhada externamente ao poder, mas junto à composição do poder” (NASCIMENTO, 2019, p. 213).

Identidades hegemônicas e de prestígio, privilegiadas no processo histórico colonizador, em suas maiorias relacionadas à branquitude, tendem a ser enfatizadas e denotadas, onde o signo raça é designado para fins de opressão e manutenção de sistemas opressores (NASCIMENTO, 2019). Repensar o ensino de línguas em vias de promover reflexão crítica favorece que tal significação acerca do signo raça possa ser renegociada, tornando as acepções e conteúdos presentes na sala de aula de língua significativos ao fomento do desenvolvimento baseado em experiências raciais construtivas (NASCIMENTO, 2019).

APARATO TEÓRICO

Podemos tecer nossa crítica aos processos ligados à internacionalização da educação, como um todo, quiçá, partindo desta noção de globalização perversa traçada por Santos (2000), donde a competitividade, o consumo, a informação totalitária, o discurso das técnicas, promovem a unificação planetária dos capitais por meio de uma globalização totalitária, ou, globalitarismo.

Neste cenário de contato global, Fanon (2008) nos aponta que o confronto entre as formas de vida local e do colonizador é frequente, ao passo que o uso da linguagem nestes contextos implica num processo de deslocamento. Ainda segundo o autor, este é um confronto que decorre como resultado da privação e alienação dos povos colonizados de suas formas originais de se relacionar com o mundo e sua cultura. Assim, pensando

criticamente acerca do fenômeno do Inglês como uma língua global, compreendemos que o impacto deste paradigma é amplo, influenciando, dentre outras esferas, a formação de professores e o ensino e aprendizagem de línguas, como aponta Leffa (2001), mas também uma dimensão que concebe um monolinguismo global do inglês, que poderia ser ofertado como língua complementar às línguas locais, apenas.

Voltando-nos ao contexto do ensino de línguas, há de se sopesar o poder da tradição, tornando necessário que contestemos tais questões, o que atesta o lugar da raça na sala de aula de Inglês (MELO, 2015). Denota-se, assim, o potencial transformador no ensino de línguas, apoiados na concepção de linguagem como prática social móvel e multi-glóssica (SANTOS, NASCIMENTO, ALOMBA RIBEIRO, 2021).

Tal potencial pode promover a manifestação crítica de identidades na e pela língua (NASCIMENTO, 2019). Logo, um ensino de línguas tangenciado por uma perspectiva racial envolve a politização da presença dessa questão, utilizando do construto signifiante raça para desvelar as maquinações que mantém o racismo estrutural (NASCIMENTO, 2019).

Em decorrência de uma necessidade imposta (MOLINARI, FRANCO, PASSONI, 2020), aqui tratada pelo viés da política linguística, a língua e a política linguística são cruciais para que se consolidem objetivos ligados a este projeto (GIMENEZ, 2020). Evidencia-se, então, o privilégio outorgado a língua inglesa (SHOHAMY, 2007), vinculada a manutenção do privilégio branco (NASCIMENTO, 2019a), reproduzindo visões de letramento ligadas ao progresso e ao desenvolvimento (MENEZES DE SOUZA, 2012), o que também nos leva a um posicionamento crítico com relação a seu ensino.

METODOLOGIA

Primeiramente, por meio da análise de documentos oficiais ligados a instituições de políticas voltadas direta ou indiretamente ao âmbito linguístico, como as já analisadas que instituem o projeto educacional do FUTURE-SE (SANTOS, NASCIMENTO, ALOMBA RIBEIRO, 2021). Neste caso, pretendo voltar-me a outros documentos oficiais que estejam ligados a área educacional, bem como ao ensino de línguas, que reproduzam noções e cosmovisões que reproduzam o racismo epistêmico e linguístico em suas dimensões.

Estabelecidas estas bases, pretendo demonstrar a possibilidade de revisar as

premissas voltadas ao ensino de línguas estrangeiras. Esta demonstração será feita por meio da correlação de arcabouços teórico-metodológicos e didáticos voltados ao ensino de línguas estrangeiras, particularmente ao ensino de inglês, observando como esta pode ser também vetor para a promoção de experiências educacionais voltadas a diversidade e a justiça social. Nesta perspectiva, observamos também o papel da língua na racialização dos corpos, bem como a ressignificação dos sentidos mediados linguisticamente, a fim de promover letramento racial crítico e autonomia por meio de uma educação linguística antirracista.

Logo, partindo da noção de racismo apontada por Fanon e reproduzida por Grossfoguel (2018), que, estabelecida por meio do genocídio e do epstemicídio, impõe aos corpos demarcados na racialização a zona do não-ser, a desumanização e deslegitimação dos aspectos locais característica do embate colonial, que influencia na linguagem, no ser, no saber, por meios de dispositivos de poder.

A proposta de um curso que pode ser desenvolvido junto ao RAEL- Grupo de Estudos sobre Racismo e Linguagem- pode colaborar na materialização destas premissas, tendo por objetivo verificar a possibilidade da aula de línguas estrangeira como ambiente favorável para experiências educacionais que questionem o racismo histórico e promova autonomia de conhecimento.

As entrevistas qualitativas, logo, visam desenvolver e avaliar os frutos das interações geradas neste contexto, procurando observar de que maneira os participantes deste curso se relacionaram com o curso em suas diferentes dimensões, e como se posicionam criticamente acerca tanto das temáticas que contextualizam as aulas, quanto acerca das formas didáticas que perpassam tais momentos.

DISCUSSÃO

Há aqui foco em uma análise que vise observar a colonialidade por trás da língua, e como esta atua no domínio colonial, em sua naturalização homogeneizante (NASCIMENTO, 2020). As perspectivas traçadas pela linguística aplicada se apresentam como lentes sob as quais é possível investigar a linguagem como prática social, sempre relacionada a um contexto. É, então, possível refletir acerca dos empasses subjacentes a relação do Norte-Sul global, e como elas se materializam nas línguas voltando-se a justiça social e a equidade, partindo de uma visão crítica e decolonial aos processos de internacionalização, aliados aos estudos da linguagem e da linguística aplicada (SILVA

e XAVIER, 2021).

Tratando dos resultados esperados por esta pesquisa, podemos considerar a relação entre língua, lócus de enunciação e poder (NASCIMENTO, 2020), visualizando como estes aspectos voltam-se a manutenção das hegemonias, intimamente ligados a colonialidade e a racialização, perpetuadas através das relações linguísticas de poder (DAITCH e VERONELLI, 2021), de modo que reprodução da lógica colonial capitalista é fundamentada na racialização, e nas formas que toma esse fenômeno em um contexto de internacionalização.

REFERÊNCIAS

DAITCH, S.; VERONELLI, G. Sobre a Colonialidade da Linguagem. **Revista X**, v. 16, n. 1, 2021, p. 80-100. Acesso em: 02 nov. 2020.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/408>.

GIMENEZ, Telma. English as a global language and the internationalization of universities. In: BASURTO-SANTOS, Nora; CÁRDENAS, Melba Libia (Ed.). **Investigaciones sin fronteras: new and enduring issues in foreign language education. Research without borders: temas nuevos y perdurables en lenguas extranjeras**. México: Universidad Veracruzana, 2016.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (org.). **O professor de língua estrangeira; construindo a profissão**. Pelotas, v. 1, p. 333-355. 2001. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/formacao.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2023.

MELO, Glenda Cristina Valim de. O LUGAR DA RAÇA NA SALA DE AULA DE INGLÊS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 7, p. 65-81, 2015.

NASCIMENTO, G. **Do limão faço uma limonada: estratégias de resistência de professores negros de língua inglesa**. 2020. 225 f. Tese (Doutorado) FFLCH-USP, Depto de Letras Modernas. São Paulo, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-23092020-130036>. Acesso em: 08 janeiro 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. Ethnicity and race in english language activities at a university in Bahia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 208-224, Set. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742019000300208&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 Nov. 2020

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, N. O.; NASCIMENTO, G.; RIBEIRO, M. D. A. Nexos de internacionalização e língua inglesa à luz do paradigma do racismo epistêmico: o caso do Future-se. **Revista X**, v. 16, p. 1528-155, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/82241>. Acesso em 09 setembro 2021.

SHOHAMY, Elana. Reinterpreting globalization in multilingual contexts. **International Multilingual Research Journal**, v.1, n.2, 127-133, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19313150701495421>. Acesso em: 02 out. 2020.

SILVA, K. A.; XAVIER, R. P. Um panorama da Internacionalização da Educação superior na área do ensino de línguas adicionais e da pesquisa no Brasil. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 1, 2021.

Palavras-chave:

Ensino de Línguas, Educação Antirracista; Internacionalização do Ensino Superior; Racismo Linguístico; Política Linguística.

ARGUMENTAÇÃO, RETÓRICA E DISCURSO JURÍDICO: UMA ANÁLISE DA ADI 3446 DO STF

Wagner Freitas Silva¹

Isabel Cristina Michelan de Azevedo (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa está inserida na área da Linguística Aplicada e associada às Teorias da Argumentação, sendo impulsionada pelas seguintes questões: como se dá a construção da argumentação que sustenta o discurso jurídico normativo? Como funciona a dinâmica argumentativa no âmbito jurídico? Quais elementos podem caracterizar esse tipo de argumentação como racional?

Na dinâmica do Estado Democrático, o direito é criado, interpretado e aplicado por meio da relação entre a previsão normativa, decretada pelo Poder Legislativo, e a ação do Poder Judiciário, a quem cabe interpretar e aplicar as normas aos casos concretos. Assim, os debates ocorridos tanto no campo legislativo quanto no judiciário são amparados por uma argumentação que se funda em bases nacionais que possibilitam a construção do discurso jurídico.

Ao ter como pretensão a persuasão do auditório, a argumentação no direito se torna suscetível a análises diversas, entre as quais se destaca a que visa a identificação, interpretação e aplicação de técnicas argumentativas, conforme a ótica do *Tratado da Argumentação* -, obra elaborada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), publicada inicialmente em 1958.

Assim, o objeto deste trabalho está ligado à atuação do Supremo Tribunal Federal (STF) em decisão no âmbito da Ação Declaratória de Inconstitucionalidade 3446, proposta pelo Partido Social Liberal (PSL) impugnando dispositivos do Estatuto da Criança e do Adolescente – arts. 16, I; 105; 122, II e III; 136, I; 138 e 230 da Lei 8.069/1990. A proposta foi objeto de decisão em Plenário, tendo o relator votado pelo seu indeferimento, amparado por justificativa ampla, no que foi acompanhado pelos demais ministros, resultando no indeferimento unânime da pretensão.

Diante disso, o intuito desta pesquisa é analisar os argumentos contidos no discurso jurídico que ampara a decisão do relator, visando identificar as técnicas utilizadas em sua argumentação, mais especificamente, as técnicas de associação e dissociação constantes dos argumentos quase-lógicos, dos argumentos baseados na

estrutura do real e dos argumentos que fundam a estrutura do real.

Amparada por bibliografia e documentos (peça jurídica), a análise será fundamentada em conceitos ligados à argumentação, à retórica e à Nova Retórica e, aos direitos humanos fundamentais. Assim, serão discutidos os principais argumentos contidos no discurso jurídico que ampara a decisão do relator, visando à identificação das técnicas privilegiadas em sua argumentação.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo desta pesquisa é analisar os argumentos contidos no discurso jurídico, pela perspectiva da Nova Retórica, visando a identificar os mecanismos, as estratégias e as técnicas de argumentação, bem como a forma pela qual esses recursos influenciam tanto a argumentação jurídica persuasiva quanto a argumentação jurídica decisória.

Objetivos específicos

- identificar, pela ótica da Nova Retórica, as técnicas argumentativas utilizadas na decisão do relator da ADI 3446 no STF;
- analisar a argumentação contida na decisão do relator, com foco na compreensão do uso e da interação dos argumentos utilizados;

JUSTIFICATIVA

O interesse em investigar o discurso jurídico se justifica pela observação inicial de que a argumentação nele contida pode se apresentar como um dos fatores elementares no campo do direito brasileiro, sob a égide do Estado Democrático de Direito, tendo em vista sua influência na construção do discurso jurídico legislativo ou decisório.

A decisão de trabalhar com o referido tema nasceu da relação do discente com o Direito na graduação e com a prática jurídica posterior como advogado, e está destinada a discutir os impactos das decisões jurídicas no âmbito dos direitos humanos e fundamentais. Ao longo da experiência de atuação, tornou-se perceptível que o estudo das relações que contornam o discurso argumentativo no campo jurídico se apresenta como importante para uma análise, cada vez mais crítica, da argumentação visto seer prática social que tensiona ou sustenta decisões jurídicas e, mais especificamente,

decisões relativas à Constituição Federal de 1988 e aos direitos fundamentais da criança e do adolescente.

Nesse contexto a pretensão de pesquisar o objeto supracitado, também se insere no âmbito dos Estudos da Linguagem e contribui com as pesquisas realizadas no campo da Linguística Aplicada. Tal contribuição ocorre na medida em que colabora com o diálogo entre Linguagem e Direito, possibilitando uma abordagem crítica e reflexiva do estudo do discurso argumentativo jurídico, em um processo de interação e intercâmbio de experiências, com vistas à construção de um conhecimento interdisciplinar que integra múltiplas perspectivas.

Assim, embora tenha sua delimitação circunscrita à atuação da Corte Suprema brasileira, na decisão tomada em relação à ADI 3446, a análise do objeto escolhido nesta pesquisa manifesta a potencialidade de se estabelecer relações de observação da realidade jurídica, também em outras instâncias de atuação, pelo que fica evidente sua relevância e pertinência.

Este projeto guarda relação com as pesquisas atuais desenvolvidas pela docente orientadora, a Prof^ª Dra.^a Isabel Cristina Michelan de Azevedo, tendo em vista que esta tem concentrado sua pesquisa na área de Linguagem, com foco nas teorias do discurso e da argumentação, além dos desdobramentos no campo da Educação.

APARATO TEÓRICO

O estudo da argumentação no Ocidente e sua vinculação à tradição retórica teve início na filosofia pré-socrática, ainda no século V a.C., a partir da ação de dois retores sicilianos: Córax e Tísias. O contexto histórico dessa atuação era o da necessidade de se defender direitos de ordem patrimonial após conturbações sociais que os desestabilizaram.

Por volta de 485 a.C., dois tiranos sicilianos, Géron e Hiéron, operaram deportações, transferências de população e expropriações, para povoar Siracusa e distribuir lotes aos mercenários; quando foram derrubados por um levante democrático e se quis voltar ao ante qua, houve inumeráveis processos, pois os direitos de propriedade estavam obscurecidos (BARTHES, 1975, p. 9).

A defesa de tais processos era realizada perante grandes júris populares responsáveis por deliberarem sobre o (não) cabimento do direito pleiteado. Nessa atuação dos retores, a retórica antiga, iniciada pela defesa patrimonial, tornou perceptível a ideia de que é possível utilizar a linguagem para defender posições jurídicas de acordo com distintos interesses. Isso fez surgir a necessidade de se escrutinar os discursos

argumentativos, com o intuito de verificar as relações neles contida, principalmente ao se verificar, na argumentação, a possibilidade de participação ativa no contexto da política e da cidadania.

Aristóteles (2011), no século IV a.C., com a obra “A Retórica”, proporcionou a primeira sistematização dos estudos nessa área ao definir procedimentos metódicos e relacioná-los à análise dos modos de persuasão, ou seja, à composição das três provas retóricas: *ethos*, que diz respeito à imagem do orador, *pathos*, que visa a mobilização das emoções dos ouvintes, *logos*, que está relacionada aos esquemas argumentativos construídos em torno dos temas em discussão.

Após esse movimento de sistematização, os estudos relativos a essa arte voltaram a encontrar expressão significativa no século XX, com o *Tratado da Argumentação* - (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958]), que retomam os estudos da argumentação aristotélica, com foco especial nos esquemas argumentativos.

A par disso, a pesquisa da argumentação no campo jurídico e, especialmente, no discurso jurídico decisório, exige a compreensão das relações estabelecidas pela dinâmica da atividade judiciária - bem como a análise de algumas concepções sobre o raciocínio judiciário - tendo em vista o intuito de que a investigação seja realizada conforme os parâmetros e especificidades próprias dos procedimentos que compõem, autorizam e sustentam o sistema das decisões judiciais:

[...] o raciocínio judiciário visa a discernir e a justificar a solução autorizada de uma controvérsia, na qual argumentações em sentidos diversos, conduzidas em conformidade com procedimentos impostos, procuram fazer valer, em situações diversas, um valor ou um compromisso entre valores, que possa ser aceito em um meio e em um momento dados. (PERELMAN, 1998, p.183).

No discurso decisório de um tribunal, como o do STF, o raciocínio judiciário ganha maior relevância, como responsável pela finalização da controvérsia. Ao se considerar a tratativa em torno de questões relacionadas à Constituição, aos direitos fundamentais e, mais especificamente, aos direitos fundamentais de crianças e adolescentes, a decisão é acompanhada por um grau ainda maior de responsabilidade:

De fato, os tribunais, e não os teóricos, é que são encarregados de dizer o direito, motivando suas decisões. É o seu raciocínio que permite, no final das contas, discernir a lógica jurídica num Estado, em dado momento [...] (PERELMAN, 1998, p.221).

Assim, diante da responsabilidade e da necessidade de motivação que as decisões impõem, surge para juízes e tribunais, um espaço para o uso da linguagem argumentativa e, conseqüentemente, dos modos de persuasão e dos esquemas argumentativos. É nesse ponto que se encontra a adequação e a análise dessa modalidade argumentativa, pela ótica

da Nova Retórica e, mais especificamente, das técnicas argumentativas conforme os tipos de argumentos: os quase-lógicos, os baseados na estrutura do real, os que fundam a estrutura do real, bem como as interações entre eles.

Diante desse contexto, o aparato teórico-metodológico desta proposta de pesquisa se adequa à identificação das relações promovidas pelos atores que produzem a argumentação jurídica, permitindo analisá-las conforme o entendimento do papel da linguagem e da argumentação especificamente nesse campo.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa realizada pelo método de abordagem qualitativa, com amparo no paradigma interpretativista do objeto, que analisa a argumentação jurídica pela perspectiva da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958]). Nesse sentido, realizaremos uma ampla pesquisa documental e bibliográfica que toma o discurso jurídico dos direitos fundamentais e, ainda, do processo de julgamento da ADI 3446, como referência para a análise da argumentação nele identificada.

Para tanto, identificaremos, primeiramente, os argumentos empregados com base nas categorias da Nova Retórica, a fim de realizar uma análise global do documento jurídico e, posteriormente, compor um *corpus* representativo dos esquemas argumentativos encontrados na Decisão da ADI 3446 para identificar quais categorias são mais recorrentes e quais os efeitos de sentido criados. Desse modo, analisaremos os argumentos utilizados pelo Relator, bem como o modo pelo qual a interação dos argumentos são relacionados e conectados em função da construção da argumentação contida em sua decisão.

DISCUSSÃO

Considerando que a argumentação no voto do relator da ADI 3446, no STF, pode ser compreendida à luz das técnicas argumentativas expostas no *Tratado da Argumentação*, torna-se possível empreender a análise dos argumentos contidos em um discurso jurídico decisório, bem com compreender o funcionamento da argumentação em um contexto discursivo específico.

Ao analisarmos a argumentação no discurso jurídico decisório que trata sobre direitos constitucionais fundamentais e direitos contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente, torna-se perceptível que entender os fundamentos dessa argumentação pode

possibilitar a compreensão relativa às bases argumentativas que sustentam o sistema jurídico, no que concerne aos direitos constitucionais e humanos.

A compreensão acerca das nuances da arregimentação dos esquemas argumentativos para motivação de decisões jurídicas no STF, pode potencializar o exercício da cidadania, especialmente na defesa dos direitos fundamentais constitucionais.

Sendo esses alguns dos resultados esperados, foram iniciados os primeiros passos analíticos, com foco especial na identificação das técnicas mais recorrentes. Os primeiros exercícios possibilitaram visualizar que argumentos pragmáticos, argumentos de autoridade, argumentos da direção, argumentos de comparação e argumentos de hierarquia dupla são mais frequentes. Espera-se, em síntese, que esta investigação no campo da argumentação jurídica possa contribuir com a prática argumentativa cidadã no contexto da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini - São Paulo : Edipro, 2011.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de Retórica**. Tradução: de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-221.

PERELMAN, Chaïm. **Lógica Jurídica**. Trad. Verginia K. Pupi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação– A Nova Retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

Palavras-chave:

Argumentação. Lógica Jurídica. Práticas de Linguagem. Direito.



linguagem e estudos de gênero



A COMPOSIÇÃO AUTORAL NO TWITTER: UMA ANÁLISE DO "EU" PRESIDENCIAL NO PERFIL @JAIRBOLSONARO

Ciro Antonio das Mercês Carvalho¹
Maurício Beck (orientador)²

APRESENTAÇÃO

As redes sociais, em especial o *Twitter*, desde meados da década de 2010, se tornaram um “campo de batalha” político-discursivo. Como consequência, sujeitos que ocupam cargos políticos eletivos passaram a utilizar, mais do que nunca, canais virtuais *online* para difundir seus discursos e conseguir atingir pessoas que com eles se identifiquem ideologicamente.

Assim, desde minhas pesquisas e dissertação de mestrado, com aporte teórico metodológico da análise do discurso de linha materialista, sigo compondo um arquivo e desempenhando análises a partir de recortes da conta do então sujeito presidencial Jair Bolsonaro, em sua conta @jairbolsonaro no *Twitter*. Esta conta na rede de microblogues que foi utilizada como espécie de veículo de comunicação oficial do governo.

Por conseguinte, em nível de doutoramento sigo o trabalho já iniciado, proponho as responder as seguintes problemáticas: como se dá o funcionamento do "eu" em contas utilizadas e editadas por várias pessoas no *Twitter*, em específico @jairbolsonaro? Quais sentidos de "eu" podem aparecer na composição autoral na conta @jairbolsonaro ante as condições materiais de (re)produção dos discursos na plataforma digital de microblogues *Twitter*?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar nas postagens do perfil @jairbolsonaro, especificamente no período em que Jair Bolsonaro foi presidente da República, o funcionamento de discursividades contraditórias, os sentidos de "eu" e os efeitos de composição autoral que podem aparecer nos discursos presidenciais, no *Twitter*.

¹ cirocarvalho08@gmail.com – bolsista CAPES.

² mbeck@uesc.br – professor doutor

Objetivos específicos

- Mapear fissuras e marcas do não-dito, na discursividade dos recortes propostos levando em consideração a materialidade e as condições de (re)produção dos discursos no Twitter (as curtidas, os compartilhamentos, as hashtags, os vídeos e as imagens) que compõem os sentidos de "eu" emergentes em @jairbolsonaro.
- Coletar os indícios de contradição entre a discursividade presidencial bolsonarista que é verbalizada, por exemplo, em lives e entrevistas e a discursividade (re)produzida no digital no perfil @jairbolsonaro.
- Investigar os limites que separam o funcionamento dos discursos ordinários dos rumores/boatos, nas postagens do perfil presidencial, ante os sentidos fractais que existem na composição autoral do “eu”.
- Analisar repetições e não-ditos nos discursos no perfil de @jairbolsonaro, especificamente do período em que foi utilizado como perfil do presidente da República (entre 2019-2022), que indiquem o funcionamento da composição autoral do “eu”.

JUSTIFICATIVAS

Durante as análises feitas no curso do mestrado (CARVALHO, 2022) das publicações na conta do *Twitter* do então presidente (@jairbolsonaro), identifiquei que havia “ruídos” na forma como as postagens eram feitas, a exemplo de mudanças repentinas de um tom informal para formal, publicações com caráter técnico e logo em seguida publicações com demasiada ironia, além mudanças na grafia (ora um esmero na pontuação, ora falta de pontuação), entre outras nuances. Era como se o “eu” @jairbolsonaro fossem na verdade várias pessoas e não o “eu” Jair Bolsonaro, à época presidente do Brasil.

Assim, em nível de doutorado, há a pertinência na minha proposta de dar continuidade à pesquisa do *corpus* virtual extraído do *Twitter* que iniciei em nível de mestrado e que culminou em dissertação (CARVALHO, 2022). Contudo, agora não mais com foco para questões de viés político e questões em torno da pandemia da COVID-19.

O presente trabalho de pesquisa, então, se justifica pelo foco atua de analisar quem é esse “eu” em @jairbolsonaro durante o período em que Jair Bolsonaro foi presidente da República e como se dá a composição autoral nesse perfil virtual. Em pesquisa feita por

repositórios não encontrei ninguém com pesquisas feitas sobre o tema da composição autoral do “eu” em relação ao *Twitter* no campo da análise do discurso materialista, logo este trabalho também possui ineditismo.

APARATO TEÓRICO

De início menciono o pensamento de Michel Pêcheux (2019A) nesta proposta de trabalho, especialmente quanto a sua tese, publicada em 1969, *Analyse automatique du discours* (AAD69), obra em que formulou proposições muito caras à análise de discurso materialista. Nas palavras do autor:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa. (PÊCHEUX, 2019A, p. 33).

Assim, o ponto de partida são as reflexões propostas na AAD69, tese com mais de quatro décadas, escrita em um momento em que não era possível ter noção sequer de que as redes sociais existiriam no século XXI, muito menos a influência e o poder que hoje teriam. Por conseguinte, extraio questões relacionadas ao virtual e ao funcionamento de algoritmos nas plataformas *online*, especificamente o *Twitter*. Algumas das questões que permeiam a reflexão teórica de Pêcheux na sua AAD69 são pontos de partida da construção deste dispositivo de análise. Ato contínuo, busquei nas produções do pensamento teórico recente suporte de referências que também versam sobre essas questões, encontrei a tese de Juliana da Silveira (2015) que também reflete sobre a AAD69 e faz essa relação com o digital e as redes sociais, exemplo de pensar que

Dentre outros aspectos, Juliana da Silveira (2015, p. 118) aponta que os efeitos de rumor no *Twitter* são resultado de uma saturação dos discursos político-midiáticos tradicionais. Ela afirma que o modo como os discursos são produzidos e reproduzidos funcionam como “mola para a maquinaria discursiva do *Twitter*”, uma vez que o ambiente virtual propulsiona a circulação de dizeres heterogêneos de diferentes formações discursivas. Essa heterogeneidade se propaga em forma de rumores, efeito discursivo que faz parte da materialidade digital nessa rede social. Conforme Silveira (2015, p. 130), os rumores têm uma relação direta com a leitura do arquivo político brasileiro porque “permite aos sujeitos jogarem com a credibilidade daquilo que eles recebem como

informação”, de modo que:

Essa relação política se torna mais complexa à medida que o rumor deixa de ser uma tecnologia que se beneficia da fala, do boca a boca, do tête-à-tête e passa a incorporar aspectos informáticos que aperfeiçoam e instrumentalizam o diz que me diz. Não há, nesse sentido, ambiente digital que tenha aperfeiçoado tão eficientemente como o *Twitter* a arte de rumorejar (SILVEIRA, 2015, p. 136).

Assim, ao longo do meu trabalho de dissertação de mestrado me ative a noção de rumor relacionado ao que é produzido na materialidade do *Twitter*, em especial no perfil presidencial. Nesse sentido, é importante ainda considerar que Pêcheux (2019B) afirma quanto à evidência e ao absurdo como sendo “primos” e que

[...] O pensamento é uma forma particular do real e, como tal, é parte integrante do movimento objetivo e necessário das determinações de desigualdade, contradição, subordinação que constituem o real como processo sem sujeito, e por conseguinte, o pensamento não tem de modo algum a homogeneidade, a continuidade conexa, a transparência em uma palavra, da interioridade subjetiva da consciência que lhe atribuíram, de um lado ou de outro, todas as vertentes do idealismo (PÊCHEUX, 2019B, p. 11).

Por conseguinte, entendendo que “as palavras, as expressões, as proposições têm sentido, ou seja, fazem sentido, e não necessariamente *um* sentido” (PÊCHEUX, 2019B, p. 1. Grifo no original), procurei ampliar meu arcabouço teórico de referências atuais em análise de discurso de vertente materialista. Com efeito, encontrei o trabalho de Guilherme Adorno de Oliveira (2015), que trabalhou com a questão da composição autoral no contexto dos vlogs da plataforma de vídeos *YouTube*. O autor que levou em consideração, dentre outros aspectos, a proteção legal e jurídica das criações, dentro das condições materiais de produção daquela plataforma digital.

Por conseguinte, Oliveira (2015) utiliza da noção composição autoral, conceituando-a como “a imbricação material e o funcionamento da autoria, isto é, as condições de produção (sobretudo o modo da formulação) do *vlog* no *YouTube* pela composição de diferentes materialidades significantes no movimento entre a busca da unidade e a constitutiva contradição” (OLIVEIRA, 2015, p. 25). Desse modo, me apropriando dessa ideia de composição autoral trabalhada por Oliveira, pretendo transpor essa temática no *YouTube* para o *Twitter*, em específico a conta presidencial @jairbolsonaro, a partir da qual poderei, de forma ampla, destrinchar e analisar os efeitos de sentido, além de como se dá o funcionamento da “pluralidade de mãos”.

Também levarei em consideração a noção de recorte de Eni Orlandi (BECK; FONSECA, 2019), em que os recortes são feitos na situação de interlocução (contexto) compreendida como ideologia, visto que, conforme dito por Pêcheux “a tendência materialista ‘parte da exceção como sintoma de uma regra desconhecida, desarticulada do terreno das evidências em que essa exceção nasce” (BECK; FONSECA, p.157).

Nesse sentido, meus esforços se deparam com um arquivo cujas condições de produção do discurso são aquelas presentes no ambiente digital, o que remete a Guilherme Oliveira (2015, p. 26), ao dizer que:

Chego, então, à compreensão das fronteiras equívocas do vlog entre o eu e o *YouTube*, entre o eu e o Outro/outro e entre o eu e o discurso sobre o eu. Se as fronteiras móveis trabalham a favor do Capital, é sob elas que os sujeitos se movem. Ao se significar pelos discursos disponíveis, em materialidades distintas, o “eu” faz trabalhar a equivocidade no entremeio dos discursos. (OLIVEIRA, 2015, p. 26).

Dessa maneira, entendo que no digital as fronteiras entre o eu e o Outro estão interligadas com a nossa forma de acessar a língua e de participar do discurso e, por consequência, interpretá-lo. Portanto, transpor a noção de composição autoral, que teve no foco no vlogs do *YouTube* no trabalho de Guilherme Adorno de Oliveira, para o microblogue de @jairbolsonaro no *Twitter* se mostra possível e pertinente para compreender as especificidades de funcionamento do sujeito. Analisar os sentidos de “eu” que, no microblogue do *Twitter*, tem uma autoria difusa e com discursos que amplamente difundidos e que impactam milhões de usuários online diariamente.

METODOLOGIA

Inicialmente, a partir dos discursos reproduzidos na conta do sujeito presidencial no Twitter, @jairbolsonaro, darei continuidade à composição do arquivo que é meu objeto de estudo desde a pesquisa de mestrado, com recortes de tuites de @jairbolsonaro do período em que foi Presidente da República do Brasil (2019-2022). Esse recorte temporal, com efeito, será importante pois estabelece o período em que o perfil foi utilizado como canal do chefe de Estado brasileiro e, portanto, a análise tratará de um perfil institucional que durante quatro anos deu voz ao maior cargo do Poder Executivo nacional

O número de tuites totais que comporão o arquivo ainda não está definido pois depende da coleta de dados referente ao período em que a conta @jairbolsonaro foi usada como “canal” da Presidência da República. Por meio de uma análise teórico-qualitativa dos dados obtidos, com efeito, colocarei em prática algumas das propostas metodológicas

do campo da análise de discurso materialista, especificamente no contexto do digital e da Internet. Assim, darei atenção à presença e utilização de procedimentos discursivos como marcas textuais, mudanças repentinas ou demarcação de determinados tons e/ou assuntos, bem como expressões que me permitirão esmiuçar alguns dos efeitos de autoria das discursividades que aparecem no perfil virtual @jairbolsonaro.

Desse modo, suspenderei o caráter de obviedade do que é dito, dos sentidos que aparentam naturalidade, e buscar fissuras e marcas do não-dito, na discursividade dos recortes propostos para analisar o que compõem e quais os sentidos de "eu" emergentes em @jairbolsonaro. Assim, terei em consideração a materialidade e as condições de (re)produção dos discursos no Twitter (as curtidas, os compartilhamentos, as hashtags, os vídeos e as imagens) para mapear fissuras e marcas do não-dito, na discursividade dos recortes propostos.

Levarei em conta o papel operacional da linguagem para não incorrer no que Beck e Fonseca (2019, p. 155) apontam, a saber: o “apagamento da dimensão política do conhecimento produzido nas ciências humanas e sociais funciona como recurso (político) para o seu melhor funcionamento numa sociedade dividida em classes”. Portanto, considero basilar levar em consideração as questões político-ideológicas em torno das condições de produção da discursividade bolsonarista.

DISCUSSÃO

As pesquisas e análises que fiz em minha dissertação de mestrado acompanharam a conta @jairbolsonaro nos dois primeiros anos do mandato de Jair Bolsonaro à frente da presidência da República, entre janeiro de 2019 e maio de 2021. A maior parte desse período foi atravessado pela pandemia da COVID-19 e todas as suas restrições e consequências, que tiveram impacto direto na temática e nos rumos da pesquisa.

Analisei o que o então sujeito presidencial publicava em sua conta oficial no *Twitter*, naquela época. Havia discursos que remetiam constantemente a um interdiscurso da ditadura militar brasileira e vieses discursivos alinhados com o ex-presidente americano Donald Trump. Analisei ainda a forma como se referia a qualquer possível opositor como um *Outro* “inimigo” a ser combatido, sempre à “esquerda”, sempre com tom de obliteração de quem não estivesse alinhado à sua formação discursiva. Além disso, os famigerados discursos de deslegitimação da vacinação e do “isolamento” (*lockdown*) em defesa do ineficaz “tratamento precoce” durante o auge da crise sanitária.

Porém, muitos “sintomas” que identifiquei nas publicações de @jairbolsonaro não foram abarcadas durante o mestrado, a exemplo da questão da autoria e do eu na materialidade virtual. Tais pontos que ficaram de fora diante das condições materiais que me foram impostas e, agora findados os quatro anos de Jair Bolsonaro no cargo de chefe de Estado brasileiro, dou continuidade ao trabalho em que poderei fazer novos recortes para compor meu *corpus* e proceder às análises propostas.

As “várias mãos” que identifiquei à frente da conta presidencial deixavam marcas (pessoas que utilizavam e publicavam na conta, como seu filho e assessores), ruídos, nos discursos das publicações. Portanto, na pesquisa de doutorado prosseguirei com ampliação do arquivo do qual serão posteriormente feitos os recortes para análise, já com foco na autoria ligada aos textos das publicações no *Twitter* ante as questões que compõem a construção do eu no microblogue presidencial durante os quatro anos de mandato.

REFERÊNCIAS

- BECK, Maurício; FONSECA, Rodrigo; SANTOS, A. P. Recortes discursivos, paradigma indiciário e procedimentos contraindutivo. In: **Linguagem em (Dis)curso**. v.19, p.153 - 171, 2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6998.
- CARVALHO, Ciro Antonio das Mercês. **Tuítes do presidente: uma análise do discurso autoritário em @jairbolsonaro**. 2022. 98 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-graduação em Letras, Ilhéus, BA. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/202011558D.pdf>.
- OLIVEIRA, Guilherme Adorno de. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. 170 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268931>.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Trad. Eni P. Orlandi e Grecielly Costa. Campinas: Pontes, 2019A.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. (AAD – 69). In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução: Bethânea S. Mariani et. al. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Linguística e Marxismo: Formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas. In: ADORNO, G.; SOBRINHO, Helson; SILVEIRA, Juliana; NOGUEIRA, Luciana; FIGUEIRA, Luís F. B.; BECK, Maurício; FONSECA, Rodrigo; MARCEL, Phellipe. **Encontros na análise de discurso: efeitos de sentido entre continentes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019B. p.307-326.

Disponível em:

https://www.academia.edu/42989770/Encontros_na_Analise_de_Discurso_efeitos_de_s_entidos_entre_continentes.

Palavras-chave:

Autoria. *Twitter*. Digital. Análise do discurso.

ESCRITAS AUTO-BIO-GRÁFICAS FEMININAS NO ESPAÇO BIOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO

Girlândia Gesteira Santos¹
Vânia Lúcia Torga (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Buscando compreender como se configuram comparativamente as escritas auto-bio-gráficas feminina no espaço biográfico contemporâneo, desenvolveremos o estudo intitulado: *Escritas auto-bio-gráficas femininas no espaço biográfico contemporâneo*, cujo objetivo é analisar as escritas auto-bio-gráficas femininas, a partir da noção do espaço biográfico (ARFUCH, 2010).

Na linha teórico-metodológica de Bakhtin e do Círculo, conceituaremos a escrita auto-bio-gráfica, a partir da constituição do espaço biográfico feminino em narrativas literárias contemporâneas em uma perspectiva comparativo-dialógica. Partiremos de análises linguístico-literárias que mobilizam categorias teóricas de autores como: Arfuch (2008, 2010, 2013); Lejeune (2014); Klinger (2008, 2012) e grupos de pesquisa, *Diálogo* e *Clesthia – axe sens et discours*. Constituem os *corpora* as obras de: Nastassja Martin, *Escute as feras* (2021); Rebecca Solnit, *Recordações da minha inexistência* (2021) e Leticia Lanz, *A construção de mim mesma – minha história de transição de gênero* (2021).

Acreditamos que as (inter)relações nelas contidas estetizam uma autorepresentação/autoficcionalização, a partir da transmutação das vozes narrativas que refletem e refratam a subversão do gênero autobiografia para além de sua própria espacialização. Estas diferentes estéticas, em variados contextos de produção e culturas podem conter as singularidades, similitudes e/ou ambivalências dos contornos de subjetividades, no espaço biográfico feminino da contemporaneidade.

¹Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações – PPGL – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Bahia-Brasil) girlandiagesteira@yahoo.com.br

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações – PPGL – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Bahia-Brasil) vtorga@uol.com.br

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar as escritas auto-bio-gráficas femininas, a partir da constituição do espaço biográfico em narrativas literárias contemporâneas em uma perspectiva comparativo-dialógica.

Objetivos específicos

- Descrever, sustentados nos estudos bakhtinianos, como se dá a autorrepresentação feminina, a partir das relações dialógicas eu-outro, dadas linguística e extralinguisticamente;
- Discutir a autobiografia, a partir de um panorama histórico conceitual que parte da noção de "gênero" - literário, textual, discursivo - à escrita auto-bio-gráfica;
- Discutir as singularidades, similitudes e/ou ambivalências de uma escrita auto-bio-gráfica feminina, de um ponto de vista enunciativo-dialógico;
- Comparar as escritas auto-bio-gráficas femininas nas diferentes estéticas de construção do si;
- Analisar comparativamente as relações discursivas nas escritas auto-bio-gráficas como singulares, constituintes e constituidoras do espaço biográfico feminino na contemporaneidade.

JUSTIFICATIVA

Numa época em que se dá o apagamento dos limites entre público e privado, as escritas de si passam a ocupar um lugar cultural, político, histórico e social importante, por refletir e refratar um 'eu' autorreferente de um nós. Por isso, compreender as estratégias da composição de uma linguagem transfigurada, transsignificada, mesclada na própria espacialização biográfica é também demarcar, neste espaço-tempo, os sujeitos, as vozes, as histórias, as linguagens.

Estudar as escritas auto-bio-gráficas femininas, a partir da Metalinguística em diferentes estéticas narrativas amplia o escopo das reflexões sobre os usos e mecanismos da linguagem e dos gêneros discursivos no fazer linguístico-literário. Ademais, permite compreender o espaço biográfico feminino, através de um corpo que se faz escrita e de

uma escrita que se faz corpo. Escrita-corpo e corpo-escrita: marcas, memórias, auto-biografias nas intersecções das subjetividades atuais.

Em um tempo em que o ‘eu’ está no palco das apresentações e representações, nosso olhar extralocalizado faz-nos questionar a subjetividade, as singularidades, os contornos do ‘eu’ nos seus modos de ser e estar no mundo. Portanto, nada mais relevante do que analisar as escritas auto-bio-gráficas femininas como esfera do gênero autobiográfico, interrogando-o dentro dos seus próprios limites, em suas estruturas, manifestações e acontecimentos. Nesse sentido, acreditamos com Arfuch (2008) que é preciso “dissolver a própria ideia de autobiografia” nesse espaço de deslizamentos, considerando os *devires autobiográficos* como uma “autodefinição” e/ou “autoexistência” de natureza filosófica, literária, social, psicológica e política (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 54).

Em uma análise preliminar, consideramos que as escritas auto-bio-gráficas femininas delineiam formas específicas de uma subjetividade refletida e refratária nas/das relações ético-estéticas que compreendem uma voz histórico-culturalmente situada à margem do discurso dominante. Mais do que olhar o gênero literário, observaremos como se constroem dialogicamente essas vozes; como negociam com o repertório vigente para se inscreverem; como inauguram e/ou compõem seu próprio espaço. Um espaço, aparentemente, minoritário e minorizado, constituído sob a ótica da alusão de um corpo escrevente que se movimenta e se reinventa, a partir da/na “ficção que elas escrevem ou à ficção que são escritas sobre elas” (WOOLF, 2019, p. 9). Pressupomos que essas escritas revelam e desvelam sentidos propostos para além do dito, escrito, vivido, causando a emergência da tensão, entre o passado “já sido” e o “ainda não em sendo” - futuro e/ou projeção - (TORGA, 2001, p. 19) das multicomplexidades do grande tempo.

Consideramos relevante um estudo que traz as discussões da formação do espaço biográfico feminino para o centro dos diálogos com os estudos dos gêneros discursivos com um viés interdisciplinar que traz contribuições teóricas importantes para os estudos autobiográficos. Cremos que “um estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia”, porque lida diretamente com enunciados concretos, em diferentes esferas das atividades humanas (BAKHTIN, 2016, p. 16). Com isso, justificamos o propósito em projetar luzes sobre possibilidades de sentidos explícitos/implícitos, sutis e tangenciais que trazem ao leitor da (auto)biografia o desafio de construir a significação não na linearidade narrativa, mas na dialogicidade das partes

com o todo da obra. Desafio de perseguir as marcas, os rastros, vestígios, indícios, fractais de um ‘eu’ nos (des)limites do próprio corpo (escrita/corpo) e seus repertórios de escritura(ação) neste espaço-tempo.

APARATO TEÓRICO

Pensar escritas auto-bio-gráficas em nossa contemporaneidade é ousar habitar uma seara onde os discursos sobre subjetividades, público/privado, individual/coletivo ganham novos corpos e novos sentidos. As antigas biografias, os diários íntimos, as memórias parecem tomar formas de ampliação em diversos e diferentes gêneros discursivos, no mundo hipermodernizado. Analisar os contornos e os deslocamentos “desse grande movimento de mutação subjetiva da constituição do *eu* moderno” (SIBILIA, 2016, p. 127, grifo do autor), pressupõe ampliar o olhar sobre a linguagem, seja na organização, composição, papéis dos sujeitos e posições que exercem na sociedade. Nesse sentido, auxilia-nos os estudos de Bakhtin e o Círculo que destacam o caráter social da linguagem nas interações discursivas mediados pelos diversos e multiformes gêneros do discurso.

Na linha dialógica dos estudos discursivos, centralizamos nosso olhar na Metalinguística bakhtiniana, ancoradas nas relações dialógicas concretas que envolvem língua, falantes e formas de linguagem. Esse prisma analítico é importante “para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado ‘fluxo discursivo’, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística” (BAKHTIN, 2011, p. 269, grifo do autor). O pressuposto bakhtiniano sustenta nossa abordagem na consideração da linguagem como um *ato ético* com o qual os sujeitos efetuam ativamente sua participação na existência, no viés da co-participação pressuposta nas relações eu-outro.

Desse modo, toda posição discursiva é duplamente vista como ato responsável e responsivo, dada a partir de juízos valorativos que norteiam as relações sociais. Mesmo a omissão, o silêncio, os ditos e não-ditos, os fazeres sutis, velados, tímidos, despretensiosos, a não posição ou a abnegação são também atos reais ativos, pelos quais os sujeitos em sua singularidade e circunstancialidade assumem sua posição e abraçam o existir-evento. Nessa perspectiva, a autorreferencialidade nos permitirá avaliar, valorar de “um ponto de vista *transgrediente*, extralocalizado, exotópico, por sua vez único e outro” (BAKHTIN, 2010, p. 31; 63, grifo do autor) os posicionamentos dos sujeitos em

seus deslizamentos subjetivos neste grande tempo, pois:

o princípio interno da unidade não serve para a narração biográfica, meu *eu-para-mim* nada conseguiria *narrar*; mas essa posição axiológica do outro, necessária à biografia, é a mais próxima de mim; eu adentro imediatamente nela através das personagens de minha vida – os outros, e *através dos seus narradores*. É assim que o herói da vida pode tornar-se o seu narrador. Portanto, só a familiarização axiológica estreita e orgânica com o mundo dos outros torna produtiva a auto-objetivação biográfica da vida e a reveste de autoridade, fortalece e torna não fortuita em mim a posição do outro, possível autor da minha vida [...] (BAKHTIN, 2011, p.142, grifos do autor).

Nesse liame, as relações éticas dadas pelo *centro valorativo do eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim* devem ser vistas como projeções concretas de linguagens que se tornam “corpo e sangue” (BAKHTIN, 2010, p. 63-64), materialidade histórico-social de um certo espaço-tempo. Assim, as (re)elaborações linguísticas não devem ser tomadas como abstracionistas, pois são relações interacionais dadas nas divisas de certo acontecimento concreto que se faz único e se caracteriza como ato-resposta no plano material. Os modos de compreensão dessas relações ético-estéticas não subentendem o uso de linguagem como um todo sistemático, mas sim como acontecimento centrado em uma posição/oposição ao mundo do eu e ao mundo do outro. As relações dialógicas, a partir na autorreferencialidade nos fazem olhar os diferentes discursos e as distintas formas de projeções do eu. É no todo arquitetado por essas relações que estão as complexas movimentações dos alicerces das subjetividades, baseadas na dialogicidade presente no espaço-tempo em que se inscreve o eu moderno, a partir do mundo do eu e do mundo do outro, pois:

este mundo me é dado do meu lugar no qual eu sozinho me encontro como concreto e insubstituível [...] Em correlação com o meu lugar particular que é lugar do qual parte a minha atividade no mundo, todas as relações espaciais e temporais pensáveis adquirem um centro de valores, em volta do qual se compõem num determinado conjunto arquitetônico concreto estável, e a unidade possível se torna singularidade real (BAKHTIN, 2010, p.118).

Em conformidade ao exposto, consideramos que o *conjunto arquitetônico*, pensado a partir de valores científicos políticos, estéticos, mobiliza sentidos outros, cujas orientações axiológicas permitem distintas valorações, a partir do posicionamento ético-estético dos sujeitos. Entendemos que tanto nas formas biográficas quanto nas auto-biográficas “não há um devir genuíno. A experiência real descrita e os eventos históricos servem ‘meramente como meio para o desvendamento’ da significação (MORSON; EMERSON, 2008, p. 413), tendo em vista que “o homem nunca coincide consigo mesmo” (BAKHTIN, 2015, p. 67).

METODOLOGIA

Sob o prisma da *Metalinguística* bakhtiniana que orientará teórico-metodologicamente esta investigação, formularemos a conceituação da escrita auto-biográfica feminina no espaço biográfico contemporâneo. Para tanto, é necessário considerar o princípio conceitual do gênero autobiografia no contexto sócio-histórico, a partir da observação dialógico-discursiva entre os aspectos culturais, políticos, históricos e sociais das relações de poder em correlação com a marcação do espaço social das vozes femininas, em narrativas literárias de nosso tempo.

O estudo comparativo das obras orientado por este arcabouço teórico possibilitará investigar as singularidades e especificidades da escrita auto-biográfica feminina na contemporaneidade, quanto a um conceito de autobiografia sob a perspectiva da discursividade. Seguiremos os estudos comparativos, em uma análise dialógica de autorreferência, pensando não a sobreposição das obras umas em relação às outras, mas numa relação comparativa que permite interrelacioná-las pelas semelhanças, ainda que em diferentes culturas.

O viés comparativo segue a linha dos grupos de pesquisas: *Diálogo*³ e *Clesthia – axe sens et discours*⁴, e, a partir dele, elegemos os *corpora*, através do *tertium comparationis* da autobiografia, na esfera das narrativas de vida, as escritas auto-biográficas femininas nas diferentes culturas e no espaço-tempo da contemporaneidade. Assim, temos respectivamente, as obras das autoras: Rebecca Solnit, *Recordações da minha inexistência* (2021), Nastassja Martin, *Escute as feras* (2021); Letícia Lanz, *A construção de mim mesma: uma história de transição de gênero* (2021).

Para sustentar as análises dos *corpora* apoiamo-nos nas contribuições teóricas de: Bakhtin ([1920-24] 2010, [1929] 2011, [1929] 2015, [1952-53] 2016, [1970] 2017, [1943] 2020), Arfuch (2008, 2010, 2013), Lejeune (2014), De Toro (2007) sobre espaço biográfico, biografia, autobiografia e nova autobiografia e Klinger (2008, 2012) sobre as escritas de si. Eles serão a base para o alargamento do conhecimento que buscará romper e superar a unilateralidade dos sentidos sobre os gêneros.

³ GRILLO, S. V. de C.; MACHADO, F. S.; CAMPOS, Editorial: Análise comparativa de discursos: quais são seus precursores? *Linha D'Água*, São Paulo, v. 31, n. 3, p.1-17. set./dez. 2018.

⁴ CLAUDEL, C. et al (Org.). *Cultures, discours, langues: Nouveaux abordages*. Limoges: Lambert-Lucas, 2013. von MÜNCHOW, P. *L'analyse du discours contrastive. Théorie, méthodologie, pratique*, Limoges : Lambert Lucas, 2021.

Os métodos desta pesquisa se encaminharão em procedimentos de: a) revisão da literatura em pesquisas bibliográficas com estudos mais aprofundados das categorias conceituais: i) revisão literária e a de conceitos em versão preliminar dos capítulos teóricos; ii) delimitação preliminar das categorias de análise; iii) análise preliminar do corpus e seleção de excertos referentes às primeiras categorias de análise para redação de análises esboço; iv) revisão do material teórico preliminar; v) continuidade e aprofundamento das análises; iv) redação definitiva da tese.

DISCUSSÃO

As escritas auto-bio-gráficas, como esfera dos *gêneros discursivos* ampliam os tipos *biográficos e autobiográficos*, e se constituem nas “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20). São maneiras enunciativas de um ‘eu’ que se inscreve e se descreve em uma *posição axiológica* de ‘outro’, pelo e para o ‘outro’. Por esse princípio, podemos pensar o valor biográfico em um contexto de “crise das formas transgredientes de autoridade e sua unidade – de autor, de estilo” (BAKHTIN, 2011, p. 149).

Para além do *pacto autobiográfico*, constituído na unidade da tríade (autor-narrador-personagem) de Lejeune (2014), passamos a considerar que essa “trilogia representa um novo tipo de *auto-bio-grafia*, que não é compatível com o gênero autobiográfico tradicional” (DE TORO, 2007, p. 232, tradução nossa). Nesse viés, tomamos a autobiografia, a partir da própria desconstrução e/ou dissolução do gênero, em um espaço que substancia o tempo e constrói a significação além dos limites biográficos.

Baseando-nos em De Toro (2007) e Arfuch (2010) adotamos a abordagem de uma *nova autobiografia*, aquela que contém os processos de *ficcionalização e desficcionalização* e traz uma conclusão perturbadora, pois pretende restituir a vida, a partir da privação ou *des-figuração*. A nova autobiografia traz à tona a discussão do antagonismo de um sujeito puro, pois a narração é, apenas, a tentativa de uma escritura(ção) dos processos subjetivados em uma identificação imaginária. Nesses moldes, a autobiografia além de ser “universo indecível entre ficção e não ficção” Arfuch (2010) é, em certa medida, a metamorfose da imagem, ou ainda, o espelhamento de um ‘eu’ que reflete e refrata a partir do(s) outro(s), outras de si.

Com Klinger (2008, 2012) compreendemos que as escritas auto-bio-gráficas femininas estetizam e formulam ‘outros/as’ em uma construção literária que atravessa o

espaço-tempo das fronteiras culturais. Pressupomos que a autorreferencialidade nas escritas auto-bio-gráficas femininas, situada na dialogicidade eu-outro, contém a *metáfora do corpo*, sugerida por Bakhtin (2010), é uma escrita-corpo e um corpo-escrita no corpo do mundo, onde estão todos os *outros*. Corpo que não se fecha no princípio narrativo, nem preza pela correferencialidade da identidade, mas que em se inscrevendo ou negociando seu espaço constitui-se ético-esteticamente na (inter)relacionalidade a que são “implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós” (BUTLER, 2015, p.87).

Desse modo, as escritas auto-bio-gráficas femininas são *corpo vivo*, que se aberto, suscita diálogos sob os modelos canônicos dominantes, a partir da rasura estética do gênero em sua ambivalência - estética social, estética discursiva. Previamente, enxergamos um corpo-escrito à *revelia*, figurado na autoenunciação das multiplicidades das formas em seus diferentes modos de narrar-se a si. Por isso, pensar essa escritur(a)ção com e pela Metalinguística das inter-relações inter e intradiscursivas do espaço biográfico feminino adquire uma “relevância filosófica ao postular uma relação possível entre o tempo do mundo da vida, o tempo do relato e o tempo da leitura” (ARFUCH, 2010, p. 112). Ademais, por esta análise em construção e pesquisa (res)significamos nossa compreensão a respeito da vida, da arte e da cultura nos liames das singularidades, pluralidades (inter)subjetivadas na linguagem do grande tempo.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. Álbum de família. **Crítica Cultural entre política y poética**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2008.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía** – exploraciones em los limites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Pereira Maria E. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski** Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DE TORO, Alfonso. ‘Meta-autobiografia’/ ‘Autobiografia transversal’ postmoderna o la impossibilidad de una historia en primera persona: A. Robbe-Grillet, S. Doubrovsky, A. Djébar, A. **Estudios Públicos**. Santiago, n. 107, p. 213-308, 2007. Disponível em: https://www.cepchile.cl/cep/site/docs/20160304/20160304094256/r107_detoro_metaautobiografia.pdf. Acesso em: jun. de 2021.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU, 2009.

KLINGER, Diana. **Escrita de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. ABRALIC, v. 25, n. 12, p. 11-30, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/revista/2008/12/25/download>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LANZ, Letícia. **A construção de mim mesma**: uma história de transição de gênero. São Paulo: Objetiva, 2021

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Org. César Benjamin. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOLNIT, Rebecca. **Recordações da minha inexistência**: memórias. Trad. Isa Mara Lando. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TORGA, Vânia L. M. **O movimento de sentido da alusão**: uma estratégia textual de leitura do livro “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”, de Bartolomeu Campos Queirós. 2001. 98 p. (Dissertação: Mestrado em Estudos Linguísticos- Linguística Aplicada). Faculdade Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2001.

WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. Trad. Leonardo Fróes. 1 ed. São Paulo: Penguin

Classics & Companhia das Letras, 2019.

Palavras-chave:

Escrita auto-bio-gráfica. Escrita feminina. Espaço biográfico. Gêneros discursivos.

AFROEMPODERAMENTO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO IF BAIANO ACERCA DO GENI

Italanei Oliveira Fernandes¹
Ricardo Oliveira Freitas (orientador)²

APRESENTAÇÃO

A pesquisa pretende, em primeiro lugar, investigar as ações do núcleo de estudos de gênero e sexualidade no IF Baiano, Campus uruçuca, a partir dos estudos de gênero, feminismo negro, empoderamento, interseccionalidade, tentarei com isso responder ao seguinte problema de pesquisa: De que modo o Núcleo de estudos de gênero e sexualidade (GENI), contribui para o fortalecimento da identidade, da autoestima e da resistência dos estudantes do ensino médio do IF Baiano Campus Uruçuca frente ao afroempoderamento?

Partindo do pressuposto que o afroempoderamento pode contribuir para a superação das desigualdades raciais e da discriminação controbuido com o fortalecimento etnicoracial dos estudantes, e de toda a comunidade acadêmica. Para fortalecer esse pressuposto, propõe-se uma pesquisa-ação, qualitativa e participativa, que envolva estudantes do terceiro ano do ensino médio, de uma escola de educação profissional, em reuniões quinzenais, utilizando como ferramenta séries de *streaming*, leitura de texto, e entrevista estruturada aplicada no início e no final dos encontros, buscando com isso compreender as percepções, experiências e demandas desses estudantes sobre o tema do afroempoderamento.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Sendo o afroempoderamento um processo de identificação e autorreconhecimento do sujeito, por meio da autonomia, autoestima em contextos diversos da vida – do cunho pessoal ao profissional, bem como o combate ao racismo, a discriminação e a opressão as minorias, pretendo a partir disso, como objetivo, investigar o afroempoderamento junto a estudantes do curso de nível médio do IF Baiano, Campus Uruçuca, a partir de ações

¹ itaifbaiano@gmail.com

² ricofrei@gmail.com

do Núcleo de Estudos de Gênero e sexualidade (GENI).

Objetivos específicos

- Pesquisar o modo como o GENI desenvolve o conceito de Afroempoderamento no que diz respeito às temáticas de gênero, feminismo negro e empoderamento;
- Observar como o GENI estimula o processo formativo do estudante do ensino médio do IF Baiano referente à prática do afroempoderamento, a fim de construir estudantes conscientes de seus direitos, conscientes do seu lugar de fala, capazes de influenciar e ser referência no meio que estiverem inseridos.
- Analisar as ações e reações, após a realização das atividades proposta e aplicadas, das entrevistas feitas e do produto gerado se houve uma mudança por parte dos estudantes no tocante ao afroempoderamento;
- Avaliar os impactos das ações do Núcleo de Estudos de Gênero e sexualidade na formação dos estudantes quanto as questões ligadas ao afroempoderamento;
- Analisar as percepções, experiências e práticas dos estudantes em relação ao seu pertencimento racial em relação as ações do Núcleo de Estudos de Gênero e sexualidade.

JUSTIFICATIVAS

Enquanto mulher negra em cargo de gestão de um instituto federal, posso dizer que ainda existe um distanciamento grande do ideal para as mulheres dentro dessas. Após a criação do Núcleo de estudos de gênero e sexualidade (GENI), pude perceber que a questão de gênero e de feminismo são imprescindíveis no sentido de orientar e organizar às práticas desenvolvidas por mulheres negras na sociedade e dentro dessas instituições de ensino, percebendo como fui afetada pelas ações desse núcleo comecei a pensar que se eu enquanto servidora estava sendo afetada, como estaria então as ações do núcleo em relação aos estudantes.

Acabei por enxergar de forma mais clara como as coisas acontecem dentro do *Campus*, como havia um distanciamento das temáticas ligadas ao Afroempoderamento, e como discutir gênero e sexualidade é primordial para uma formação mais diversa junto

aos estudantes do ensino médio, no caso dessa pesquisa com estudantes do terceiro ano do ensino médio. A escolha por esse público se dá por esses já estarem mais maduros, já estarem mais conscientes como sujeitos políticos e capazes de transformar a realidade, para pensar criticamente sobre afroempoderamento, além disso esses estudantes já estarão com três anos no Campus e já terão vivido as ações que o GENI fez durante esses anos.

Por fim, justifica-se discutir temas que vão do gênero ao afroempoderamento com base nas ações do GENI para o crescimento, entendimento dos estudantes sobre suas próprias experiências de vida e sobre o meio em que vivem, uma vez que muitos desses estudantes nunca foram estimulados a pensar sobre o assunto, nunca se perceberam como minoria, nunca refletiram sobre se reconhecer e valorizar suas identidades, suas histórias, essa discussão vai além de abrir novos horizontes, de fortalecer o Afroempoderamento, é uma luta por reparação de uma realidade histórica de discriminação e desrespeito.

APARATO TEÓRICO

Para discutir gênero, feminismo negro e empoderamento na educação profissional, sob a ótica do afroempoderamento, utilizarei como base teórica documentos Institucionais como o plano de desenvolvimento institucional do IF Baiano, bem como a política de diversidade e inclusão e claro o regimento do GENI, ao qual as ações serão base para a minha pesquisa.

Além disso também serão utilizados o conceito de empoderamento feminismo a partir da coleção feminismos plurais de Joice Berth, bem como o conceito de feminismo negro a partir de dois livros de bell hooks em *O feminismo é para todo mundo*, e *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*, e também sobre o conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e Carla Akotirene no seu livro *Interseccionalidade* da coleção *Feminismos Plurais*, e das obras *Aruanas* (2019), “No seu pescoço”, de Chimamanda Adichie (2017), e *A vida e a história de Madame C. J. Walker* (2020), como ferramentas que facilitarão o acesso aos estudante que farão parte da pesquisa, uma vez que esse público consegue ser melhor cooptado através do áudio visual.

O Afroempoderamento propõe uma análise interseccional das desigualdades sociais, que leva em conta como o sexismo, o racismo e o classismo se articulam para produzir formas de violência e exclusão. Partindo desse conceito e compreendendo que o afroempoderamento se refere à capacidade das mulheres negras de participarem ativamente da vida social, política e econômica, reconhecendo e valorizando seus direitos

e potencialidades e como a minha pesquisa pensa o afroempoderamento dessas mulheres é importante entender o empoderamento.

O empoderamento busca promover a igualdade de gênero e combater o machismo e a discriminação que afetam as mulheres em diversas esferas. Para isso, é preciso que as mulheres se conscientizem sobre seu papel na sociedade e se apoiem mutuamente, praticando a sororidade. Além disso, é necessário que os homens também se engajem nessa causa e respeitem as diferenças e as escolhas das mulheres. Para chegar ao Afroempoderamento é preciso conhecer o conceito de O empoderamento feminino, e seu processo contínuo de desconstrução e transformação pessoal e coletiva, que contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática, para Joice Bert:

Empoderar dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminho de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate a banalização e ao esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social (BERTH, 2020, p.23)

Assim, no intuito de apresentarmos essa discussão, até o afroempoderamento, dentro do contexto da escola, o aparato teórico dessa pesquisa perpassa por entender os documentos institucionais, as obras citadas, os conceitos de empoderamento, interseccionalidade, esses pontos são chave para as discussões que serão traçadas, sempre pensando a representação de mulheres negras, que precisaram lutar por seus espaços na sociedade, em suas famílias, enfrentar seus medos e todas as dificuldades que uma mulher negra vivencia para ser respeitada em uma sociedade estruturalmente racista e machista.

Esses questionamentos envolvem a interseccionalidade, delineando como chave de leitura a relação entre as opressões de gênero, raça e classe que interpelam mulheres negras. Para Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Esta conceituação nos permite pensar, como diferentes fatores sociais, como raça, gênero, classe, etnia, orientação sexual e outros, se combinam e geram diferentes formas de opressão, discriminação e desigualdade, e como a interseccionalidade é importante

para compreender a diversidade e a complexidade das experiências humanas, bem como para promover políticas públicas que levem em conta as necessidades e demandas de diferentes grupos sociais. A interseccionalidade também é uma ferramenta para reconhecer os privilégios das classes dominantes e respeitar o lugar de fala das minorias.

METODOLOGIA

Com o objetivo de investigar as percepções dos estudantes acerca das ações do GENI, como esse núcleo desenvolve o conceito de afroempoderamento, se há estímulo no processo formativo dos estudantes, se de alguma forma o processo de valorização e identificação desses estudantes em relação as questões étnico-raciais está acontecendo, utilizarei da pesquisa-ação, esse tipo de pesquisa visa melhorar a prática de um determinado contexto através de uma investigação participativa e reflexiva, que envolve a colaboração entre pesquisadores e pesquisados, assim ela se encaixa perfeitamente na pesquisa que será desenvolvida.

Partindo dessa metodologia, será realizado um estudo de cunho teórico qualitativo, apoiado na revisão bibliográfica de autoras que trabalham com gênero, feminismo negro e empoderamento de forma a reforçar o conceito de afroempoderamento, além dessa bibliografia serão utilizados documentos institucionais, tais como o plano de desenvolvimento institucional, a política de diversidade e inclusão, e o regimento do núcleo de estudos de gênero e diversidade bem como há a proposição de encontros durante seis meses, para discutir sobre gênero, raça e afroempoderamento feminino, com discentes da educação profissional, do curso de informática integrado ao ensino médio, no IF Baiano, campus Uruçuca, com a aplicação de entrevista estruturada que será aplicada no início e no final dos encontros.

Como suporte teórico serão utilizados conceitos sobre feminismo negro, movimento político e teórico, que tem como princípio o movimento de mulheres na luta das questões de gênero, raça, e empoderamento, na busca formar uma sociedade antirracista, com respeito as desigualdades e a diversidade, de modo a combater todas as formas de opressão sofridas por essas mulheres, criando espaços para que as mulheres negra se posicionem e consigam combater as estruturas de poder nas quais estão inseridas, escritoras negras, tais como Joice Berth, Lélia Gonzalez, Chimamanda Ngozi Adichie, bell hooks, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Patrícia Hill Collins, escrevem sobre feminismo negro com base nesse conceito, reforçando a ideia de que sobre a mulher negra

não é apenas uma questão de gênero, é sim uma questão interseccional, questões de classe, raça, gênero estão ligadas.

DISCUSSÃO

Espera-se com as discussões acerca das ações do GENI, e sobre o afroempoderamento, que todos que participaram das atividades desenvolvidas na pesquisa, nos encontros, nas discussões, possam ampliar sua visão sobre a importância em fortalecer o afroempoderamento, contribuir para o reconhecimento e a visibilidade das lutas, das conquistas e dos desafios enfrentados por uma população que enfrenta questões como racismo, discriminação, desigualdade, violência e exclusão. Além disso, espera-se com essa pesquisa um estímulo a autoestima, a confiança e a participação política dos sujeitos envolvidos, bem como fortalecer as redes de apoio e de resistência entre eles.

Assim, espera-se que uma pesquisa sobre o afroempoderamento possa gerar conhecimento relevante e transformador para a sociedade brasileira, que é marcada pela diversidade e pela pluralidade cultural, que os envolvidos, direta ou indiretamente na pesquisa se empoderem e empoderem estão a sua volta a partir das ações desenvolvidas pelo GENI, que elas possam ser multiplicadoras do que foi discutido, que possam ter voz nos espaços onde estiverem e que se fortaleçam que entendam seu lugar de fala e seu potencial, que sejam capazes de expandir seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **No seu pescoço**. In: ADICHIE, Chimamanda. *No seu pescoço*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 60-66.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém 2019.

ARUANAS. Criação de Estela Renner e Marcos Nisti. Direção de Carlos Manga Jr. Brasil: Estúdios Globo, 2019-, son., color. Temporada 1. Série exibida pela Globoplay. Acesso em: 20 set. 2021.

A VIDA E A HISTÓRIA DE MADAME C. J. WALKER. Direção de DeMane Davis e Kasi Lemmons. Roteiro de A'Lelia Bundles e Nicole Asher. Estados Unidos: Netflix, 2020-, son., color. Temporada 1. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 20 set. 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaira, 2020.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da

discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, v. 92, n. 93, 1988.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Palavras-chave:

Afroempoderamento. Educação Profissional. Feminismo negro. Gênero. Sexualidade.

CORPO DO/NO CINEMA E A ADAPTAÇÃO EM CINE HOLLIÚDY

Louise Emilie Nascimento Marques Pinto³
Valéria Amim (orientadora)⁴
Marlúcia Mendes da Costa (co-orientadora)⁵

APRESENTAÇÃO

Objetivamos traçar uma abordagem teórica analítica para investigar e compreender o funcionamento do corpo no/do cinema a partir da dinâmica da imagem em movimento, a fim de discutir os efeitos e as marcas da estrutura ficcional nas obras brasileiras/nordestinas: curta-metragem - *Cine Holliúdy: O Artista Contra o Caba do Mal* (2004), longa-metragem - *Cine Holliúdy* (2013), e a primeira temporada da série de televisão *Cine Holliúdy* (2019). Trata-se de uma abordagem cartográfica, que compreende a pesquisa por meio da análise de pistas, a partir de uma dinâmica processual, e com isso, a formulação de uma linguagem constituída pela multiplicidade e sempre modificável.

A discussão teórica e conceitual está fundamentada nas concepções sobre os corpos, na medida em que estes se apresentam como linguagem formulada e constituída em dadas condições históricas e passível de (re)construção e desmonte. Compreendemos que o corpo está posicionado e atravessado pelas diversas determinações sociais, culturais e econômicas, e, diante disso, adaptável. Essa materialidade ficcional que buscamos analisar, é o corpo da metáfora, encenado, que performa um personagem – corpo/personagem, corpo no cinema. É também o corpo que estrutura e recorta tudo que pode ou não estar em cena, e com isso, direciona os sentidos, é o corpo do cinema.

A partir do breve exposto, duas questões são levantadas: o atravessamento do corpo/personagem da/na ficção cinematográfica delinea a linguagem audiovisual, considerando a retomada da chanchada como gênero constitutivo do cinema brasileiro, em *Cine Holliúdy*? E como funciona na adaptação a relação de engajamento do modo “mostrar-mostrar” no processo de significação entre mídias do curta, longa e série *Cine Holliúdy*?

³ louise_marques@hotmail.com Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)

⁴ vamim@uesc.br

⁵ malu.mm@gmail.com

São os questionamentos acima que orientarão a formulação das análises e os caminhos teóricos-conceituais que buscamos investigar e compreender ao longo do processo. Esses caminhos dizem sobre as políticas do corpo e o que pode ser entendido como personagem no entremeio da ficção. A partir da cartografia, por meio de uma metodologia que versa sobre o pensamento rizomático, tomaremos como elementos constitutivos do corpo tudo aquilo que o atravessa, enquanto objeto da História e imbricado pelas linguagens.

A linguagem ficcional se engendra as políticas do corpo/personagem na medida em que possibilita o contorno de uma história, de uma posição do sujeito, ou seja, a chance de ser de outro modo e de performar outras linhas. Traremos essa performance, sobretudo, a partir de um enquadramento imagético, da estrutura que significa o cinema como linguagem artística, estética e social. O personagem, portanto, está imbricado no corpo/ator, no corpo/diretor e no corpo do cinema. Assim, toda a configuração imagética histórico-ficcional do *corpus* que elencamos está materializada na retomada da chanchada.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar e compreender o funcionamento do corpo no/do cinema a partir da dinâmica da imagem em movimento, a fim de discutir os efeitos e as marcas da estrutura ficcional nas obras brasileiras/nordestinas: curta-metragem - *Cine Holliúdy: O Artista Contra o Caba do Mal* (2004), longa-metragem - *Cine Holliúdy* (2013), e a primeira temporada da série de televisão *Cine Holliúdy* (2019).

Objetivos específicos

- Levantar os mecanismos de convergência e/ou divergência entre as mídias fílmica e a televisiva, que marcam a escrita da imagem em movimento e possibilitam a estrutura do corpo/personagem ficcional;
- Cartografar os mecanismos de fronteiras que podem limitar os efeitos da adaptação de um gênero de mídia para outro, de forma a compreender a relação de engajamento na condição “mostrar – mostrar” (de mídias predominantemente imagéticas) do curta, longa-metragem e série elencados;

- Descrever os processos de forma e conteúdo que permeiam as relações de transferência e transformação do corpo/personagem cinematográfico nas obras citadas;
- Analisar as estruturas do corpo cinematográfico brasileiro/nordestino, a partir da perspectiva do nordeste como personagem e a chanchada como linguagem fílmica constitutiva do cinema nacional.

JUSTIFICATIVAS

A proposta deste projeto é manter e fazer avançar o diálogo com as abordagens linguísticas, estudos da adaptação, do cinema, sobre o corpo e o fazer ficcional, no que toca aos estudos sobre a linguagem cinematográfica e a metalinguagem. Pela relação interdisciplinar entre as linhas teóricas em questão, bem como, a prática metodológica da cartografia como modalidade processual, de atravessamentos e de multiplicidades, o projeto corresponde à proposta do doutorado, pelo diálogo entre áreas de conhecimento e a confrontação da linguagem em seu caráter modificável, que desestabiliza os centros absolutos de forças sociais e culturais.

O interesse na temática perpassa pela minha trajetória acadêmica desde a graduação em História até o mestrado em Letras. Em todos esses momentos, o estudo sobre a linguagem cinematográfica esteve presente. De novo reforço que esse diálogo entre áreas do conhecimento fortalece o caráter interdisciplinar pressuposto pelo programa.

Outro ponto de destaque diz respeito a articulação com a linha de pesquisa, *Linha C – Linguagem e Estudos de Gênero*. O projeto toma como marcas estruturantes um diálogo que intersecciona a linguagem como verbal e imagética na/para a produção de sentidos. Destacamos, sobretudo, o imbricamento do audiovisual com as políticas do corpo social/ficcional do/no corpo técnico cinematográfico. Nesse sentido, mobilizamos o aporte teórico e conceitual que dialoga sobre os processos de negociação e conflito dos corpos dispostos em cena.

Com isso, compreendemos também discutir e contribuir para o desenvolvimento dos conceitos de corpo/personagem e os processos de engajamento da adaptação audiovisual, por meio de uma perspectiva cartográfica de pesquisa-intervenção ficcional, que é uma construção teórica-analítica ainda pouco trabalhada e abordada no contexto da linguagem cinematográfica. Isso possibilitará que a pesquisa contribua teoricamente no

campo em questão, pelo *corpus* e pelo arranjo conceitual que direcionará a análise.

APARATO TEÓRICO

Nossa pesquisa sobre o ficcional atravessa as fronteiras que demarcam o real (realidades), a ficção e todos os efeitos de verdade que esse engendramento produz no copo/personagem, corpo/diretor, corpo/espectador e o corpo no/do cinema. Trata-se de um processo mediado/recortado por câmeras, microfones, montagem, roteiro, planos, atores, que formam a estrutura do corpo cinematográfico. E nesse ponto retomamos Deleuze,

Resta ao autor a possibilidade de se dar “intercessores”, ou seja, de tomar personagens reais e não fictícias, mas colocando-as em condição de “ficcional” por si próprias, de “criar lendas”, “fabular”. O autor dá um passo rumo a suas personagens, mas as personagens dão um passo rumo ao autor: duplo devir. A fabulação não é um mito impessoal, mas também não é ficção pessoal: é uma palavra em ato, um ato de fala pelo qual a personagem nunca para de atravessar a fronteira que separaria seu assunto privado da política e *produz, ela própria, enunciados coletivos* (DELEUZE, 2018, p. 321, grifos do autor).

O cinema é aqui compreendido como interstício, intersecção de cortes e montagens, que, por vezes, funcionam em conjunto – em sua totalidade – em outras estruturas narrativas, cada plano tem uma função em si mesma. Nosso recorte diz respeito, em grande medida, ao cinema brasileiro e os rastros historiográficos e culturais que marcam a construção da linguagem fílmica nacional.

A produção do cinema no Brasil se desenvolve por vontade de poucos, não nasce na perspectiva de produção industrial, de comercialização em grande escala. A historiografia do cinema brasileiro privilegia a produção de filme de ficção, tal como as produções europeias e estadunidenses. É importante compreendermos a formação do cinema e suas características de acordo com as condições socioeconômicas e culturais do país (BERNARDET, 2009).

A partir desse ponto, um recorte se faz necessário e versa sobre a chanchada como estrutura narrativa imagética que se formula e determina o tipicamente nacional. A chanchada inicia como um cinema de/para as massas, um alívio cômico para aqueles que não “acessavam” a “alta” cultura. Constrói-se uma hierarquia de forças capitaneada por uma visão e versão do dominante que educava e guiava o povo e, com isso, tomava o Estado como instrumento de organização social. Segundo Meirelles, “A chanchada era um gênero de filme de humor voltado para as grandes massas, tinha como característica mais comum um enredo que parodiava a política, o cotidiano e, muitas vezes um filme

americano de sucesso” (MEIRELLES, 2005, p. 15).

Contrariamente, a chanchada ocupa as telas do burguês ao proletário. Também com a linguagem fílmica, “é nas minorias que o assunto privado é, imediatamente, político” (DELEUZE, 2018, p. 319). A chanchada é um gênero de multiplicidades que incorpora em sua modelação de comédia musical, elementos “[...] do circo, do rádio, do cinema estrangeiro e do teatro de variedades – a versão nacional do vaudeville francês, aqui popularmente conhecido como ‘teatro do rebolado’ (MEIRELLES, 2005, p. 91). Nesse sentido, a suposta passividade das classes populares/trabalhadoras começa a inverter a dinâmica da demanda de produção e consumo de espetáculos artísticos.

O projeto de pesquisa, então, se desenvolve considerando as linguagens que atravessam o cinema brasileiro, no recorte histórico em que a chanchada é escrita como produção cinematográfica. Esse emaranhado imagético nos possibilita compreender as intersecções que atravessam, se repetem e reformulam o corpo ficcional.

Um movimento que irrompe no procedimento que investigamos diz respeito ao corpo/personagem ficcional. O corpo assim como o cinema é ele também constituído da montagem e roteirizado, no sentido de que são demarcadas funções e posições para cada tipo de sujeitos, o lugar social que o corpo foi inscrito e/ou se inscreveu. Uma das vertentes que compreendemos é a de um corpo não-natural e não-naturalizado, mas um corpo de multiplicidade, interpelado pelas condições históricas e socioeconômicas. Preciado formula que, “O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outras ficam elípticas e outras são sistematicamente eliminados ou riscados” (PRECIADO, 2014, p. 26).

Ou seja, compreendemos todo o conjunto narrativo imagético apresentado em cena (o dito) e o conjunto de outras referências e referenciais (o não-dito) que atravessam as obras, como o lugar social do corpo/diretor, a empresa financiadora e o público-alvo. Esse corpo histórico, escrito no e pelo tempo, pode também ser construído e constituído de outro modo, a partir da condição de “ficcional”. Esse engendramento se formula quando o subjetivo e o objetivo se imbricam, provocando um efeito de indiscernibilidade e coloca em funcionamento o efeito-câmera, que borra a dimensão de separação do real (realidades) e do imaginário (DELEUZE, 2018, p. 42).

Outra linha que se emaranha nessa linguagem fílmica é o desenvolvimento e a fundamentação das formulações a respeito da adaptação. Consideramos a obra adaptada como (re)criação do já existente para a construção de um novo performativo. São ajustes,

mudanças e repetições na história contada, seja pela via da performance teatral, dos textos, da justaposição imagética etc. No campo da condensação e do deslocamento, cada mídia produz um efeito de tempo e espaço característico.

A adaptação pode provocar um deslocamento de uma memória individual/coletiva – textos, imagens, vivências e experiências que atravessam o adaptador – para uma recepção coletiva, construída também da relação indivíduo e meio social. A adaptação é repetição com variação (HUTCHEON, 2013).

Assim, a adaptação pode deslizar em um processo inter-relacionado ou inter-engajado a diversas outras estruturas e manifestações das linguagens. Os conteúdos sociais determinam a seleção das histórias, os cortes e as atualizações. Engajar também compreende quais sentidos e percepções dos sujeitos serão privilegiados em detrimento de outros.

As diferentes modalidades das mídias e possibilidades de se entrecruzarem permite investigar limites e potencialidades no e do processo de adaptação. Os modos de comunicar, seja para informação ou entretenimento, determinam os recortes quanto ao tempo de duração da obra, a posição dos atores/personagens, os elementos que compõem o cenário e, com isso, os sentidos na construção da história. Na confrontação processual entre mídia fonte e mídia adaptada, é preciso, portanto, considerar o lugar social do criador e do público-alvo para a determinação dos sentidos da linguagem, considerando que o *corpus* se trata de mídias predominantemente imagéticas (curta, longa-metragem e série).

O projeto é organizado a partir dos movimentos e deslocamentos de conceitos e será desenvolvido, prioritariamente, pela análise de obras dos autores elencados acima. “Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações” (KASTRUP; BARROS, p. 58). Consideramos, portanto, esse ir e vir das/nas teorias o movimento necessário para se construir a metodologia processual que coloca em funcionamento a cartografia.

METODOLOGIA

Tomamos como base estrutural uma abordagem bibliográfica e qualitativa a respeito da temática apresentada. Será feita a revisão de trabalhos, livros, artigos, filmes e séries que possam dar base teórica, conceitual e analítica para a pesquisa. O aporte teórico se constitui por meio do entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento, como a Linguística, História, Filosofia, Cinema e suas implicações. É a partir da

cartografia como método, aqui com um recorte ficcional, que mobilizamos os conceitos que discutiremos adiante para dar apoio e base ao *corpus* de análise.

Essa metodologia cartográfica considera um pensamento rizomático, ou seja, analisa a linguagem por meio do descentramento, da multiplicidade, da não aproximação com as vertentes dicotômicas da língua.

Assim, consideramos esse caráter não centralizador, a-centrado, para que os conceitos sejam investigados e mobilizados na confrontação com os objetos de análise. A cartografia é praticada a partir de um procedimento transversal que propõe para o funcionamento de todo enunciado as multiplicidades, ou seja, a construção é feita caso a caso.

DISCUSSÃO

Esse corpo/personagem ficcional que buscamos desenhar é também compreendido pelos jogos e dinâmicas constitutivas do funcionamento da linguagem, o “personagem como metáfora” (DOURADO, 2017, p. 98), ou seja, a possibilidade do personagem ser de outro modo e encenar outro personagem. No cinema, esse corpo em cena ganha forma e significa não apenas pelo que é narrado em palavras, mas pela materialidade audiovisual em sua dinâmica de apagamentos, deslocamentos e condensação.

Em outras experiências, atores serviram como instrumento de transferência de um desejo de fraternidade entre diretores. Trabalhar com um ator pode significar, às vezes, flertar com seus mestres, utilizar os mesmos corpos que eles, modelar seus gestos e vozes assim como fizeram seus ídolos, retrabalhar suas personas, homenagear os gêneros cinematográficos que mais admira (GUIMARÃES, 2016, p. 25).

Assim, a partir da breve análise sobre os conceitos a respeito do corpo ficcional, consideramos o recorte da sequência imagética do curta-metragem, filme e série, bem como a mobilização dos conceitos como estratégia para a descrição da forma (posição dos atores, personagens, cenário, planos, montagem e roteiro) e conteúdo (a narrativa imagética construída a partir da estruturação do *corpo do cinema*).

Postulamos sobre um corpo ficcional adaptável, na perspectiva de uma dinâmica que perpassa por todos os elementos que compõe o fílmico. Espera-se, com esta pesquisa, contribuir com a compreensão do corpo no/do cinema a partir daquilo que é constitutivo no funcionamento de mídias cinematográfica e televisa. A discussão, nesse sentido, poderá avançar sobre o cinema brasileiro/nordestino, a partir da perspectiva do nordeste como personagem e a chanchada como linguagem constitutiva do cinema nacional.

REFERÊNCIAS

- BERNARDET, J.-C. **Cinema brasileiro**: propostas para uma história. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
- BRAIT, B. **A personagem**. – 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2017.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DELEUZE, G. **Cinema 2 – A imagem-tempo**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. – São Paulo: Editora 34, 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DOURADO, A. **Personagem como metáfora**. In.: BRAIT, B. **A personagem**. – 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2017.
- DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A.L. **O caso Marilyn Monroe**. In.: DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A.L. **História, gênero e sexualidade**. – 2. ed. – São Paulo: nVersos, 2015. (Coleção Cinema e Psicanálise; v. 5).
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Tradução Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 2015.
- GUIMARÃES, P.M.; **Corpo e citação**. In.: SAURA, S. C.; ZIMMERMANN, A. C. (ORGS.). **Cinema e Corpo**. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária – USP/ Editora Laços, 2016.
- KASTRUP, V.; BARROS, L. P. **Cartografar é acompanhar processos**. In.: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (ORGS.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. – Porto Alegre: Sulina, 2020.
- MEIRELLES, W. R. **Paródia e chanchada**: imagens do Brasil na cultura das classes populares. – Londrina: Eduel, 2005.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. – São Paulo: n-1 edições, 2014.

Palavras-chave:

Corpo/personagem. Cinema. Chanchada. Ficção. Adaptação

INTERMIDIALIDADE E INSTAPOESIA DE RESISTÊNCIA NOS PERFIS @DANIELMINCHONI E @POETASEUZÉ

Roberta Santos Miranda¹
Marlúcia Mendes da Rocha (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

A evolução dos meios tecnológicos trouxe inovações estéticas à criação literária, a exemplo da poesia, que possui como alternativa de concepção absorver características da linguagem visual e digital. Essa convergência midiática entre linguagens tem modificado as instâncias de produção de textos, e a poesia encontra no *Instagram*, rede social *online* de compartilhamento de imagens, um campo propício para criação e veiculação, tornando-se uma vitrine que difunde e inspira trabalhos de artistas de diversas gerações.

Essa relação cresceu substancialmente no período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19. Entretanto, mediante o mal gerenciamento do governo, o negacionismo presidencial e a re(ascensão) do fascismo, o vírus ganha contornos políticos e as redes sociais potencializaram-se como uma válvula de escape do ativismo, para dar vazão às manifestações contidas por confinamento.

A produção e inspiração poética assume caráter de resistência política, poesias visuais denunciam esse período de instabilidade, omissões e *fake news*, transbordando nas redes sociais, poesias que denunciam esse período de risco à vida e à democracia. Conhecidos como “Instapoetas”, escritores como Daniel Minchoni (@danielminchoni³) e Vandei Oliveira (@poetaseuze⁴) não se abstiveram e produziram conteúdo literário nesse espaço cultural, plural e imagético, onde, neste caso, “viralizar” era pertinente.

Desta forma, esta pesquisa se propõe a analisar como se estabelecem as relações intermediárias nas poesias visuais de resistência política, publicizadas no *Instagram* pelos poetas supracitados, durante a pandemia do vírus Covid-19, mediadas pelas possibilidades técnicas disponibilizadas pelo aplicativo. Para compreender essa relação entre a palavra e a imagem da palavra, os estudos sobre intermedialidade, de Elleström

¹ rsmuesc@yahoo.com.br Bolsista CAPES

² malu.mm@gmail.com

³ Perfil no *Instagram*: <https://www.instagram.com/danielminchoni/>

⁴ Perfil no *Instagram*: <https://www.instagram.com/poetaseuze/>

bem como sobre a poesia visual de resistência política de Heloisa Buarque e da tecnologia digital enquanto construção social, por André Lemos, fundamentam esta pesquisa.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Investigar as interações intermediáticas nos perfis que produziram poesia visual com teor político na rede social *Instagram* durante a pandemia do vírus Covid-19, tendo como base a verbivocomotovisualidade dos poetas Daniel Minchoni e Vandei Oliveira (Poeta Seu Zé).

Objetivos específicos

- Compreender a poesia visual como espaço de experimentação artística bem como de posicionamento político;
- Refletir e discutir sobre como o processo hipermediático permite outras escritas da poesia e a sua percepção enquanto gatilho político;
- Analisar as poesias de Daniel Minchoni e Vandei Oliveira, demonstrando a confluência entre poesia escrita, artes visuais e a rede social *Instagram* sob a ótica dos estudos da intermedialidade e da poesia de resistência.

JUSTIFICATIVAS

Neste início de terceiro milênio, nota-se o interesse das pesquisas científicas pela criação artística, ampliando possibilidades de exploração de novos territórios acadêmicos, constituindo hoje as experimentações visuais multimídias, em linguagens que predisõem uma nova área de conhecimento. Ressalta-se a atualidade dos estudos em intermedialidade, relevante devido à rapidez das mudanças tecnológicas, que afetam a produção, circulação e recepção literárias.

Durante o período pandêmico, os poetas em isolamento social não deixaram de produzir e ecoar sua voz, e um dos meios utilizados para reverberar suas posições políticas sobre o gerenciamento do caos sanitário foi a rede social *Instagram*. Desta forma, a poesia de resistência se constitui como um ato político de reprovação e indignação às diretrizes governamentais, período que muito se assemelha às contribuições do concretismo e da poesia marginal na ditadura militar no Brasil. Sendo assim, é importante registrar como

esta categoria artística se posicionou contemporaneamente frente à re(ascensão) do fascismo.

É importante destacar que ao tratar sobre como a poesia é midiada, uma das questões que se apresentam, além das tipografias e imagens dos textos intermediáticos, é a de como as criações visuais possibilitam relacionar suas estratégias comunicativas e seu impacto social por meio de suas formas de interação. Assim, esta pesquisa tem o intuito de contribuir para a compreensão dos estudos da intermedialidade por meio da poesia visual de resistência, a partir dos textos-fonte de poetisas que impulsionam a criação de conteúdo no aplicativo de rede social *Instagram*. Vale ressaltar o ineditismo da pesquisa no que tange o *corpus* supracitado.

APARATO TEÓRICO

Ao longo da história, o uso das imagens foi fundamental para a comunicação humana, e a criatividade das relações com a linguagem torna a literatura um lugar estratégico para possibilidades. Santaella e Nöth (2012) afirmam que o código hegemônico, deste século, não está nem na imagem, nem na palavra oral ou escrita, mas nas suas interfaces, sobreposições e intercursos, ou seja, naquilo que sempre foi domínio da poesia.

Vale ressaltar, que no Brasil, na década de 1950, a poesia concreta (concebida como verbivocovisual para designar o aspecto material da linguagem poética), como proposta pelos poetas Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, pôs em discussão sua visualidade, juntamente com a criação de poemas que trouxeram diagramas de som e de sentido multiplamente direcionados, bem como formas desenhando significados, enfatizando a materialidade plástica dos vocábulos.

Em 1964, período em que se instala no Brasil o regime militar e conseqüentemente uma forte censura à arte, as manifestações artísticas apresentaram-se como resistência ao totalitarismo, a exemplo da poesia concreta, que além de discutir a relação do verso com outras linguagens estéticas, se posicionaram politicamente, como os poemas *Greve* e *Luxo/Lixo*, de Augusto de Campos que transpassam o tempo. Sobre essa época, Hollanda (2004) discorre que, por volta da década de 1970 surge a poesia marginal ou geração mimeógrafo, movimento sociocultural que atingiu as artes, sobretudo a literatura, que absorveu o grito silenciado pela ditadura militar gerando uma nova forma de divulgação, substituindo os meios tradicionais de circulação das obras por meios alternativos, como

os folhetos mimeografados. A poesia marginal era formada em grande parte por pequenos textos com linguagem coloquial e apelo visual a exemplo de *Seja marginal, seja herói*, de Paulo Leminski.

A palavra poética é uma das formas de resistência contra modelos autoritários de dominação, sendo assim, a poesia de resistência reprimida pelo sistema totalitário que vigorava no país, ainda pulsa nas criações poéticas contemporâneas, que encontram na rede social *Instagram* um lugar propício para reverberar suas inquietudes políticas. A produção de poesias visuais aliadas às possibilidades técnicas de produção no aplicativo, enquadram-se em formatos pré-estabelecidos de condicionamento e produção da imagem, ao mesmo tempo que alcançam diversos públicos que se identificam com a mensagem e fazem com que os *posts* viralizem. As ações de interação “curtir, salvar, comentar e compartilhar” aliados à visualidade da poesia, se tornam um ato político de resistência. Lemos (2021, p.20-21) reitera que “Mais do que uma entidade biológica, o vírus é uma construção social (...) A tecnologia é como um vírus, e o vírus como uma tecnologia: eles disparam ações, mobilizando amplas redes, afetando o coletivo”.

Com o desenvolvimento contínuo da linguagem poética, permeada de experimentações tecnológicas computacionais, a convergência midiática entre linguagens tem modificado as instâncias de produção de textos, como os literários. Para compreender essa relação entre a palavra e a imagem da palavra, os estudos de Lars Elleström (2017) sobre intermidialidade, enfatiza o encontro crítico do material, do perceptivo e do social. Contudo seu ponto de partida é o termo “modalidades das mídias”, fundamento essencial sem os quais a midialidade não pode ser compreendida, juntos “constroem um complexo midiático que integra a materialidade, a percepção e a cognição”, que vai do tangível ao perceptual e conceitual. Sendo assim, os estudos da intermidialidade refletem sobre as relações entre diversos domínios artísticos e midiáticos, bem como sobre seus modos de configuração, suas estratégias comunicativas e seu impacto social. (RAMAZZINA-GHIRARDI, 2022).

Como vem ocorrendo com as artes em geral desde o início do século XX, a poesia entrega-se ao prazer da pura exploração do seu próprio material. Desta forma, a poesia visual aliada às possibilidades tecnológicas, se reproduz em cores, movimentos, textos e sons, tendo aplicativos de rede social como suporte de construção e divulgação, seria a “nova poesia verbo-áudio-moto-visual” (MACHADO, 2000, p.209).

METODOLOGIA

Este projeto será embasado pela pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, tendo como fontes livros, artigos, entrevistas e outros textos científicos já publicados, de autores que respaldam temas como poesia visual, poesia de resistência e intermedialidade, pontuando conceitos, ideias e características em comum.

No campo de pesquisa da intermedialidade, serão abordadas as perspectivas sincrônica (análise a partir de produtos de mídia que se inter-relacionam em um mesmo momento de tempo) e diacrônica (considera a história das mídias, a relação que se estabelece entre elas, o potencial de convergência entre mídias diferentes e a evolução de suas formas e funções ao longo do tempo). As duas abordagens apontam para caminhos de investigação diferentes, mas potencialmente complementares ao se analisar um produto de mídia. Sobre a intermedialidade enquanto categoria analítica, Ramazzina-Ghirardi (2022, p.43) pontua que “o exame de uma produto midiático no contexto contemporâneo de sua produção e funcionamento será enriquecido por abordagens que situem esse produto dentro de um processo de evolução ou transformação das mídias”.

Também será desenvolvida a análise qualitativa da poesia visual disponibilizada na rede social *Instagram* dos respectivos poetas. Serão selecionados poemas que tratem da temática política relacionada ao período pandêmico decretado pela Organização Mundial da Saúde, entre março de 2020 a março de 2023. Daniel Minchoni e Vandei Oliveira são poetas versáteis na forma de criação poética, atuando tanto na escrita de livros físicos, no audiovisual, como no digital por meio das redes sociais. Desta forma, terão destaque aqueles que convergem entre os meios, as produções que mais repercutiram no *Instagram* (*likes*, comentários, compartilhamentos), bem como aquelas que extrapolaram as redes sociais e ganharam releituras de fãs e parceiros.

DISCUSSÃO

A rede social Instagram⁵ está entre as principais plataformas online acessadas pelos brasileiros e tem sido tomada por um movimento crescente de escritores apelidados como “instapoetas”, por publicarem em seus perfis textos curtos e compartilháveis, que aderem à linguagem desta rede.

Um exemplo de instapoeta que se destaca na rede com mais de 30 mil seguidores

⁵ De acordo com a plataforma especializada em dados digitais, *We are social*, o *Instagram* é a terceira rede social mais usada no Brasil em 2022, com 122 milhões de usuários.

é Augusto de Campos, considerado um dos fundadores da poesia concreta brasileira, fase literária permeada pela materialidade da palavra, hoje aos 92 anos (sendo 72 dedicados à literatura), produz conteúdo poético inédito e experimentações verbivocovisuais, divulgados em sua página na rede social *Instagram* (@poetamenos), desde março de 2018. Outros poetas como o Daniel Minchoni e Vandei Oliveira também fazem uso desse espaço cultural, virtual e plural do *Instagram* para criar e explorar de forma engenhosa a poesia visual.

Para Lemos (2009, p.30), com as novas mídias digitais, “ampliam-se as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação, fazendo com que esta se exerça e ganhe força a partir da mobilidade física”. Desta forma, a poesia passa a ter lugar nos meios eletrônicos, é animada e vista nos monitores de aparelhos como a televisão, sala de projeções, os painéis luminosos, computadores e *smartphones*.

Na rede social *Instagram*, Minchoni e Seu Zé militam contra o desmantelo político por meio da criação de poesias em seus mais diversos formatos, dentre eles a poesia visual, justamente por se tratar de uma rede social que possui a produção de imagens como base de conteúdo. Como exemplo do que será discutido na tese, foram selecionadas duas poesias sem título, que relacionam o recente momento político pandêmico com o vivido na ditadura, postadas na rede de Minchoni dia 03 de setembro de 2021⁶ e, no dia 31 de março de 2022⁷, por Seu Zé.

A poesia visual de Minchoni, postada às vésperas do 7 de setembro, data que marca a Independência do Brasil, remete ao desenho da brincadeira popular infantil “amarelinha”, que consiste em desenhar no chão quadrados numerados e jogar uma pedrinha em uma das casas. Entretanto o poeta substituiu a numeração em sequência por “1, A, I, 5, 6, 7” e no topo, a imagem de uma bandeira do Brasil com uma bomba dinamite sobre o globo, como um campo minado. Esta imagem remete aos Atos Institucionais, decretos com poder de Constituição utilizados pelos militares para darem legitimidade às violências e ilegalidades cometidas durante o período da Ditadura Militar (1964-1985). A legenda complementa o sentido da imagem ao dizer que “esse jogo que o povo das amarelinhas quer brincar no próximo dia 7 de setembro a gente já sabe no que vai dar, escalada de violência e ódio é sempre atraso para o país, ditadura nunca mais, tortura nunca mais”.

⁶ https://www.instagram.com/p/CTXNF4Qn_xC/

⁷ <https://www.instagram.com/p/CbxG3WKLc7V/>

A poesia de Minchoni se assemelha com a de José Paulo Paes, analisada por Brait (2015, p.223), que traz como exemplo a foto de uma placa de trânsito que estampou as primeiras páginas da obra *Meia palavra: cívicas, eróticas e metafísicas?*, publicada em 1973. Na imagem há uma seta para a direita e o escrito “Liberdade Interditada”, que neste caso funciona como uma narrativa “dada a interdição da liberdade, a única possibilidade, politicamente prescrita, é ir para a direita, não no sentido geográfico, mas ideológico”. A autora acrescenta ainda a respeito da discussão de um texto verbo-visual ser ou não um poema e discorre que “desde que o conceito de poema não esteja atrelado necessariamente a versos, ritmo e rima, mas à ideia de poesia como a capacidade de iluminar a linguagem de todos os dias, aprofundando-lhe os significados, tornando-os de tal modo memoráveis que eles nunca mais consigam separar-se do modo por que foram ditos.” (BRAIT, 2015, p.220).

Já a poesia visual de Vandei Oliveira, postada no dia que se completou 58 anos do início da ditadura no Brasil, utiliza recursos mais tradicionais da poesia escrita, como a repetição de palavras como um elemento de intensificação. A frase “ditadura nunca mais” e repetida ao longo de 8 versos, utilizando uma fonte como de texto datilografado, na cor preta. Entretanto do terceiro ao sexto verso, algumas palavras são substituídas por palavras destacadas na cor vermelha e encadeadas, formando a frase “não beberemos novamente do seu cale-se”. A palavra “cale-se” remete à música *Cálice* de Chico Buarque, lançada em 1978 e vetada pela censura, canção de protesto que por meio de metáforas e duplos sentidos, ilustra a repressão e violência do governo autoritário da época. O poeta assina com sua logomarca @poetaseuzé, que forma a imagem de um megafone, trazendo o sentido de que sua poesia, sua voz seja amplificada.

Brait (2015, p.205) destaca que o texto escrito em computador “utilizando diferentes fontes e cores, muito bem organizado na perspectiva do projeto gráfico, da conjugação verbovisual, associa texto/foto e, por todas essas características, é também marca de uma época”. Desta forma, a poesia de Minchoni e Seu Zé diferem suas produções em muitos aspectos, sejam técnicas, estéticas ou estilísticas, mas compactuam quanto ao sentido e motivação, que em períodos de risco à democracia, assumem caráter de resistência política.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2015.

ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade**: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960 / 70. 5ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus**: pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LEMOS, André. **Cultura da Mobilidade**. In: FAMECOS. Porto Alegre, nº 40, dez. 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

RAMAZZINA-GHIRARDI. **Intermedialidade**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2022.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2012.

Palavras-chave:

Instagram. Poesia Visual. Intermedialidade. Resistência. Pandemia.

MEMÓRIA, LITERATURA E JORNALISMO: REVISITANDO O ATIVISMO HOMOSSEXUAL DE AGUINALDO SILVA NO CONTEXTO DO REGIME MILITAR (1964-1988)

Tiago Calazans Simões¹
Valéria Amim (orientadora)²

APRESENTAÇÃO

Daremos seguimento às discussões sobre autoritarismo e ditadura militar, abordando a literatura produzida no pós-64 na minha dissertação de mestrado: *Contestação e resistência aos anos “mal-ditos” do regime militar (pós-1964) na escrita literária de Aguinaldo Silva*, publicada em 2020. Agora me interessa a relação entre literatura, jornalismo, história e memória na obra literária e jornalística de Aguinaldo Silva.

Utilizando do conceito de literatura menor e devir minoritário (DELEUZE, GUATTARI, 2018), pretendemos observar como o escritor subjetiva expressões da comunidade LGBT: suas formas de sobreviver, resistir e lutar, em seus textos. Para tanto, nos ancoramos nos arquivos analisados por Renan Quinalha (2017). Os textos que farão parte da análise foram escritos por Aguinaldo Silva durante o regime militar, seus romances e textos jornalísticos. As entrevistas com este autor e as publicações do seu blog pessoal (no qual o período de nosso recorte foi abordado) também nos interessam para essa análise. Nesse cruzamento de diferentes gêneros textuais que carregam os rastros do escritor e jornalista engajado, pretendemos compreender tanto como os temas abordados nas obras literárias ressoam nos textos jornalísticos assinados por ele; quanto de que forma os temas abordados nos seus textos jornalísticos se repercutem em sua literatura.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar e correlacionar a escrita literária e jornalística de Aguinaldo Silva produzida no (ou sobre o) contexto de seu ativismo e resistência ao regime militar (1964 - 1988).

¹ tiagocalazanssimoes@gmail.com

² vamim@uesc.br

Objetivos específicos

- Compreender as representações de identidade de cidadãos LGBTQ na obra de Aguinaldo Silva, como elas reafirmam ou quebram estereótipos sobre essa comunidade.
- Investigar a presença de uma memória individual e coletiva da comunidade LGBT na escrita literária de Aguinaldo Silva.
- Observar como a relação simbiótica entre literatura e jornalismo se compõe na escrita de Aguinaldo Silva.
- Analisar os textos do blog pessoal de Aguinaldo Silva, no qual ele retorna o contexto de 64-88, como ele reafirma ou relativiza colocações críticas da ditadura.
- Realizar uma análise crítica ao modo ensaio baseado na composição teórica entre história, memória, testemunho, cultura, estudos de gênero e teoria literária.
- Identificar a presença de um devir minoritário nos textos de Aguinaldo Silva e como seus escritos efetivam processos de subjetivação da diversidade de sujeitos da comunidade LGBT durante o regime militar.

JUSTIFICATIVAS

Escolhemos abordar temas e obras de um autor que foi invisibilizado pelo cânone literário. Ao observarmos a imbricada relação entre história e ficção, memória e literatura, buscamos reabilitar a obra literária de Aguinaldo Silva, que hoje é abordada em pouquíssimos estudos, principalmente nos por meio dos livros: *Dez histórias imorais* (1967); *Primeira carta aos andróginos* (1975); *No país das sombras* (1979); *Memórias da guerra* (1986) e *Lábios que beijei* (1992). Apesar desses raros trabalhos, existem outras obras que foram escritas durante o regime militar (ou ambientadas nele) que ainda carecem de análise em trabalhos acadêmicos. Nosso interesse é produzir investigações teóricas e críticas sobre esses livros.

Embora haja uma quantidade significativa de trabalhos relevantes sobre as telenovelas do autor em questão, não nos interessa aqui essa faceta exaustivamente explorada. Nosso foco está na pouco analisada contribuição de Aguinaldo Silva para a literatura brasileira e para a construção do emergente movimento homossexual da época. Talvez pelos temas marginais, pelas relações homossexuais, pela crítica política, pelo papel ativista do autor, crítico da moral vigente, ou por tudo isso ao mesmo tempo, seus livros, mesmo considerados de qualidade e sofrendo ações da censura, continuam pouco

ou não comentados pela crítica. Acreditamos que ao cumprir essa função, estaremos colaborando com a constituição de arquivos de história e memória dessa época, seja para a área de história, seja para a área de linguagens e jornalismo.

APARATO TEÓRICO

É fundamental compreender o contexto no qual Aguinaldo Silva produziu os escritos que iremos analisar. Elegemos as facetas de escritor, jornalista e ativista da causa homossexual como foco de nossa mirada, portanto, nos interessa muito a relação deste autor com o regime de exceção que assolou o país entre 1964 e 1981. Para nos debruçar sobre este período no limite das categorias elencadas, utilizaremos o livro *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade* (GREEN, QUINALHA, 2014). Este nos dá um panorama de como os discursos de pânico moral e virilidade operacionalizaram ferramentas que contribuíram com perseguição a homossexuais simplesmente por sua condição de “suspeitos” por não se adequarem à heteronormatividade social.

Em seu texto, *Apropriações queer do passado: pensando possibilidades a partir da experiência da Comissão da Verdade*, Castro; de Castro Neves e Abreu (2022) discutem o valor histórico de testemunhos e relatos (de especialistas e ativistas históricos do movimento LGBT) surgidos na comissão da verdade do estado de São Paulo (Intitulada Rubens Paiva). Os autores propõem revisitar perspectivas analíticas da história que colaboraram com o silenciamento de histórias e memórias de sujeitos homossexuais, durante os anos da exceção, com o objetivo de constituir arquivos e repensar as formas com as quais a historiografia tradicional negligenciou os testemunhos de cidadãos LGBT durante o regime militar, o que impossibilitou a constituição de arquivos dessa comunidade naquela época. Em sintonia com esses postulados, Arosa e Penna (2017), no texto *Homossexualidade, testemunho e cárcere: pensar o eu, pensar o outro*

afirmam: “é importante refletir como determinados enquadramentos de memória moldam nossa reflexão e nos impedem de enxergar esclarecedores aspectos de um evento, que podem estar à nossa frente, apenas não queremos enxergar, ou somos levados a não poder.” (AROSA; PENNA, 2017). Adotando este viés, pode-se produzir novas perspectivas críticas através de “reapropriações queer do passado” para reconstituir arquivos impossibilitados de serem percebidos como tal, diante de um saber poder heteronormativo que foi potencializado durante o regime militar. Ao seguir esse caminho

potente, pretendemos observar como os textos de Aguinaldo Silva podem ser valorizados por uma “apropriação *queer* do passado” que irá render “arquivos por constituir” a teoria e crítica literária Brasileira, ao jornalismo e à história, memórias e testemunho das perseguições sofridas pela comunidade LGBT em nossa história recente.

Inspirados na compreensão da “apropriação *queer* da história”, perguntamos: como a exclusão e os comentários negativos do “cânone literário” negativaram, silenciaram e escantearam autores e obras por serem homossexuais? Para responder a essa pergunta é importante seguir as considerações apontadas por Fernandes e Schneider (2017) no texto *Personagens travestis, exílio e subalternidade na literatura brasileira*, aqui eles apontam que o cânone literário é seletivo, pois estrutura-se numa ótica política dos corpos cisgêneros que constitui um corte e seleção que pode ser percebido como censura de temas: “censura essa que se configura não só pela omissão, mas pelos comentários negativos em torno da literatura homoerótica” (FERNANDES; SCHNEIDER, 2017, p. 52). Dalcastagné (2012) aponta que a literatura brasileira é um território constantemente contestado. Seja por autores, personagens ou pela teoria e crítica literária, nos amplos debates entre as questões estéticas, políticas e identitárias, o valor literário está em constante debate e disputa por diferentes sujeitos e subjetividades que imprimem suas marcas e filiações críticas no texto.

Dessa forma, nesse terreno movediço que é a literatura, nos inspiramos no conceito de tecnologias de olhar (HARAWAY, 1995) e selecionamos em nossos aportes teóricos, lentes *queer* para a literatura e os objetos de estudo abordados. Essas ferramentas são valorosas para revisitar um contexto histórico e literário pouco visibilizado, pela historiografia tradicional e pelo próprio cânone literário.

Seguindo a linha de Fernandes e Schneider (2017), é necessário criar vertentes engajadas de teoria e crítica literária, construindo um debate com teorias comprometidas com os sujeitos da diversidade sexual/de gênero e suas produções literárias, artísticas e culturais, dessa forma:

É importante perceber que a omissão de obras de temática homoerótica e das personagens travestis confirma, no cânone da literatura brasileira, a observação de Crystófol Y Sel (2008) de que a censura é característica da constituição dos cânones literários; censura essa que se configura não só pela omissão, mas pelos comentários negativos em torno da literatura homoerótica (FERNANDES; SCHNEIDER, 2017, p. 52).

Adentrar nessa seara não é apenas um ato de justiça política, histórica e literária, mas um movimento que busca rever as bases de como nossas teorias se apropriam de certas condições de dizer a verdade. O porquê - dentro desse regime heteronormativo de

verdade - certos sujeitos e produções foram visibilizadas e valorizadas enquanto outras foram silenciadas e negativas. Como afirma Arosa e Penna (2017): “Deseja-se, isso sim, trazer à luz discursos que não puderam, durante anos, ser ouvidos, em um silêncio muitas vezes cúmplice, que manteve e ainda mantém milhões de cidadãos na subalternidade, pela falta de reparação e justiça.” (AROSA; PENNA, 2017).

Baseado em sua leitura de KAKFA: Por uma literatura menor (2018), no texto *A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem*, Viana (2022) afirma que um devir minoritário é tanto um movimento de reivindicação das minorias sociais quanto um movimento de materialização daquilo que ainda não pode ser visto, nomeado ou compreendido (por tecnologias de olhar/saber-poder vigentes) por estar distante de padronizações normativas da maioria social, do “maior” dentro dos pares binários: HOMEM/mulher, BRANCO/preto, HÉTÉROSEXUAL/homossexual, etc. Esses devires se materializam e adquirem solidez ao questionar consensos das construções obnubiladas pelo padrão, a partir daí, constituem novas formas de subjetividade antes impossíveis. Por exemplo, a ascensão do “orgulho gay”, pouco viável durante o regime militar (e reivindicada pelo Lâmpião da Esquina), hoje se materializa, se estendendo não apenas para sujeitos ativistas e militantes, mas também para sujeitos que se percebem no prisma das identidades LGBT e que gozam da materialização das conquistas de lutas de todo um movimento e sujeitos que vieram antes deles.

Visando destacar esses processos de subjetivação proposto por uma escrita menor que encena e põe em movimento novas formas de subjetividade, destacamos o autor Aguinaldo Silva, assim como o devir minoritário que representou *O Lâmpião da Esquina* (1979-1981). Essa publicação disruptiva enfrentou a perseguição, o assédio, o constrangimento e a violência do regime militar para irromper uma cultura gay latente em uma população impedida pela censura e pela polícia, de se fazer visível no bojo de um regime que instrumentalizou o discurso heteronormativo em suas práticas de perseguição simbólica, política e policial. Diante disso, julgamos importante que este autor seja (re)lido e (re)interpretado por “lentes policromáticas” do conhecimento, colocando os autores LGBT não apenas como objetos de estudo, mas também no aparato teórico. Afinal, os estudos queer na literatura valorizam os sujeitos e subjetividades LGBT, população que, junto com a “marginália” de policiais e criminosos dos subúrbios, povoa a escritura de Aguinaldo Silva. Essa abordagem permitirá novas leituras analíticas sobre o periódico e contribuirá com a constituição de um “arquivo LGBT” que, na época, era impossibilitado de se constituir, como veremos a seguir.

METODOLOGIA

Iremos observar como os temas que compõem os textos do escritor Aguinaldo Silva no jornal *Lampião da Esquina* ressoam em seus livros escritos à época do regime militar, são eles: *Cristo partido ao meio* (1965); *Canção de Sangue* (1968); *Geografia do ventre* (1972) e *Inimigo público* (1984). Esses são livros que não receberam comentários de trabalhos acadêmicos, por vezes se encontram citados, mas ainda assim, a crítica e análise desses textos permanece em aberto. Para tal, faremos uma análise comparativa de como os temas que são objetos de textos do autor no jornal em questão vão ser retomados na literatura, assim como o contrário, afinal, estamos lidando com um jornalista escritor e com base nos trabalhos já realizados até aqui, sabemos que em certos momentos esses papéis sociais “se confundem”. Como o Aguinaldo Silva retoma, no presente, algumas obras e temas abordados por ele no passado, nós traremos na análise os textos de seu blog pessoal.

DISCUSSÃO

Acreditamos que a escrita de Aguinaldo Silva produz um devir minoritário (DELEUZE; GUATTARI, 2018) na literatura brasileira e seus cânones ao construir uma linguagem contestatória à repressão moral do regime. Isso acontece, tanto pelo fato de o autor assumir sua orientação sexual e ambiguidade de gênero, quanto pela presença de personagens do universo LGBT em seus textos. Destacamos que nossa reconstituição de um arquivo literário e sua literalidade negada, possibilitada no presente por um viés minoritário, não significa, reiterar o cânone “anexando” “novos” ou “esquecidos” autores de temáticas “desprivilegiadas”. Proceder devires minoritários não é inverter as relações entre maior e menor, nem transformar o minoritário em majoritário, mas sim, abolir fronteiras e pares binários que efetivaram violências físicas e epistemológicas. Defender um viés minoritário é ser crítico das relações de poder que estabelecem o que é válido ou não no campo dos estudos literários. Empreender um viés teórico minoritário não é apenas uma forma de olhar para um passado esquecido, mas também de constituir o presente, na escolha de teorias aptas a investigar a fluidez das identidades, epistemologias e temas que estão em jogo no contestado e disputado território da literatura. É nesse contexto que buscamos discutir e analisar os textos e temas aqui propostos e sua aparição em diferentes gêneros textuais.

Para um autor que tinha sua sexualidade como um espaço a ser posto em suspeito, contestar os espaços em que atuava e escrevia é “natural”. Seja no universo da literatura, ou do jornalismo, o autor se destacou e ganhou papel de importância no mundo editorial. Apesar disso, a política de moral e bons costumes do governo autoritário estiveram sempre “na cola” do escritor: na sua prisão, em 1969; na censura de seu livro *Dez histórias imorais* (1967), nove anos depois após sua primeira publicação; na perseguição sofrida pelos editores do *Lampião da Esquina*³ em 1979. A sexualidade de Aguinaldo Silva sempre foi colocada como problema: seu professor de latim na infância, escreveu uma “carta de recomendação” ao banco em que, aos 16 anos Aguinaldo Silva trabalha, informando que “Apesar da pouca idade, o aluno em questão já revela, nos gestos e trejeitos, visíveis tendências sodomitas”⁴ ao confirmar o fato com o próprio autor, o gerente o demitiu por este motivo. O sistema heteronormativo sempre perseguiu o autor e este é um tema que rondará os textos escritos por ele. A partir daqui, podemos perceber como o autor assume seu papel de sujeito histórico e passa a questionar esse lugar de gueto, como jornalista de um jornal “homossexual” engajado, como autor que escreve, não apenas, mas também, sobre homossexualidade ao fazer um “retrato” sobre os cidadãos marginais das periferias brasileiras e da corrupção policial sempre presente nesses espaços.

REFERÊNCIAS

AROSA, Guido Vieira; PENNA, João Camillo. Homossexualidade, testemunho e cárcere: pensar o eu, pensar o outro. **Literatura e Autoritarismo**, n. 30, 2017.

CASTRO, Luciano Rodrigues; DE CASTRO NEVES, Ana Paula; DE ABREU, Daniel Albuquerque. Apropriações queer do passado: pensando possibilidades a partir da experiência da Comissão da Verdade. **Revista Aedos**, v. 14, n. 32, 2022.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte. 2012. *Kindle*.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque; SCHNEIDER, Liane. **Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX** – Uma leitura sobre corpo e resistência. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Kafka: por uma literatura menor**. Autêntica, 2018.

³ Fatos analisados no artigo *Aguinaldo Silva, um escritor censurado* (REIMÃO, SANDRA, 2009).

⁴ Histórias contadas pelo autor no texto *Bendita esquisitice*, disponível em: <http://aguinaldosilva.com.br/2018/06/04/bendita-esquisitice/> (acessado em 10/06/2023)

HARAWAY, D. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, 1995, p. 7-41.

REIMÃO, Sandra. Aguinaldo Silva, um escritor censurado. **Intercom**: revista brasileira de ciências da comunicação, p. ág. 209-ág. 209, 2009.

SILVA, A. **Canção de sangue**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

SILVA, A. **Cristo partido ao meio**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

SILVA, A. **Geografia do ventre**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

SILVA, A. **O Inimigo Público Aguinaldo Silva**. Editora: Mercado Aberto, 1984.

SILVA, A. **Lábios que beije**. São Paulo: Siciliano, 1992.

VIANA, Wes. A variante menor em Deleuze: uma minoração DA linguagem. **Tempo Psicanalítico**, v. 54, n. 2, p. 457-482, 2022.

Palavras-chave:

Literatura de resistência. Literatura brasileira. Regime militar. Cânone Literário. LGBT.

ESTÉTICA FEMINISTA E PRÁTICAS SUBVERSIVAS NA ARTE: OS GRAFITES DE MARIA GALINDO

Yamil Escaffi¹
Profa. Dra. Valeria Amim (orientadora)²

*“El conflicto nos caracteriza
tanto como el mismo Illimani”*
(Maria Galindo)

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa propõe um olhar à obra de María Galindo, uma militante boliviana do feminismo anárquico, katarista, decolonial, despatriarcal, plural e autônomo (Mujeres Creando, 2005). O trabalho artístico de Galindo, desde a década de 90, denuncia a violência contra os corpos e as vidas das mulheres por meio da criação de grafites e performances, reivindicando a rua como palco de luta política. A obra de Galindo não é uma crítica apenas às estruturas patriarcais como a Igreja e o Estado, mas também a pensamentos que reproduzem ideias e práticas do capitalismo, do neoliberalismo e do colonialismo, que não proporcionam uma leitura interseccional das relações de poder em nossa sociedade.

Nesse sentido, esta pesquisa visa inserir-se na discussão ente arte e a relação intrínseca entre a colonialidade do poder, o corpo, e a criação artística, pensando a proposta artística de Maria Galindo como um dispositivo estético-político que produz novas subjetividades (RANCIERE, 2005) e modos de viver; como uma estética feminista (BOVENSCHEN, 1985; STUBS, 2015) que propõe novas formas de pensar-se mulher; como uma prática artística que, inserindo-se no debate atual sobre arte contemporâneo e post-vandalismo (HÜBSCH, 2022), “destrói” uma cidade para inscrever nela a marca e os traços da experiência de ser mulher (LAURETIS, 1994), desvelando novas formas de leitura, escrita, e de pensar-se literariamente no mundo.

Existem práticas artísticas subversivas que propõem, como estratégias de ex(re)sistência, uma multiplicidade de estéticas dissidentes, produzindo linhas de fuga, alianças, agendamentos, diante das configurações de poder que incidem sobre o gênero e

¹ yaeguzman@uesc.br Bolsista CAPES.

² vamim@uesc.br

o corpo. Estas práticas -políticas e estéticas- despertam novos olhares sobre as corporeidades, novos modos de subjetivação, do que significa existir e possuir uma experiência de vida além de aquela racionalizada como objetiva a partir de uma perspectiva universal masculina hetero-centrica privilegiada.

Nessa lógica, reconhecemos a produção artística de Maria Galindo como prática subversiva que produz uma estética feminista: novas formas de pensar a existência das mulheres e a relação entre corpo e autonomia com um enfoque primeiro antipatriarcal e segundo decolonial. Nesse sentido, o grafite de Maria Galindo, entendido como uma proposta literária feminista, possibilita formas de participação política de sujeitos que tradicionalmente ficam de fora do regime de visibilidade (Rancière, 2010), deixando uma marca de existência/experiência de estas corporeidades e suas possibilidades de subversão.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Pesquisar a prática artística de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando* como uma proposta estética feminista de produção de experiências, subjetividades, e de estar literariamente no mundo, com uma perspectiva antipatriarcal e decolonial.

Objetivos específicos

- Traçar uma história do movimento *Mujeres Creando* e do atuar político de Maria Galindo vinculada com a produção de grafites.
- Estabelecer um conjunto de obras de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando* que tematizem as linhas centrais da sua proposta feminista: a decolonização, a despatriarcalização, a autonomia e a pluralidade.
- Identificar a construção de uma estética feminista presente naqueles grafites produzidos como atos de resistência, subversão e ressignificação.
- Analisar os grafites de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando* como uma proposta literária feminista.
- Identificar, a partir da proposta estética de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando*, uma escrita e uma leitura literária feminista.

APARATO TEÓRICO

Entendemos que a arte “pode potencialmente produzir modos de subjetivação éticos-estéticos-políticos” (STUBS, 2015) Ou seja, novas formas de pensar-se sujeito que “respeitem as diferenças em sua pluralidade, criem novas suavidades no mundo e resistam às forças que segregam a vida.” (STUBS, 2015). Nesse sentido, concordamos com Guerra (2019, p.29) sobre o papel crucial da arte na resistência e subversão ao status quo. Para Guerra, a arte “propõe uma dupla rutura: com a visão da arte pela arte, afastada da realidade social, e com o estado das coisas.” É nesse sentido que, voltando para Stubs, vemos na arte uma abertura para a alteridade, pela capacidade de provocar “irrupção de linhas de subjetivação carregadas de um ímpeto crítico/inventivo diante do que nos chega pronto, resistindo e se dispondo a inventar novas formas de ser, estar, amar e se relacionar com o mundo.” (STUBS, 2015, p. 20).

Se segundo Rancièrre, uma estética designa um pensamento da arte, “o lugar onde se constitui uma ideia específica de pensamento.” (RANCIERE, 2015, p.13). Teóricas feministas podem pensar o termo “estética feminista” para se referir ao que tradicionalmente era chamado de "a arte das mulheres" (RAGO, 2013). Pensamos uma estética feminista que aponta para a relação entre corpo e autonomia, a desconstrução de estereótipos e, sobretudo, para a problematização interseccional entre gênero, raça, etnia e classe social. Entendemos uma estética feminista como:

“um certo modo de produção artística que, independentemente de estar ou não ligada a movimentos feministas, possui uma força inventiva/afirmativa enquanto estratégia ética/estética/política de subversão, resistência e criação de possibilidades de vida”. (STUBS et al., 2018, p.5)

Para Foucault, Deleuze e Guattari, o que denominamos como modos de subjetivação se refere às “possíveis variações e distintas composições nas formas de viver e se organizar como sociedade, que são mutáveis. Nessa perspectiva, o sujeito se forja por meio dos modos de subjetivação que têm caráter histórico e processual.” (BRITO, CANAVES, 2020). Nesse sentido, quando falamos que as estéticas dissidentes e as práticas subversivas na arte produzem novos modos de subjetividade, nos referimos a “modos de existir que assumam um posicionamento ético-estético-político (que problematizem) binarismos e fascismos que limitam e cortam nossas vidas, criando, ao mesmo tempo, saídas e fugas para este estado de coisas.” (STUBS, 2015, p.12).

A estética de Maria Galindo pode ser entendida como uma estética da experiência de ser mulher, uma vez que a obra dela está composta por “Ato estético como

configurações da experiência, que ensejam novos modos do sentir e induzem novas formas da subjetividade política” (RANCIERE, 2005, p.11). A experiência não é universal nem universalizante, entendemos a experiência como “o processo pelo qual, para todos os seres sociais, a subjetividade é construída. Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social (...) e na história” (LAURETIS, 1994, p. 2013)

Uma parte fundamental da estética de Maria Galindo pode ser encontrada na produção de grafites que são assinados pelo coletivo de mulheres *Mujeres Creando*. O grafite de Maria Galindo é uma arte que usa a cidade como pano de fundo, a rua como cenário político e, com isso, a transforma: o grafite produz outra cidade. “Seja pelas imagens figurativas, palavras de ordem, nomes de grupos, pelas intervenções em lugares inóspitos, desacreditados (...) criando e recriando a/na cidade.” (FURTADO e ZANELLA, 2009, p;1282). O grafite feminista de Maria Galindo fala sobre novos padrões de corporeidade, beleza e cuidados de si, propondo outros modos de constituição da subjetividade. E a produção desses grafites constituem uma “força afirmativa que tanto desconstrói a ideia de sujeito/a e subjetividade tradicionais quanto produz outras figurações para os corpos e para as subjetividades”. (STUBS et al., 2017, p.1)

Outra fonte teórica importante é a coleção de documentos, livros, fanzines, publicados pela própria editorial do coletivo *Mujeres Creando*, as mais representativas são: Galindo (2013a; 2013b; 2015; 2016; 2018; 2021), *Mujeres Creando* (2005, 2015), *Paredes* (1999), e Alvarez e Adrian (2015). No caso do grafite e produção artística urbana, consideramos os aportes de: Costa (2000), Gitahy (1999), Santos (1997), Silva (2001), e Tellez (1988).

Consideramos também um atravessamento por autores que produzem e refletem sobre subjetividade, corpo e violências: Beauviour (2009), Bourdieu (2012), Butler (2015), Foucault (1999; 2019), Kristeva (1987). Crítica ao sistema sexo- genérico: Hija de Perra (2014), Paul B. Preciado (2020a; 2020b; 2020c), Butler (2002; 2008; 2018). Crítica decolonial, colonialidade do poder e estúdios culturais decoloniais: Mignolo (2003; 2008), Quijano (1997), e Walsh (2012). E a relação colonialidade e gênero: Anzaldúa (1987; 2005), Espinosa Miñoso (2014a; 2014b), Lamas (2002), Lugones (2008; 2014), Rivera Cusicanqui (2010; 2015) e Segato (2003; 2014). Assim como de escrita de mulheres: Castellanos (2005), Guerra (2007), Anzaldúa (1987) e estéticas feministas: Bovenschen (1985), Stubs (2015; 2018), e Stubs et al. (2015; 2018).

METODOLOGIA

Para o primeiro objetivo, realizarei uma pesquisa de cunho bibliográfico com o fim de estabelecer uma história do atuar político de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando*, depois do exílio, ligada à produção de grafites. Para isso, utilizarei as publicações da própria Galindo, das colegas dela que fazem parte das *Mujeres Creando*, notícias do jornal nas quais aparece ela ou a obra dela, e publicações científicas que abordam e recuperam a história das *Mujeres Creando* como forma de organização política feminista.

Para o segundo e terceiro objetivo, identificarei, nos grafites de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando*, os traços específicos que estão ligados à produção verbal de Maria Galindo e de outras mulheres que fazem parte do coletivo (em entrevistas, slogans de protestas, performances); e da sua produção literária tradicional (roteiro, crônica jornalística). Isso permitirá identificar as linhas centrais de sua proposta feminista, que, embora indissociáveis, são reconhecidas *a priori* como a decolonização, a despatriarcalização e a construção de um feminismo heterogêneo e autônomo.

Neste ponto, será possível reconhecer e analisar os grafites de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando* como parte fundamental da sua estética feminista, uma vez que os grafites são obra de arte visceralmente política que torna visível -que leva para a rua e para outros cenários públicos com um espírito de coletivo de mulheres plurais- uma proposta/potência feminista que produz novas figurações para os corpos e novas produções de subjetividades além das tradicionais.

Para o quarto e quinto objetivo, primeiro identificarei nos grafites de Maria Galindo e do movimento feminista *Mujeres Creando* as marcas que distinguem esses grafites de outros: os traços autorais, as marcas na escrita, o tipo de letra e as cores utilizadas, a forma como eles são assinados, a intertextualidade ou referências a outros poemas, a presença de rima ou ritmo, o uso de figuras da linguagem etc. Posteriormente, analisarei estes elementos defendendo a tese de que tanto a leitura como a escritura de estes grafites são literárias e propõem novas formas de pensar-se literariamente no mundo além do considerado tradicionalmente como literatura, uma vez que trazem o mundo privado do linguístico para o espaço público.

DISCUSSÃO

Um grafite surge em um contexto de conflito. Inscreve-se na parede como uma faixa de protesto que é tatuada na cidade. Detona e deixa rastros de sua explosão, e não estamos falando apenas da marca que fica sob uma camada de tinta. O grafite não deixa marcas porque ele próprio é uma marca. É um registro de uma voz que enuncia e que não cabe nos livros. Porque quando essa voz fala, é uma voz que grita, de autoria coletiva, de alcance popular, de rua. Um grafite não tem processo editorial, tiragem, rede de distribuição ou ponto de venda. O mecanismo do grafite é gritar, melhor ainda, fazer parte do grito, para conseguir reconhecer ele à distância; para lê-lo plenamente ou com dissimulação; para que quem passe pela rua, dias depois, saiba que algo aconteceu neste lugar: que havia alguém aqui e que estava gritando.



Mulher e parede. (MUJERES CREANDO, 2005 p.25)



Grafite e protesto. (MUJERES CREANDO, 2005 p. 24)



Grafite e protesto (detalhe) (MUJERES CREANDO, 2005 p. 23)

Dizer "*Lucha ama a Victoria*" é chamar-se publicamente de lésbica, enfrentar o aparato homofóbico que ameaça e vulnera mulheres lesbica e bissexuais, é mergulhar nas identidades heterogêneas que fazem parte do colectivo feminista *Mujeres Creando* no reconhecimento interseccional das opressões. A escolha do nome *Lucha* contém dois elementos: a potência de luta das mulheres frente ao papel passivo tradicional da mulher; e também um caráter popular: *Lucha*, a diferença de que poderia ser *Lú* ou *Luli*, é um apelido que faz parte do imaginário da classe trabalhadora, especialmente entre as mulheres *cholas*, termo que designa uma identidade feminina boliviana configurada pela miscigenação racial e marcada pela segregação e exclusão.

Dizer "*Lucha ama a Victoria*" também é reconhecer no amor uma força criativa que busca reivindicar e subverter o caráter pejorativo das identidades dissidentes, reconciliando as diferenças entre as mulheres mediante um “tejido de solidariedades” femininas (ALVAREZ, 2015, p.35). E também reconhecer uma vitória na luta por um feminismo autônomo e heterogêneo que propõe novas figurações para as subjetividades.



Grafite. (MUJERES CREANDO, 2005 p.63)

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, Helen. Utopía: Cabalgaduras que nos hace gigantes en miniatura. In: MUJERES CREANDO. **La virgen de los Deseos**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2005.
- ALVAREZ, H.; ADRIAN, Rosario. **Maternidad y soberanía sobre nuestro cuerpo**. La Paz: Mujeres Creando, 2015.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderline / La frontera**. The new mestiza. San Francisco: Aunt Lute, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Revista estudos feministas**, v. 13, n. 3, p. 704-719, set. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>> Acesso em: 20 jan. 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOVENSCHEN, Silvia. Existe uma estética feminista? In: ECKER, Gisela (Org.). **Estética Feminista**. Barcelona: Icaria Editora, 1985. pp. 21- 58.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro: 2008.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista** [1988]. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno de leituras, n. 78, 2018. 16 p.
- BRITO, Wallace da Costa; CANAVEZ, Fernanda. Modos de Subjetivação e Contemporaneidade: uma Reflexão sobre a Memória. **Gerai, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 1-24, dez. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000300014&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 22 jan. 2023.
- COSTA, Roaleno Ribeiro Amâncio. **A Recepção e a Estética das Imagens Grafitadas nos Espaços da Cidade de São Paulo**. 2000. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 27 jan. 2023.
- ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Feminismo decolonial: Una ruptura con la visión hegemónica, eurocéntrica, racista y burguesa. [Entrevista concedida a José Maria Barroso]. **Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales**, v. 2, n. 3, p. 22-33, 2014a. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6624988>> Acesso em: 25 jan. 2023.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. **El cotidiano**, n. 184, p. 7-12, 2014b. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/325/32530724004.pdf>> Acesso em: 29 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Folie, langage, littérature**. Paris: Vrin, 2019.

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2023.

GALINDO, María. **Ninguna mujer nace para puta** La Paz: Mujeres Creando, 2013a.

GALINDO, María. **No se puedo descolonizar sin despatriarcar**. La Paz: Mujeres Creando, 2013b.

GALINDO, María. **Espejito mágico**. La Paz: Mujeres Creando, 2015.

GALINDO, María. Entrevista concedida a Alana Moraes, Mariana Patrício e Tatiana Roque. *Sur – Revista internacional de direitos humanos*, v. 13, n. 24, 2016. Disponível em: <<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/21-sur-24-por-maria-galindo.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2023.

GALINDO, María. **Sin libertad sexual no hay libertad política**. La Paz: Mujeres Creando, 2018.

GALINDO, María. **Feminismo bastardo**. La Paz: Mujeres Creando, 2021.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GUERRA, Lucia. **Mujer y escritura: Fundamentos teóricos de la crítica feminista**. México DF: Universidad Autónoma de México, 2007.

GUERRA, Paula. Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 28, n. 55. sept./dec. 2019, pp. 19-49. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/3668>> Acesso em: 06 jan. 2023.

HÜBSCH, Julien. Post-vandalism, construction sites and Jupiler beer [Entrevista concedida a Katja Taylor] **CULTURE.LU**. Luxemburgo, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.culture.lu/blog/articles/interviews/post-vandalism-construction-sites-and-jupiler-beer-conversation-julien>. Acesso em: 13 jun. 2023

KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. México D.F.: Siglo XXI, 1987.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA Heloisa Buarque

(Org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LAMAS, Marta. **Cuerpo: Diferencia sexual y género**. México D.F.: Taurus, 2002.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rosa**, Bogotá, n. 9, 2008, p. 73-101. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/396/39600906.pdf>> Acesso em: 29 set. 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935–952, set. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>> Acesso em: 20 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n 34, p. 287-324, 2008.

MUJERES CREANDO. **La Virgen de los Deseos**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2005, p. 1-256.

MUJERES CREANDO. **Mujeres grafiteando mas**. La Paz: Mujeres Creando, 2015.

PAREDES, Julieta. **Grafiteadas**. La Paz: Mujeres Creando, 1999.

PERRA, Hija de. Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma. **Revista Punto Género**, n. 4, p. 9-16, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5354/2735-7473.2014.36405>> Acesso em> 10 jan. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas**. São Paulo: A palavra solta, 2020a.

PRECIADO, Paul B. **O terror anal**. Rio de Janeiro: A bolha, 2020b.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020c.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: **Anuário Mariateguiano**. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: ed. Hucitec, 1997.

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SEGATO, Rita. **Las nuevas formas de guerra y el cuerpo de las mujeres**. Sociedad y estado. v. 29, n. 2, p. 341-371, 2014.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

STUBS, Roberta. **A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade**. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp) Campus de Assis, 2015, 277 p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136107>> Acesso em: 23 jan. 2023.

STUBS, Roberta. Pensando uma estética feminista na arte contemporânea: diálogos entre a história e a crítica da arte com o feminismo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis v.26, n.1, e50693, abr. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n150693>> Acesso em: 23 jan. 2023.

STUBS, R. et al. Corpos, subjetivações estéticas e arte e feminismos: passagens na pesquisa em Psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 211–18, set. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1486>> Acesso em: 23 jan. 2023.

STUBS, R. et al. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, p. e38901, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n238901>> Acesso em: 23 jan. 2023.

TELLEZ, Armando Silva. **Graffiti: Uma Ciudad Imaginada**. Bogotá: Tercer Mundo Ed, 1988.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412/1511>> Acesso em: 23 jan. 2023.

Palavras-chave:

Literatura feminista. Estética feminista. Corpo-Experiência. Artivismo. Subjetividades.

